

REVISTA DA SEMANA

N.º 32

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

9-8-47

CONTINENTAL
N.º 1
DE JANEIRO
1948





JOIAS MODERNAS

DALE Evans, do elenco da Republic, oferece algumas dicas americanas em matéria de jóias. São dicas que, como nos mostra Miss Dale, podem ser usadas com o mesmo efeito de bolsas.





E' triste, é muito triste: morreu o canário Bobby, de Sua Majestade, o rei da Inglaterra. Um canário sabido, que, entre outras coisas, sabia assobiar o Hino Nacional Inglês, o famoso "God Save The King", sem saltar uma nota. Enfim, o mundo tem disto: morrem os canários e morrem os homens, estes mais que os canários. Na Palestina, morreram alguns ingleses, enforcados, e alguns judeus, fusilados, tudo por causa do conflito que ali vem rolando. Não eram canários, mas provavelmente todos eles sabiam assobiar também o "God Save The King". A bomba atômica, que matou e aleijou muita gente — e que foi, até hoje, a mais terrível e brutal arma de guerra de emprego indiscriminado, utilizada, — parece, que vai contribuir para aumentar a vida humana. Pelo menos, é o que os telegramas nos dizem, falando do isótopo rádio-ativo, que teria a propriedade de combater o câncer e de influenciar, também, o coração. Não nos perguntem o que significa isótopo. Tudo quanto podemos dizer é que é isótopo mesmo. O arcebispo D. Carlos Duarte da Costa, fundador da Igreja Católica Brasileira, ex-bispo católico de Maura, quis ir à Venezuela, para sagrar monsenhor Castillo como chefe da Igreja Venezuelana, mas não obteve visto no seu passaporte, por se opor a isso o governo de Caracas. Mas o remédio é fácil: sagre-se monsenhor Castillo a si mesmo e deixe-se de histórias. Para que esse luxo? D. Carlos Duarte da Costa não se sagrou a si mesmo? As hostilidades que se iniciaram entre a Holanda e a jovem República da Indonésia cessaram mediante intervenção da ONU e da ameaça de rompimento de relações diplomáticas de cinquenta nações com os beligerantes. Agora pode ser que se resolva com boas palavras o que vinha sendo resolvido com tiros de canhões. Nos Estados Unidos, realizaram-se veementes manifestações anti-britânicas, sendo pintadas cruces swásticas em vermelho nos edifícios de vários consulados ingleses, em cinco grandes cidades norte-americanas. Os manifestantes acusam a Inglaterra de imitar os nazistas na campanha contra os judeus na Palestina. Os telegramas não nos informam se, em represália, os ingleses estão fazendo, na Inglaterra, manifestações contra os linchamentos de negros e os preconceitos de raça nos Estados Unidos... Na França, depois de um inverno terrível, sobreveio um verão ainda mais terrível. Eis o que diz, a respeito, um telegrama da United Press: "A onda de calor, que já se prolonga por treze dias, determinou a criação de novas modas para as mulheres, confiando perigosamente com o nudismo, enquanto os famosos cafés de Paris abandonaram sua tradição secular e forneceram pedaços de gelo para serem introduzidos nos copos de vinho. O calor tem sido tão inclemente que até as beldades dos "shows" de nudismo se queixaram da temperatura. No departamento do Loire cerca de cento e vinte cavalos morreram de insolação, enquanto nas áreas balneárias do Sena várias pessoas morreram afogadas." O "Diário de Notícias", de acingimo, publicou uma anedotinha sobre o falecido rei Cristiano, da Dinamarca, um homem que foi amado pelo seu povo e que passará à história como um grande democrata. Vale a pena transcrevê-la, para ver se, com isso convertamos algum espírito recalcitrante e nobre e bela causa da democracia. Aqui está: "O rei Cristiano da Dinamarca, falecido recentemente, era muito querido dos seus súditos. Certo da amizade do seu povo, sem recear os governadores que desmereceram a confiança das populações cujo destino dirigem, o soberano passeava a cavalo nas ruas de Copenhague, dispensando a companhia e escolta. Surpreendido com esse fato, um oficial alemão perguntou certa vez a um transeunte: — Quem protege o rei nesses passeios? E o dinamarquês interrogado replicou: "Nós todos". Boa, não é? Pois o rei Haakon, da Noruega, que ainda está vivo, com mais de setenta anos, — e comemorou há poucos dias o seu aniversário, — é da mesma família e, também, um grande democrata. Foi ele o primeiro rei a governar com um gabinete socialista. Sabiam? Bem, vamos a outro assunto. O Sr. Oswaldo Aranha foi eleito presidente da Sociedade dos Amigos da América, por 343 votos, derrotando seu adversário, o vibrante jornalista Rafael Corrêa de Oliveira, que obteve 128 votos. Depois da explosão do navio "Ocean Liberty" no porto de Brest, o governo francês proibiu a permanência, em seus portos, de cargueiros conduzindo explosivos. E fez bem, porque, naquela explosão, morreram vinte pessoas, além de ter ficado o casis danificado. Por isso, o cargueiro americano, "Arthur P. Fairfield" foi obrigado a deixar as presas o porto do Havre... O presidente perpétuo e ditatorial da República Dominicana, o pitoresco e caricato Don Rafael Leonidas Trujillo Molina, não tem dormido muito bem nos últimos dias, com as notícias da preparação de um levante que está sendo preparado, com forças de desembarque que, ao que se diz, partirão de Cuba, com um navio de guerra e alguns aviões para protegê-las. Diz-se que essas forças são democráticas e chefiadas pelo general Juan Rodriguez e pelo Dr. Angel Morales. Mas Trujillo diz que se trata de comunistas. Dizem que, no Haiti, há também forças preparadas para o ataque, dispondo os revolucionários de três mil homens bem municiados. Segunda-feira, dizia-se que os rebeldes do Paraguay ganhavam terreno e iniciavam o ataque aos arredores de Assunção. E' curioso isso, tanto mais que, no domingo, o general Morínigo perene ditador do Paraguay, dizia estar às portas da vitória. Intensifique o uso do cheque, eis uma recomendação feita com insistência a muita gente. Mas uma ladra mineira, vindo ao Rio, depositou duzentos cruzeiros no Banco do Brasil e começou a comprar joias, vestidos e tudo o mais, com cheques sem fundos... até que foi presa, achou ruim e pediu "habeas corpus". O nome da ladra era Maria Esther de Oliveira Ariguela, mas estava registrada com um nome suposto num pequeno hotel.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; em fim não se tem vontade



nem coragem nenhuma de trabalhar!

Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — São serão aceitos no concurso permanente de **REVISTA DA SEMANA** contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discurrir com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de **REVISTA DA SEMANA** não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo officio, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "**Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA**".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e a banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



JOIAS MODERNAS

DALE Evans, do elenco da Republic, oferece, a vocês, quatro moderníssimas criações americanas em matéria de jóias. São originalíssimas, de grande efeito decorativo e, como nos mostra Miss Dale, podem ser usadas de diversas maneiras, inclusive como enfeite de bolsas.





E' triste, é muito triste: morreu o canário Bobby, da Sua Majestade, o rei da Inglaterra. Um canário sabido, que, entre outras coisas, sabia assobiar o Hino Nacional Inglês, o famoso "God Save The King", sem faltar uma nota. Enfim, o mundo tem disto: morrem os canários e morrem os homens, estes mais que os canários. Na Palestina, morreram alguns ingleses, enforcados, e alguns judeus, fuzilados, tudo por causa do conflito que ali vem rolando. Não eram canários, mas provavelmente todos eles sabiam assobiar também o "God Save The King". A bomba atômica, que matou e aleijou muita gente — e que foi, até hoje, a mais terrível e brutal arma de guerra de emprego indiscriminado, utilizada, — parece, que vai contribuir para aumentar a vida humana. Pelo menos, é o que os telegramas nos dizem, falando do isótopo rádio-ativo, que teria a propriedade de combater o câncer e de influenciar, também, o coração. Não nos perguntem o que significa isótopo. Tudo quanto podemos dizer é que é isótopo mesmo. O arcebispo D. Carlos Duarte da Costa, fundador da Igreja Católica Brasileira, ex-bispo católico de Maura, quis ir à Venezuela, para sagrar monsenhor Castillo como chefe da Igreja Venezuelana, mas não obteve visto no seu passaporte, por se opor a isso o governo de Caracas. Mas o remédio é fácil: sagre-se monsenhor Castillo a si mesmo e deixe-se de histórias. Para que esse luxo? D. Carlos Duarte da Costa não se sagrou a si mesmo? As hostilidades que se iniciaram entre a Holanda e a jovem República da Indonésia cessaram mediante intervenção da ONU e da ameaça de rompimento de relações diplomáticas de cinquenta nações com os beligerantes. Agora pode ser que se resolva com boas palavras o que vinha sendo resolvido com tiros de canhões. Nos Estados Unidos, realizaram-se veementes manifestações anti-britânicas, sendo pintadas cruces swásticas em vermelho nos edifícios de vários consulados ingleses, em cinco grandes cidades norte-americanas. Os manifestantes acusam a Inglaterra de imitar os nazistas na campanha contra os judeus na Palestina. Os telegramas não nos informam se, em represália, os ingleses estão fazendo, na Inglaterra, manifestações contra os linchamentos de negros e os preconceitos de raça nos Estados Unidos... Na França, depois de um inverno terrível, sobreveio um verão ainda mais terrível. Eis o que diz, a respeito, um telegrama da United Press: "A onda de calor, que já se prolonga por treze dias, determinou a criação de novas modas para as mulheres, confiando perigosamente com o nudismo, enquanto os famosos cafés de Paris abandonaram sua tradição secular e forneceram pedaços de gelo para serem introduzidos nos copos de vinho. O calor tem sido tão inclemente que até as beldades dos "shows" de nudismo se queixaram da temperatura. No departamento do Loire cerca de cento e vinte cavalos morreram de insolação, enquanto nas áreas balneárias do Sena várias pessoas morreram afogadas." O "Diário de Notícias", de acoimado, publicou uma aneddotinha sobre o falecido rei Cristiano, da Dinamarca, um homem que foi amado pelo seu povo e que passará à história como um grande democrata. Vale a pena transcrevê-la, para ver se, com isso convertermos algum espírito recalcitrante e nobre e bela causa da democracia. Aqui está: "O rei Cristiano da Dinamarca, falecido recentemente, era muito querido dos seus súditos. Certo da amizade do seu povo, sem recear os governadores que desmereceram a confiança das populações cujo destino dirigem, o soberano passeava a cavalo nas ruas de Copenhague, dispensando a companhia e escolta. Surpreendido com esse fato, um oficial alemão perguntou certa vez a um transeunte: — Quem protege o rei nesses passeios? E o dinamarquês interrogado replicou: "Nós todos" Boa, não é? Pois o rei Haakon, da Noruega, que ainda está vivo, com mais de setenta anos, — e comemorou há poucos dias o seu aniversário, — é da mesma família e, também, um grande democrata. Foi ele o primeiro rei a governar com um gabinete socialista. Sabiam? Bem, vamos a outro assunto. O Sr. Oswaldo Aranha foi eleito presidente da Sociedade dos Amigos da América, por 343 votos, derrotando seu adversário, o vibrante jornalista Rafael Correia de Oliveira, que obteve 128 votos. Depois da explosão do navio "Ocean Liberty" no porto de Brest, o governo francês proibiu a permanência, em seus portos, de cargueiros conduzindo explosivos. E fez bem, porque, naquela explosão, morreram vinte pessoas, além de ter ficado o casis danificado. Por isso, o cargueiro americano, "Arthur P. Fairfield" foi obrigado a deixar as presas o porto de Havre... O presidente perpétuo e ditatorial da República Dominicana, o pitoresco e caricato Don Rafael Leonidas Trujillo Molina, não tem dormido muito bem nos últimos dias, com as notícias da preparação de um levante que está sendo preparado, com forças de desembarque que, ao que se diz, partirão de Cuba, com um navio de guerra e alguns aviões para protegê-las. Diz-se que essas forças são democráticas e chefiadas pelo general Juan Rodriguez e pelo Dr. Angel Morales. Mas Trujillo diz que se trata de comunistas. Dizem que, no Haiti, há também forças preparadas para o ataque, dispondo os revolucionários de três mil homens bem municiados. Segunda-feira, dizia-se que os rebeldes do Paraguay ganhavam terreno e iniciavam o ataque aos arredores de Assunção. E' curioso isso, tanto mais que, no domingo, o general Morínigo perene ditador do Paraguay, dizia estar às portas da vitória. Intensifique o uso do cheque, eis uma recomendação feita com insistência a muita gente. Mas uma ladra mineira, vindo ao Rio, depositou duzentos cruzeiros no Banco do Brasil e começou a comprar joias, vestidos e tudo o mais, com cheques sem fundos... até que foi presa, achou ruim e pediu "habeas corpus". O nome da ladra era Maria Esther de Oliveira Ariguela, mas estava registrada com um nome suposto num pequeno hotel.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; enfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convém usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.
- 4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias de estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e a banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES





Na página à esquerda: os noivos rompem a massa dos curiosos, a caminho do altar de Nossa Senhora Menina, a basílica da Igreja Católica Brasileira; em cima, os noivos, Heber Boscoli e Yara Salles, e o padrinho César Ladeira, ouvem compenetradamente as palavras do cerimonial, proferidas pelo arcebispo D. Carlos Duarte da Costa (ex-bispo de Maura) o fundador daquele novo ramo do catolicismo.

UM CASAMENTO COMO POUCOS...

A popularidade que o rádio dá é, por vêzes, desconcertante. Atores que passaram mais ou menos modestamente pelo teatro, — é esse o caso do extinto Plácido Ferreira e de sua esposa, Cordélia, — paulatinamente conquistam um público fiel de dezenas, senão de centenas de milhares de fans, constituindo-se em cartazes de grande prestígio nas nossas emissoras. Ismênia dos Santos, que, como atriz, não passou de uma "estrêla" dos nossos teatros populares, como o São José, por exemplo, é uma autêntica glória do rádio. Barbosa Junior, que no teatro era um elemento secundário, passou a "astro" de primeira grandeza, fez fama e fortuna. Em compensação, fi-

A DUPLA ROMÂNTICA DO "TRIO DE OSSO" LEVOU À TI-JUCA ALGUNS MILHARES DE "FANS". — CERIMÔNIA IRRADIADA, SENDO OFICIANTE D. CARLOS DUARTE DA COSTA, FUNDADOR DA IGREJA CATÓLICA BRASILEIRA (EX-BISPO DE MAURA) — OS PADRINHOS

Reportagem de DEMOSTENES VARELA

Fotos de CAIUBY SALLES



guras de renome no teatro às vezes tentam o rádio, mas levam com uma porta na cara, permanecendo ignorados do grande público, fazendo, quando muito, um sucesso medíocre...

Tal não foi o caso de Yara Salles, que, de um salto, passou de amadora do Teatro do Estudante (nessa ocasião era datilógrafa

do Ministério das Relações Exteriores) a grande figura do rádio carioca, intérprete de novelas, como rádio atriz e animadora de programas de estúdio. Depois, aliando-se a Heber de Boscoli, um jovem e dinâmico locutor, com capacidade para criar e dirigir programas, e a Lamartine Babo, o popular humorista e

compositor de marchas carnavalescas, passou a gozar de um prestígio ainda maior, sendo não só ouvida pelo rádio, mas aplaudida diariamente num dos nossos teatros, no mais criticado dos programas de rádio do Brasil, o "Trem da Alegria", mas também o que faz maior movimento de bilheteria. A antiga datilógrafa do Ministério das Relações Exteriores, tendo participação das rendas do programa, com certeza ganha hoje bastante mais do que qualquer dos nossos embaixadores que não estão no estrangeiro recebendo em ouro... Fazemos, também, nossas restrições ao programa em questão, no qual Yara Salles, Heber Boscoli e Lamartine Babo adotam um nome de guerra coletivo, o de

A esquerda: Os recém-casados, ladeando D. Carlos Duarte da Costa (ex-bispo de Maura), respondem, de uma sacada, às saudações dos "fans" presentes... Sim, porque os ausentes ouviram a irradiação do casamento, da primeira à última palavra, através do programa do "Trem da Alegria"...



"Trio de Osso", por serem todos os seus componentes dotados mais de osso que de carne... Mas a popularidade do programa que eles fazem é inegável e, ainda agora, por ocasião do casamento de Yara Salles com Heber Boscoli, desfecho de um romance de amor já bastante velho, esse prestígio se ovidenciou mais uma vez, pois uma verdadeira multidão cercou a igreja de Nossa Senhora Menina, para assistir ao matrimônio dos dois artistas de rádio.

Outras circunstâncias concorreram para aumentar a curiosidade dos "fans" em torno do acontecimento. Uma foi o fato de ter sido o casamento irradiado, como um autêntico "show". Outra foi o fato de ter sido celebrante o famoso arcebispo D. Carlos Duarte da Costa, fundador da Igreja Católica Brasileira e originador, portanto, de um chisma, pois, como é sabido, era ele o bispo titular de Maura, da Igreja Católica Apostólica Romana, da qual se afastou por divergências de ordem doutrinária. E ainda uma circunstância a levar em conta: a popularidade de alguns dos padrinhos, — que eram a rádio-atriz Zezé Fonseca, o locutor Cesar Ladeira e o humorista Lamaertine Babo. O "Trem de Alegria" compareceu ao casamento, numa espécie de cordão, improvisado pelos seus músicos, técnicos e artistas eventuais, todos desejosos de apresentar parabens aos noivos. As festas com que foram celebrados os esponsais foram ruidosas, — e é claro que, cumprindo a nossa missão de repórteres, não podíamos deixar de focalizar o singular acontecimento que abalou o meio radiofônico e o bairro da Tijuca, no dia 28 de julho...

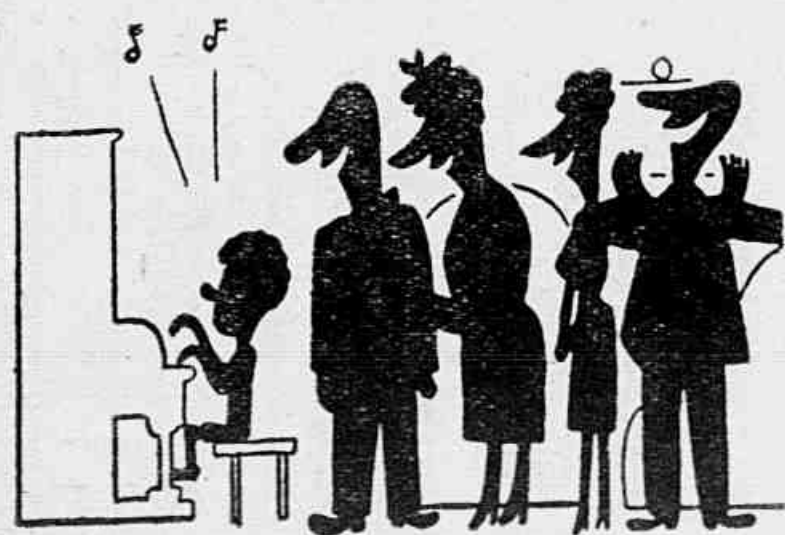
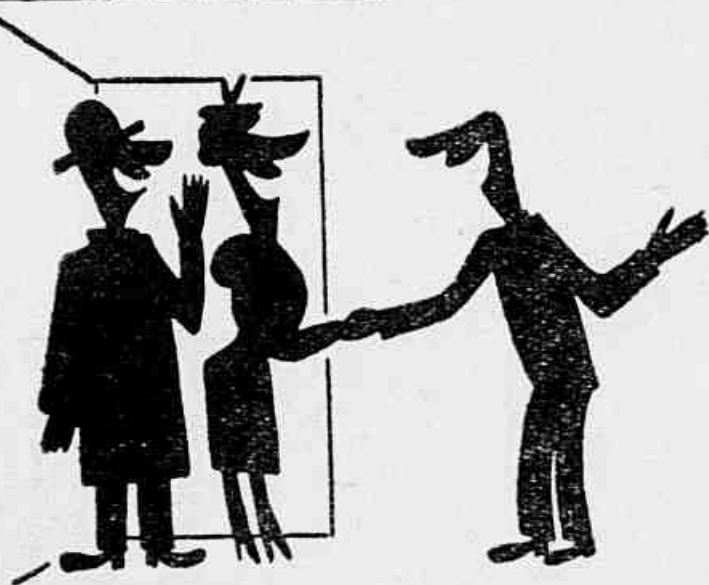
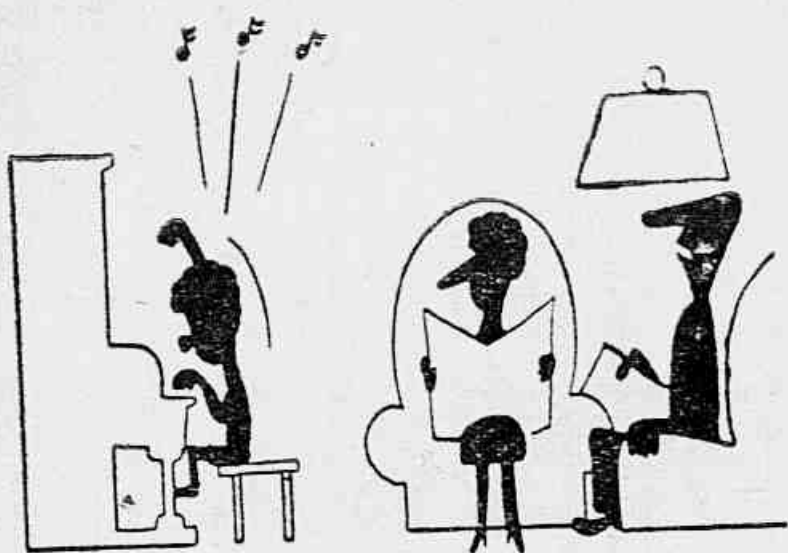
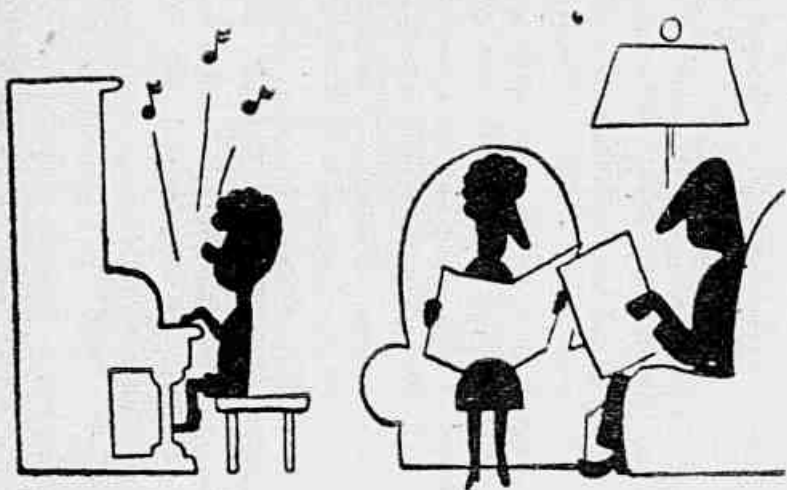


A direita, a multidão de "fans" de Yara Salles e de Heber Boscoli, — gente simples, gente do povo, identificável facilmente como tal pelas fisionomias e pelo modo de vestir, forcejando para passar através dos cordões de isolamento, prudentemente colocados ao redor do templo. Os guardas, — talvez também, "fans" do "Trem da Alegria", mantiveram a ordem pavorosamente. Mas na hora da noiva passar, não houve quem contivesse os "fans", que queriam abraçar, apertar, tocar nos ossos dos seus ídolos radiofônicos...

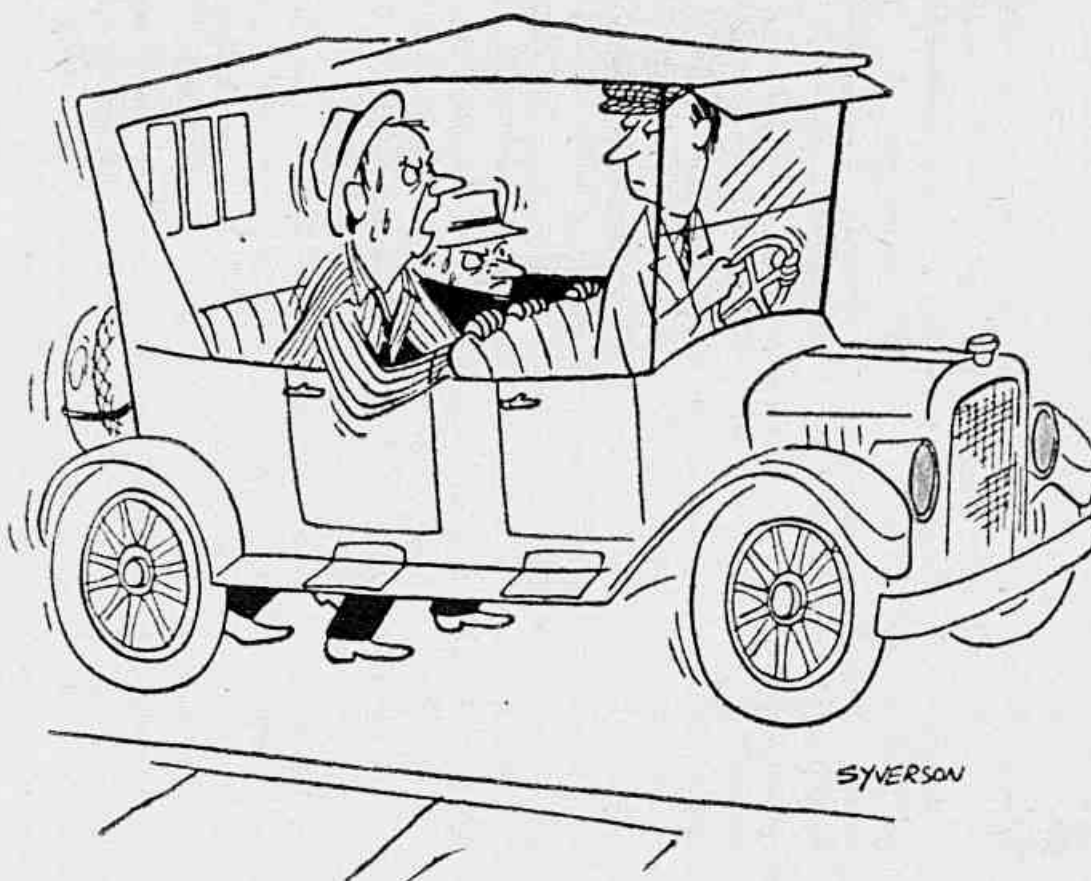




CRIANÇAS PRODÍGIO



BOM HUMOR



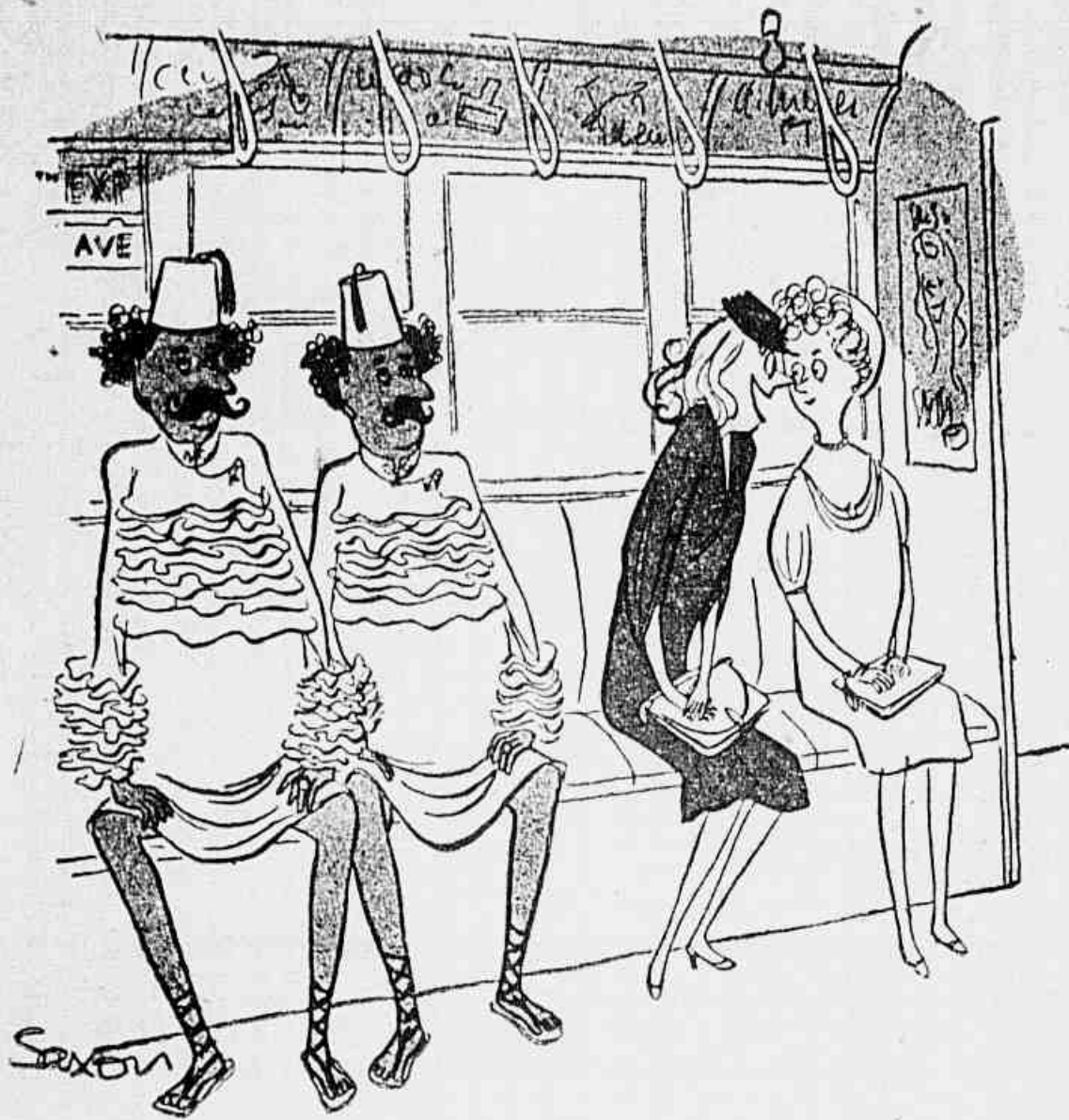
— Pode nos deixar saltar na próxima esquina?



— Ele pensa que eu não vejo quando dá em cima das outras...



— Fique certa de que sempre dá resultado...



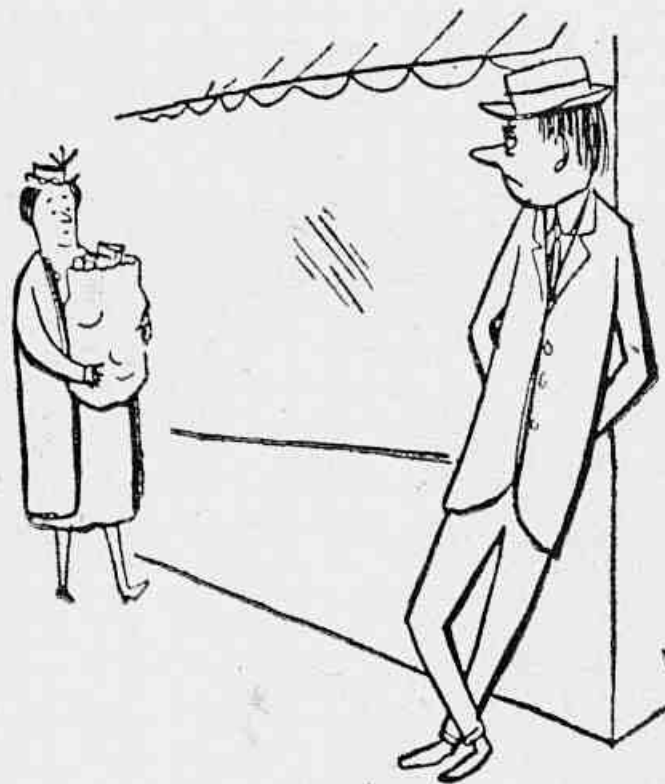
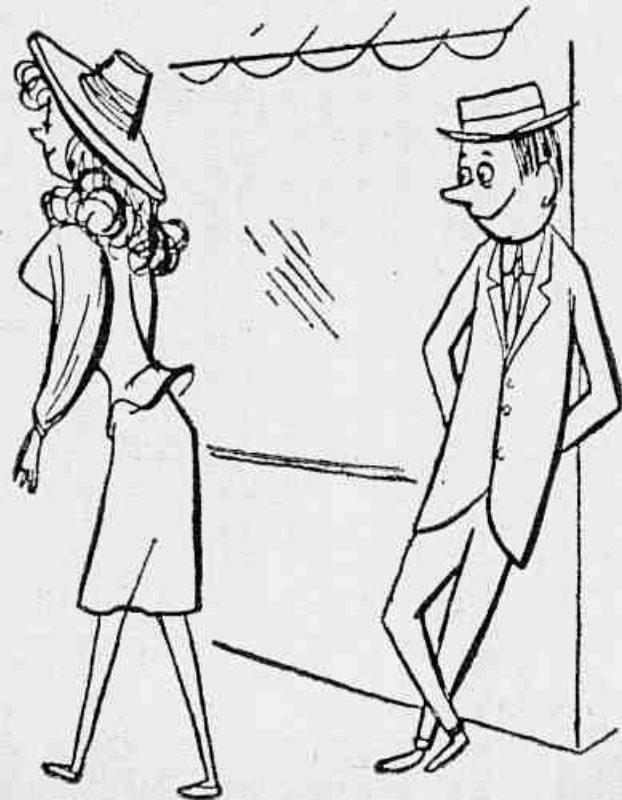
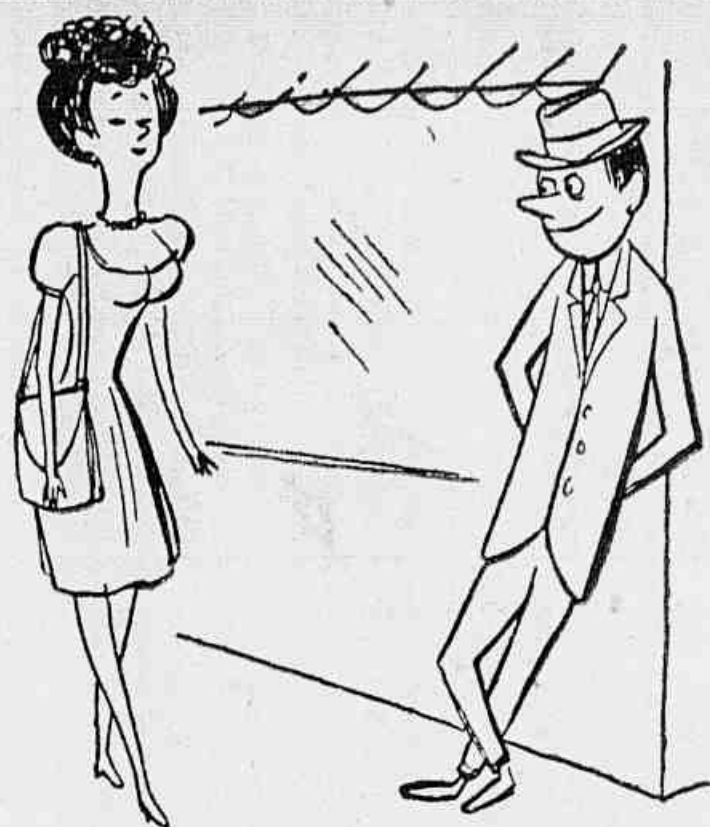
— Estou doida para chegar em casa e dar uma visita na Enciclopédia..



— Bolas! Eu me esqueci de tirar o relógio...



— Puxa! Nunca vi uma coisa dessas... Não se pode mais nem almoçar em paz?



UM FILHO DE LESLIE HOWARD NO CINEMA

Lançado pela Pathé, o jovem ator é, também, um sócia de seu ilustre pai

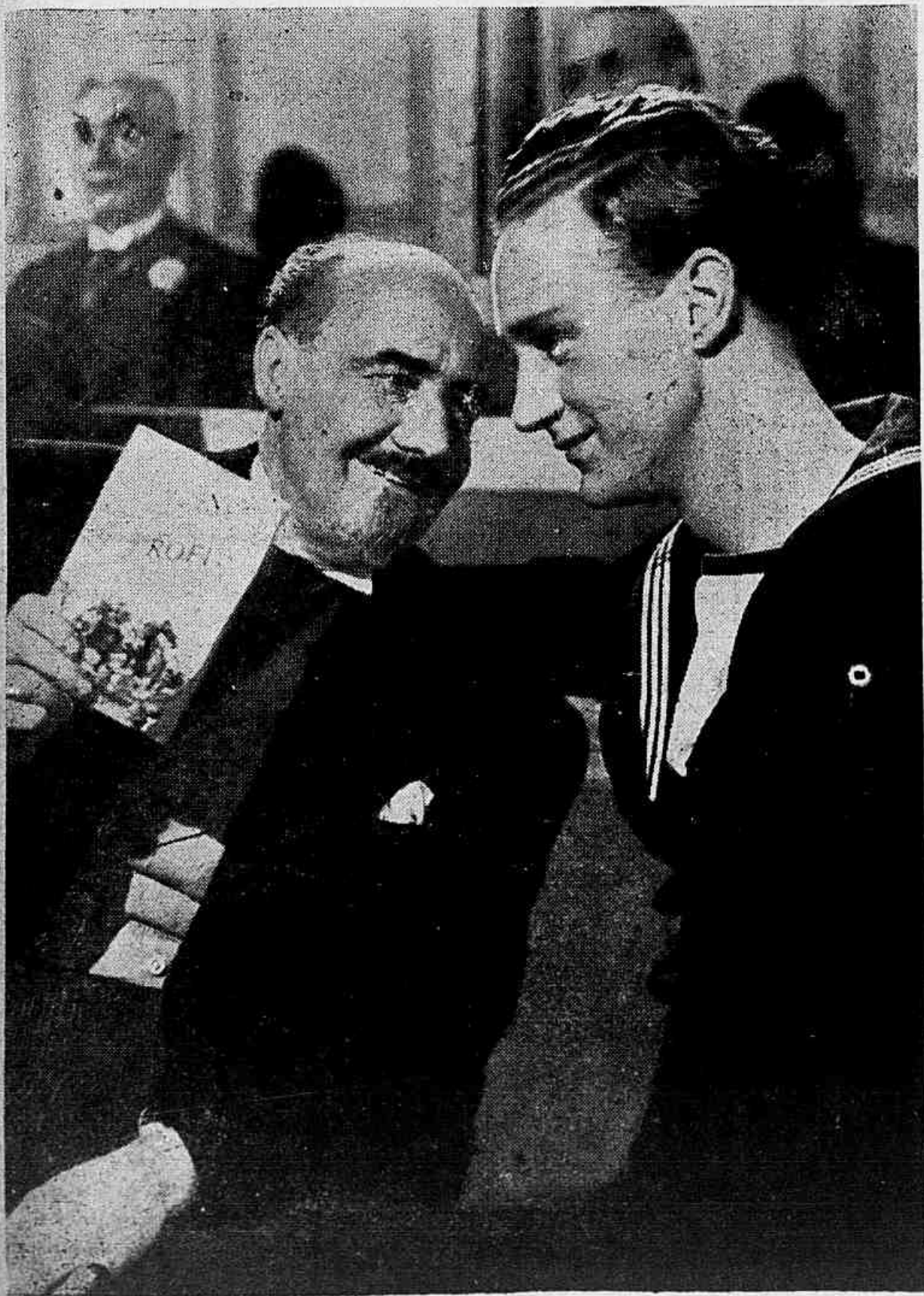
LESLIE Howard, um dos mais notáveis intérpretes cinematográficos, que tanto conquistava aplausos fazendo um drama folhetinesco e ingênuo como "O Pimpinela Escarlata", como desempenhando um grande papel romântico em "Romeu e Julieta" fazendo uma comédia das mais inteligentes e finas em "Pigmalião", desapareceu, tragicamente, em plena guerra, ao ser abatido o avião em que ele viajava de Madrid para Londres, após ter desempenhado importante missão secreta na Espanha.

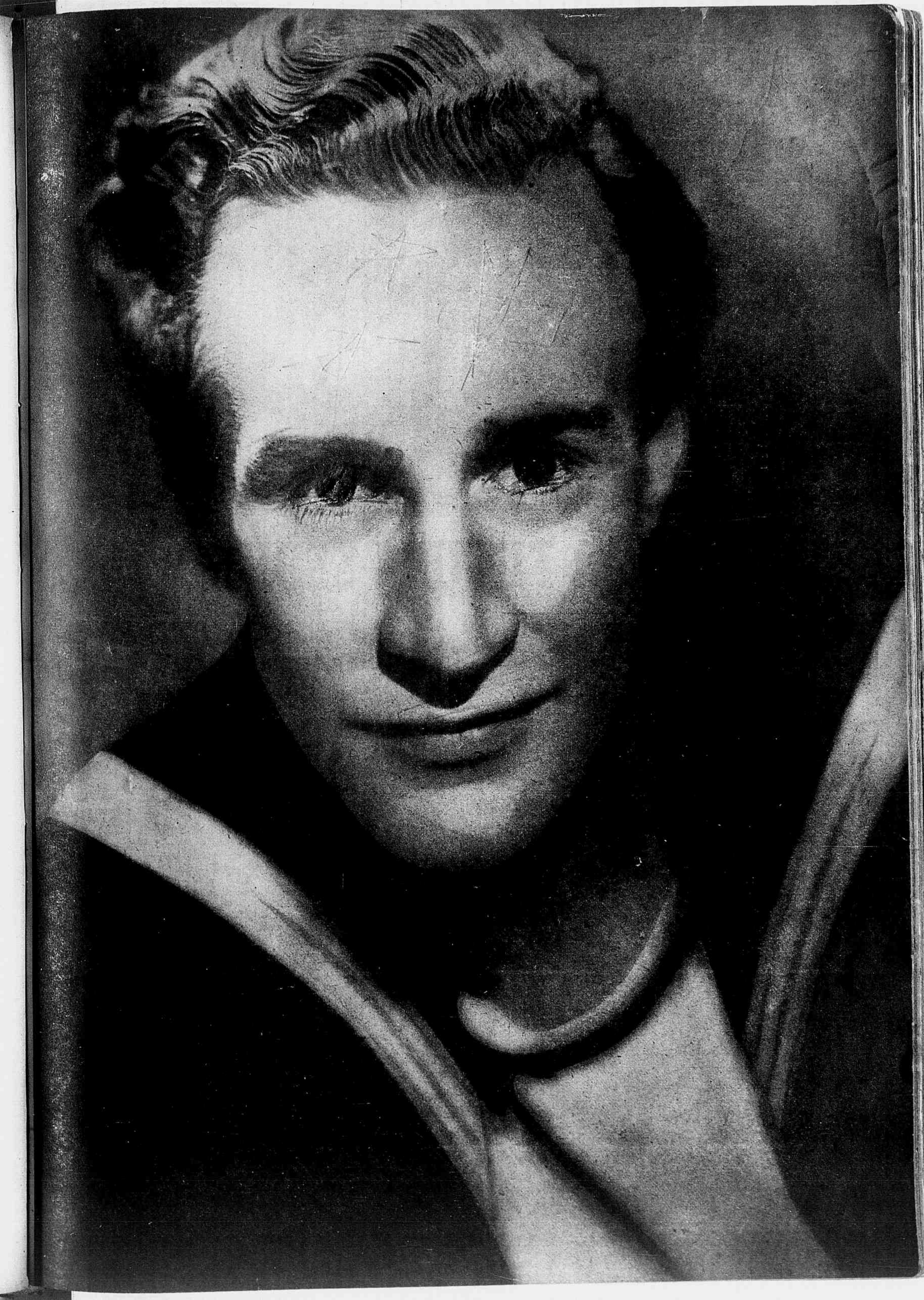
Nessa ocasião, Leslie Howard era um agente do Serviço Secreto (Intelligence Service) Inglês e sua ida à Espanha fôra apresentada oficialmente, como destinada a sondar a possibilidade da feitura de filmes ingleses em Madrid. Na verdade, ele fôra investigar até onde ia a transferência de técnicos, de indústrias e de capitais germânicos para a terra de Franco. Desaparecido o grande ator, com profunda consternação para os seus admiradores de tôdas as partes do mundo, ante os quais sua imagem tem permanecido bem viva através das constantes "reprises" de seus maiores filmes, entre os quais as de "E o vento levou..." e de "A Floresta Petrificada", surge agora, através do cinema inglês, um jovem artista que é um sócia perfeito do ilustre ator, que pagou com a vida o seu desejo de bem servir

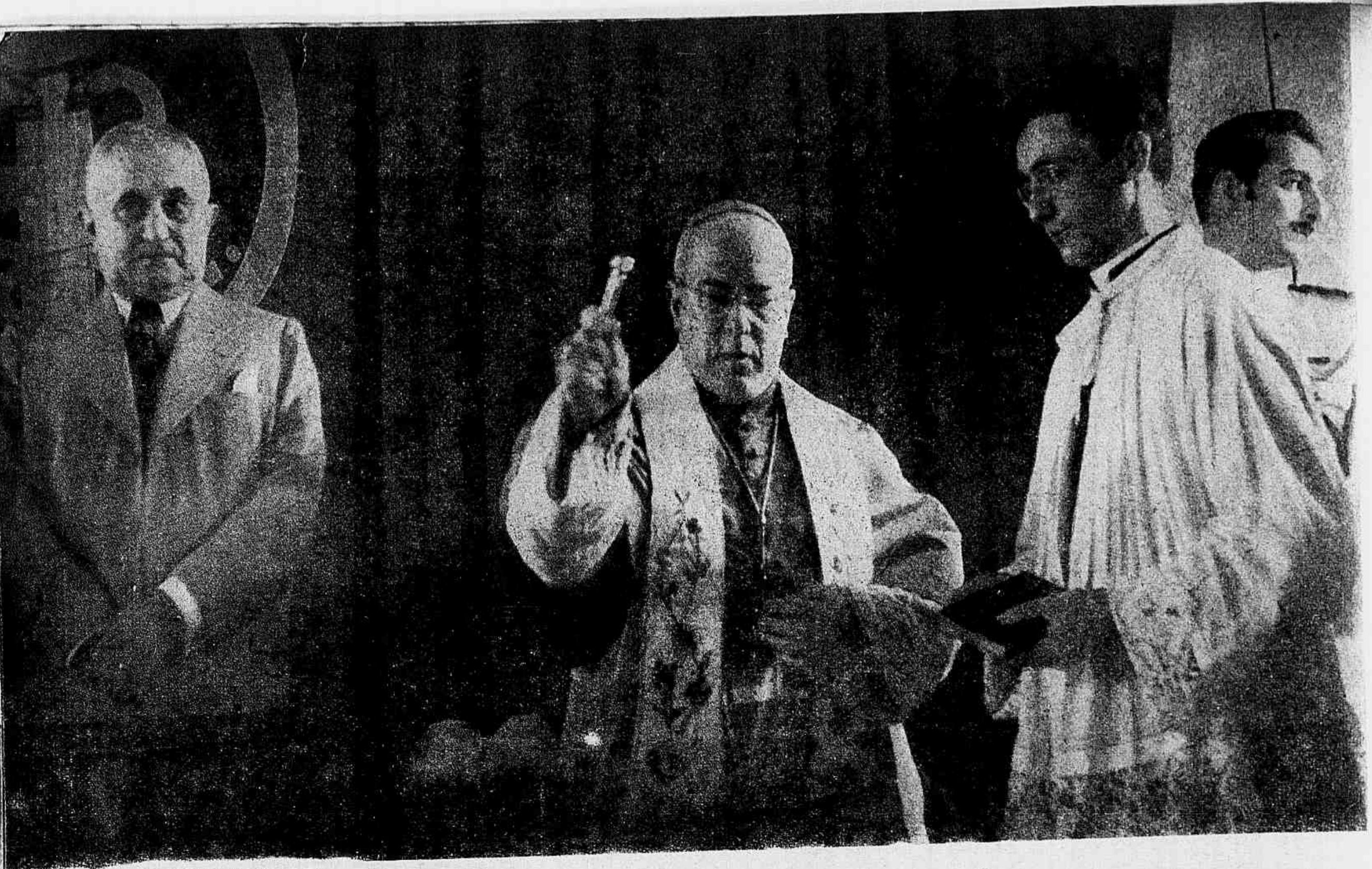
à sua pátria, durante os anos difíceis da guerra. O novo ator, que parece o próprio Leslie Howard no início de sua carreira, não é senão o primogênito do criador de "Pigmalião". Chama-se Ronald Howard e é apresentado como o protagonista de "While the sun shines" (Enquanto o sol brilha), produção da Associated British Pictures, para distribuição sob o selo de famosa Pathé. O filho de Leslie Howard tem as mesmas qualidades de simpatia do pai, a mesma estatura e a mesma maturidade. O filme aludido é uma adaptação da peça de igual título, de TERENCE RATHGAN, dada em Londres com grande sucesso, e foi dirigido pelo veterano diretor ANTHONY ASQUITH, que tem feito alguns dos melhores filmes ingleses. No seu elenco estão alguns dos melhores artistas ingleses, como BARBARA WHITE, BRENDA BRUCE, BONAR COLLEANO JUNIOR, RONALD SQUIRE, MARGARET RUTHERFORD e CYRIL MANDE. O aparecimento do filho de Leslie Howard no cinema está despertando grande interesse, esperando os críticos que ele corresponda à nomeada que seu ilustre pai conquistou internacionalmente.

Não lhe falta nem talento, nem mocidade, nem boa figura, nem vontade de vencer. Nem tampouco um nome ilustre em que se apoiar e um belo exemplo paterno, de trabalho e de honestidade artística, a que seguir.

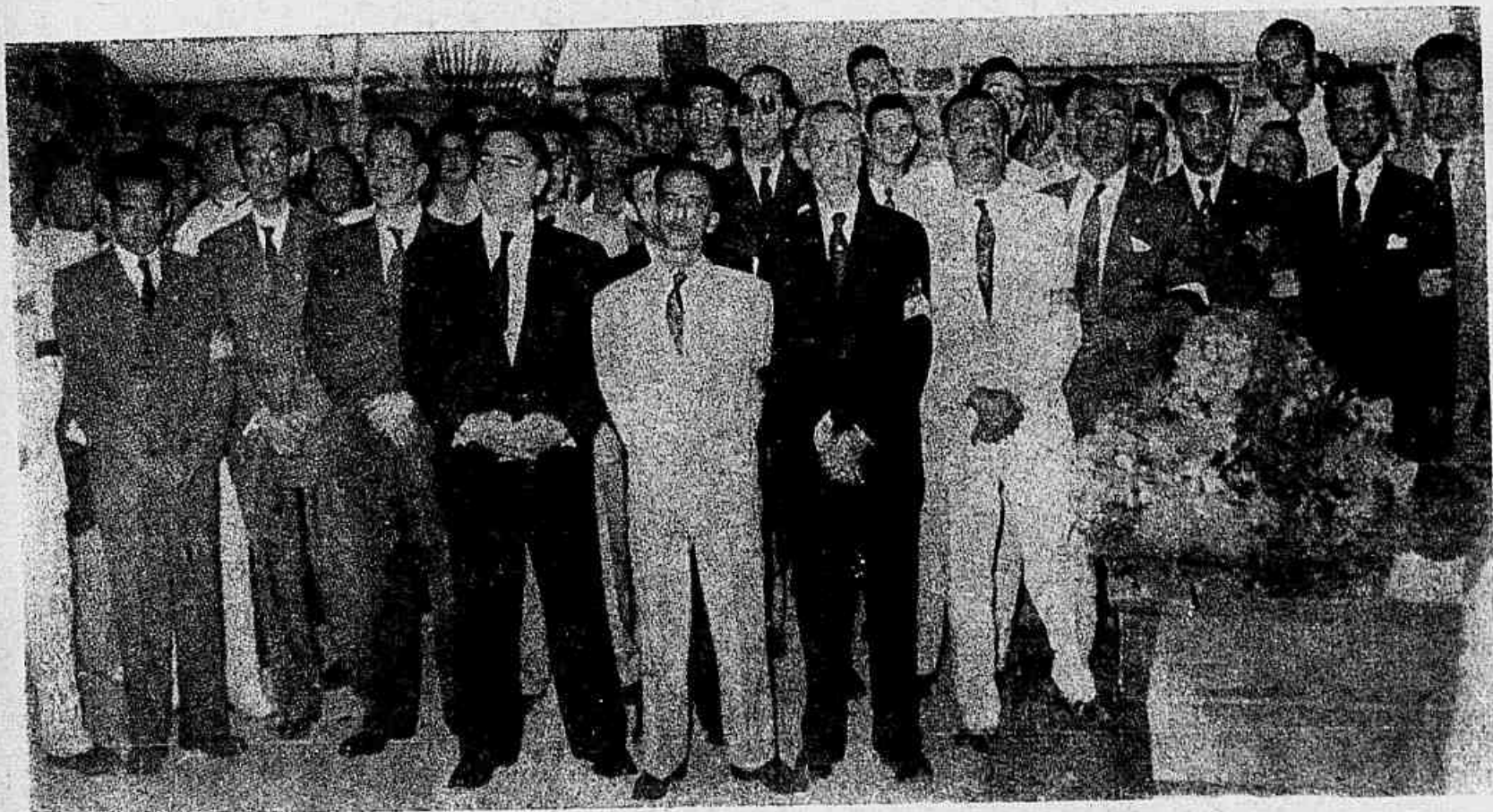
Em cima: Leslie Howard, o famoso ator desaparecido e intérprete inesquecível de filmes como "A Floresta Petrificada", "Pigmalião" e "E o vento levou...". Em baixo, à esquerda, o filho de Leslie Howard, em uma cena de "While the Sun Shines", com Ronald Squire; e, à direita, outra cena do mesmo filme, dirigido por Anthony Asquith, com Ronald Howard, Ronald Squire, Bonar Colleano Junior e Michael Allen. Na página à direita: um "clean-up" de Ronald Howard, pelo qual se pode notar sua espantosa semelhança fisionômica com seu pai, Leslie Howard.







A BENÇÃO DA FUTURA SÉDE SOCIAL



DO SINDICATO DOS
EMPREGADOS NO
COMÉRCIO DO RIO DE
JANEIRO

★

A laboriosa classe dos empregados no comércio viveu horas de intenso júbilo no dia 27 de Julho pp., data em que, com um programa de solenidades carinhosamente organizado, e brilhantemente executado, o seu Sindicato comemorou festivamente o transcurso do 39.º aniversário de sua fundação, promovendo, como ponto culminante das solenidades, a inauguração da cumieira do novo Edifício-Séde, em construção à rua André Cavalcanti, 37.

As festas organizadas pelo Sindicato contaram com o apoio integral da Confederação Nacional dos Trabalhadores e da Federação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, entidades de que é presidente esclarecido e operoso o sr. Calixto Ribeiro Duarte.

Ao alto: Benção da futura séde do Sindicato, por S. E. o Cardeal D. Jayme de Barros Câmara. No centro: Diretores e membros da comissão de festas e associados do S. E. C. R. J. Em baixo: O sr. Presidente da República quando examinava as plantas da nova séde, em construção.





Em cima: O sr. Calixto Ribeiro Duarte, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e da Federação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, no momento em que saudava o sr. Presidente da República, juntamente com o presidente do Sindicato. Em baixo: O sr. Nelson Pereira da Mota, presidente do Sindicato, quando saudava o sr. Presidente da República, e aspecto da mesa presidida pelo sr. Presidente da República.



O RIO DE JANEIRO HA' CINQUENTA ANOS

Por LUÍS EDMUNDO

(Da Academia Brasileira de Letras — Autor de "O Rio de Janeiro do meu tempo" e de "O Rio no tempo dos vice-reis")

III

que possuímos, são poucos, contudo há o Arthur de Azevedo, há o Moreira Sampaio e uns tantos de fôlego menor, com certo nome pelo tempo, mas, que não ficaram. Entre os que escrevem música para operetas e revistas, estão: Nicolino Milano, Francisca Gonzaga, Assis Pacheco e Luís Moreira, Leopoldo Miguez, Alberto Nepomuceno e Araujo Viana escrevem óperas como **Saldunes**, **Artemis**, **Jupira** e **Carmela** para o Teatro Lírico.

Prosperam os teatros de amadoras com Lucília Peres, Guilhermina Rocha, Constância Teixeira, Florência Pimentel; amadores como Leopoldo Froes, Julio de Freitas Júnior, Silveira Serpa, hoje juiz, Cunha Júnior, Augusto Bracet Pae, Ademar Barbosa Romeu, Costa Velho e Arinos Pimentel.

Até os pretos têm palcos onde representam. Veja-se a propósito o que se vai contar.

Certa vez, um grêmio de homens de cor, em Catumbý, anuncia um drama de espanto, desses que reclamam lenços em duplicata para a hora do sofrimento e da lágrima — **Branca de Castela**. Veja-se o final do drama.

Raniero, príncipe, noivo de Branca de Castela, (vive-o um jovem creolo elegante, mas de um negro retintíssimo) está beijando, em cena, um retrato, a óleo de mulher, também preta, quando surge, no aposento, Branca de Castela, uma crioula, ainda mais negra e mais retinta que o príncipe, a qual, diante do gesto do noivo, tem uma espécie de vertigem, pondo a mão num móvel, para não cair.

E' da peça o que o preto galan, surpreso, diz à preta, cheio de embaraço e comoção:

— Branca! Branca! Que tens tú que estás tão pálida?

E o espetáculo, que é o de um drama pungente, de improviso, acaba numa desopilante e engraçadíssima comédia.

Os "cabareis" começam a interessar a **jeunesse dorée**. O grupo de Bilac, que fre-

quentia Paris, consegue seduzir um empresário que aqui nos monta, também, um **Chat-Noir**. E' um cabaret de luxo que aparece antes de acabar o século. Já existe a **Maison Moderne**, no Largo do Rocio e pequeninos cabarets denominados **Chopps berrantes** que populam pelas ruas Visconde de Rio Branco e Lavradio.

A época é dos bons circos que se espalham por toda esta cidade, com o infatigável palhaço, caracterizado, que sai pelas ruas do bairro a anunciar o espetáculo da noite, com a garotada atrás:

— Hoje tem espetáculo?

— Tem sim **sinhô**.

— O palhaço o que é?

— E' ladrão de **muié**.

Esse **clichê** dura anos, sem se modificar.

Quando os circos possuem animais que podem sair à rua, em companhia dos palhaços, sem onus para a segurança pública, tais camelos, dromedários, elefantes, macacos e ursos, saem os animais. E a reclamação é maior.

Fora do teatro e do circo não há mais diversões pela cidade. Por isso, enchem-se as **brasseries** e os cafés. Bebe-se muito. Bebe-se como jamais se bebeu no Rio de Janeiro. Na **Maison Moderne**, durante certo tempo, há um modesto café-concerto, mero pretexto para reunir a mocidade intemperante que se afoga em absinto, vinhos do Porto, Málaga, Xerez e cerveja que então se importa, diretamente, da Alemanha, da Bélgica e da Inglaterra. Aparece, depois, no Beco do Império, o **Eldorado**, com números de palhaços americanos, acrobatas ingleses, cantoras espanholas, belgas, alemãs e francesas que dansam o **can-can**.

IV

O carnaval ainda é a grande festa popular do Rio de Janeiro, folgança democrática que começa, a bem dizer, um ou dois meses antes do domingo gordo.

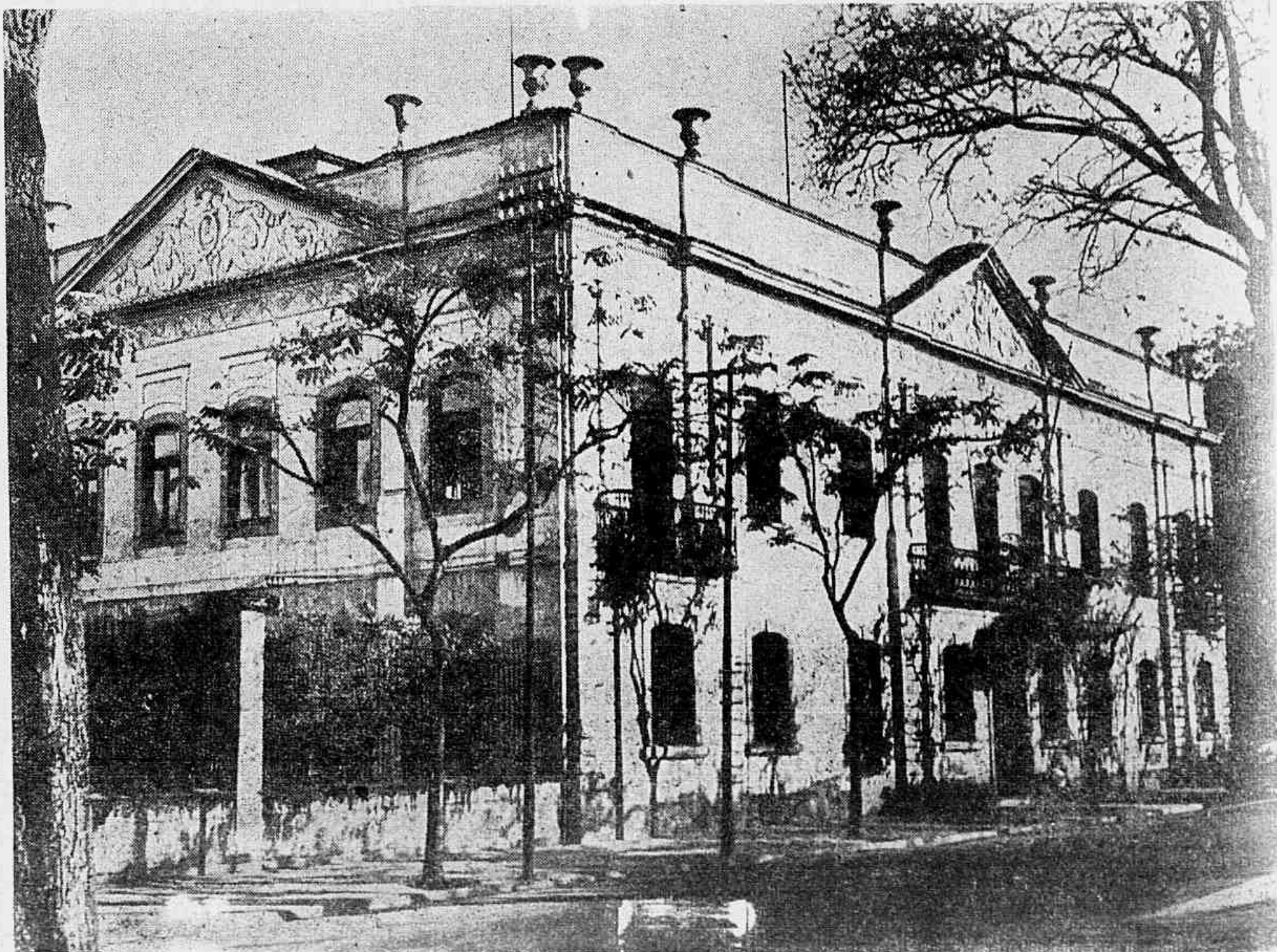
Documento da arquitetura do Rio de Janeiro de há cinquenta anos, — o Rio de antes de Passos e de Frontin.

As senhoras que vêm a comprar, na cidade, como que fazem o "curso" da rua do Ouvidor, a pé, mostrando as suas lindas **toilettes**, cumprimentando cavalheiros que vestem longas sobrecasacas de pano inglês, usam botinas de elástico e, na cabeça, o alto chapéu cilíndrico de pêlo ou seda, que se conhece por cartola; todos com uma flor à botteira e bengala na mão. Essa é a moda dos homens. As mulheres usam coletes de barbatana de baleia e ferro com que comprimem, vezes, exageradamente, a cinta, saias de arrastar, que arrastam com a mão. Grandes chapéus, cheios de fitas, flores e passarinhos. E não se pintam. São pálidas figuras de cera e de marfim que lembram maceradas visões saídas de um cemitério. No campo só se pintam as **cocottes** e as atrizes, e, isso mesmo, só quando representam.

Ainda não se impôs o cinema, entre nós, motivo pelo qual o teatro prospera. Como casas de espetáculo, possuímos: o **Recreio Dramático**, o **Variedades**, o **Phoenix**, o **Sant'Ana**, o **Lucinda**, o **Apolo**, o **S. Pedro de Alcantara**, e o **Lírico**. Artistas, em grande número, estrangeiros: Helena Cavalier, Rose Viliot e Blanche Gron, são francesas; Pepa Ruiz e Pepita Anglada, espanholas; Lopicolo, Manarezzi e Belengrandi, de origem italiana. Portugueses: Dias Braga, Peixoto, e Ferreira de Sousa. Estão no galardim da fama artistas nossos como Ismênia dos Santos, Apolônia Pinto, Delorme e Cinira Polônio, entre as

mulheres e entre os homens: Rangel Leonardo e Eugênio Guimarães.

Bôas companhias portuguesas de drama, de comédia e de revista. Teatros sempre cheios. Os escritores teatrais,



O Rio que não mudou: o antigo Palácio da Marquesa de Santos (D. Domitila de Castro Canto e Melo), em São Cristovão, era, há cinquenta anos, como hoje, exatamente como no tempo em que nele habitava a favorita Imperial...

OS TEATROS E OS "CABARETS" — O CARNAVAL ANTIGO — CHOQUES ARMADOS ENTRE OS ADEPTOS DE MOMO — UM ENTERRO INESQUECÍVEL, AO SOM DO ZÉ PEREIRA

em aprestos ruidosos, e vai até quarta-feira de cinzas. E' o tempo dos Zé Pereiras, introduzidos aqui pelos portugueses na mocidade do Imperador Pedro II. Quem tiver ouvidos delicados que os tapa e fuja, que o barulho é infernal.

Dig dig dig bum!

Dig bum,

Dig bum!

Toda a cidade vem alegremente para as ruas, mascarada e foliada. Estão em grande moda as rubras fantasias de diabo, de índio com os seus cocares coloridos, de dominó, velho, bebê-chorão, morte, clown, tony e pierrot, entre outras monas populares. Tempo do porta-voz pelo qual se passavam audaciosos e indiscretos trótes, objetos de metal que ainda serviam aos carnavalescos de arma perigosa pela hora do ataque ou da defesa na barafunda dos conflitos. Tempo do *você me conhece*, mofino introito com que se iniciavam esses trótes, não raro, denunciadores de verdades inconvenientes, publicamente declaradas por despiques ou pensadas vinganças.

As sociedades carnavalescas saíam apresentando prestitos pomposos, prestitos como jamais viram os cariocas. Carres alegóricos, luxuosíssimos, onde se exibiam mulheres semi-núas, plásticas, formosas, em canolha atitude alucinando a massa popular que delirava, em meio a fúlgidos archotes e fogos-de-bengala multicores.

E os blocos e os cordões? Contavam-se às dezenas. O preto, como sempre, neles tomando parte ativa, aos saltos e a cantar. Custa uma fortuna à massa popular, o carnaval desse fim de século, em fantasias, máscaras, prestitos, estandartes, músicas, bisnacas, confetes e serpentinas.

Pelas ruas por onde o povo se aglomera, juntam-se, por vezes, vinte, trinta, quarenta ranchos, blocos e cordões. Dançam-se. Salta-se. Sapateia-se com frouses, gritando, berrando, cantando:

As borboletas vão pelo á
São cô de rosa com fita azú
Queimou no fogo as azas frebi
Depois não pode mais avoá.

Para ter-se uma idéa da exaltação carnavalesca do nosso populacho, basta lembrar o que pouco depois dessa época noticiaram os jornais da cidade ao descrever o enterramento de dois mascarados

mortos na noite de domingo gorço e, no dia imediato, sepultados. Vale a pena lembrar o que por minha pena já foi descrito há tempos, em outra parte.

No domingo, primeiro dia das folgoas de Momo, o cordão carnavalesco **Filhos da Estrela de Dois Diamantes** parte do centro da cidade enchendo um bonde que caminha para Botafogo, batendo pandeiros, raspando récos-récos, dançando, cantando, cheio da mais viva satisfação e de descuido. Quando o veículo da Companhia Jardim Botânico vai dobrar a curva da Rua Marquês de Abrantes para entrar na Praia de Botafogo, é agredido, de surpresa, por vários sócios do **Filhos da Primavera**, grupo congênere e rival que aí se plantaram de tocaia. E' uma refrega estúpida e sangrenta. Os homens batem-se como feras. A faca. A tiro. Bolam aos bolos. Sangram-se. Até mulheres entram no conflito, que assume as proporções de uma feroz batalha. Quando serenam os ânimos, a rua é um caudal de sangue.

Há mortos, e o número de feridos e contusos é enorme.

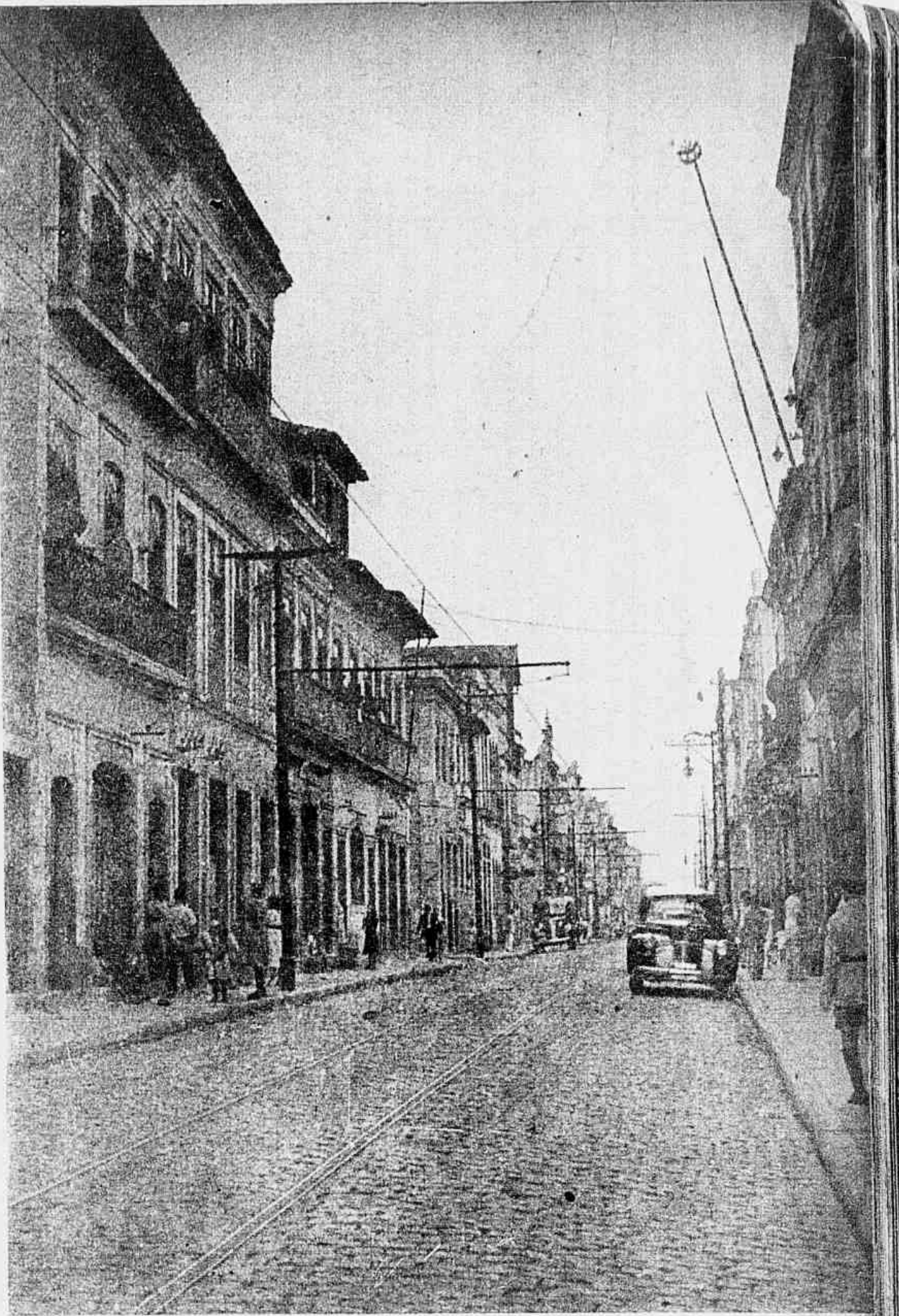
Na luta, os atacantes, os do cordão **Filhos da Primavera**, levam enormes vantagens. Quando chega a polícia, chega tarde. Já os da **Estrela de Dois Diamantes** sucumbem ao peso de uma maioria preparada. E, apenas lavados em sangue, vacilaram.

Vale a pena, no entanto, registrar o que sucede no dia imediato, pelo enterro das vítimas: Angelino Gonçalves, o Boi e Jorge dos Santos, sem nenhuma carnavalesca.

O caso é eralmente digno de registro.

Saem os corpos do necrotério, que então se instala no edificio da Faculdade de Medicina, sito à Praia de Santa Luzia, junto à Santa Casa.

Os da **Estrela de Dois Diamantes** deixam a *morgue* organizando o préstito mortuário, com o seu estandarte envolto em crepe, as caixas de rufos teatralmente em funeral, embora os sócios dentro das fantasias as mais escandalosas e berrantes. Os caixões negros e pobres, vão à frente. A seguir, numa carreta, flores, palmas, corôas e grinaldas. E' uma homenagem simples, porém, tocante. Desce o préstito, que é numeroso, caminho do Catete. Pelos lugares por onde passa, o povo, reverente, se descobre. As senhoras persignam-se. Rezam. Se a tragédia affligiu



O Rio que não mudou: uma rua da parte central da cidade, que conserva, hoje, a mesma fisionomia de há cinquenta anos.

toda a cidade! As janelas das casas chegam toda uma multidão de curiosos para azejar o quadro singularmente sombrio e melancólico. Vai o bando lúgubre e silencioso roçando as calçadas do Largo da Glória, quando subia, surge-me pela frente, carregando pendões carnavalescos, caixas de rufos, bombos e tambores, um pavaréo enorme, que serpenteia e ondu-

la. São várias agremiações congêneres que, em peso, querem, também, homenagear os heróicos batalhadores de Momo, no Campo da "Honra" e do "Dever" colhidos pela Morte...

Os jornais da época dão nome dessas associações. São elas: **Filhos do poder do ouro**, **Destemidos do Catete**, **Maças de Ouro**, **Rainha das Chamas** e **Triunfo da Glória**, quando sbito, surge-lhe pela Verdadeira mobilização de mascarados. Centenas e centenas de homens vestindo as mais berrantes e excêntricas indumentárias de carnaval, com a cara pintada, com sacos de confete a tiracolo, pacotes de serpentinas debaixo do braço, estandartes politermos desenrolados no ar, manchas violentas e alegres de cor num cenário de luto e de tristeza. Formados em continência, deixam passar os esquifes onde repousam os mortos. Depois, incorporam-se à massa espessa dos acompanhadores.

Pela rua do Catete segue o formigueiro humano, caminho de Botafogo, em passo ritmado. De quando em quando novas adesões aumentam a cãuda viva que se encaminha para o cemitério. Mais povo. Mais carnavalescos. Chega a impressionar a majestade do séquito pomposo, com que nunca sonharam ter, um dia, Angelino Gonçalves, vulgo o Boi, e Jorge Santos, sem nenhuma carnavalesca. E vão a marchar, todos, assim, caminho de Botafogo, quando um dos ranchos tem a idéa de fazer soar, sobre a pelica de seus tambores, rufos melancólicos em ritmo de fúnebre surdina: *pram... pram... pram...*

A idéa é amavel. Agrada. Outros

(Cont. na pág. 54)

★

Cena do carnaval antigo. "Quarta-feira de Cinzas", desenho de Angelo Agostini.



A SECRETÁRIA

E RA dia de leilão. Sou, no dizer dos meus amigos, uma velha ratazana, isto porque só me sinto bem no meio de velharias. Francamente, não gosto dos ambientes modernos. Para mim, tudo o que é hoje demasiado limpo e brilhante não tem personalidade.

Tôdas as coisas que existem em minha casa têm sua história.

Quando me sento numa poltrona do século passado fico pensando quantas criaturas ali devem ter ficado sentadas como eu, a meditar, a chorar talvez um desgano de amor ou morte de um filho. Já que a mim nada disso pode acontecer vou filosofando sobre a vida dos outros. Enfim, é um divertimento como outro qualquer. Vefam, por exemplo, esse espelho veneziano do mais puro estilo. Também ele, se pudesse, haveria de contar quantas coisas testemunhou, quantas alegrias e quantas amarguras assistiu! Tudo isto aqui lembra o passado, um passado cheio de recordações, de saudades, de seres que não vejo, mas, que sinto em volta de mim.

Passo dias, às vezes semanas, sem sair de casa, entretido em procurar, no meio de arquivos, algo ainda inédito. Bem, como ia dizendo, havia leilão. Fui convidado a ir ver uma maravilhosa secretária, estilo colonial.

(Cont. na pág. 55)

Conto de GITA DE BARROS

Ilustração de ANA ZAGORSKA





À esquerda: Elizabetta Barbato — Na Tosca ela teve sua consagração definitiva. À direita: Anna Faraone — Como Madame Butterfly, explorou o patético.

MÚSICA

WAGNER foi, definitivamente, incorporado ao organismo lírico que se manifesta, todos os anos, no Teatro Municipal, com uma série de espetáculos. Já agora transformou-se em praxe incluir o genioso e genial alemão entre os compositores que merecem a consagração dos repertórios oficiais. Naturalmente, os organizadores, homens prudentes, julgaram de bom alvitre não passar a iguaria estranha, logo de início, para a categoria dos pratos diários e do trivial. Encarando Wagner como o cúmulo do "modernismo", em matéria musical, isolam-no como um cocktail exótico, na entrada da refeição mais substancial, como que sugerindo que se engula, depressa, o alimento estranho ao paladar comum, passando, logo após, aos pratos de resistência, o opulento macarrão de Puccini, Verdi, Mascagni, Leoncavallo e outros... Isso, sem falar na sobremesa, que seria, de acordo com o nosso critério, um "Barbeiro de Sevilha" interpretado não no sentido de pôr em destaque a sua sadia comicidade e sim como o jubileu da palhaçada...

De qualquer forma, antes Wagner como um corpo estranho, do que nenhum Wagner. E sobretudo quando se obtém um Set Svanholm, resta consolo suficiente para contrabalançar todas as deficiências de encenação.

Quando esse magnífico tenor aqui esteve, ano passado, não regateamos aplausos. Manifestamos, com sinceridade habitual, o nosso entusiasmo. Entretanto, tratava-se de um artista que ainda não tinha passado pela matriz de nossas glórias líricas atuais: o Metropolitan. E, por isso, houve reserva da parte de certos cronistas. Afinal de contas o padrão, a medida estética corrente não funcionava. Era natural que qualquer consideração a respeito de Svanholm se revestisse da maior prudência. Estava faltando o "Nihil Obstat"...

Agora, porém, ele traz as credenciais. "Tudo legal". "Decididamente", começa-se a dizer, "eis aí um grande cantor. Wagneriano é claro. Bom, no seu estilo. Mas um verdadeiro artista." Para evitar equívocos futuros, temos a satisfação de informar os distintos fabricantes de reputações musicais que o Metropolitan ouviu Svanholm cantar uma italianíssima Aida — Verdi, meus senhores, Verdi — e o veredictum foi favorável. Um Radamés O. K., se nos for permitida a expressão.

SIEGFRIED E TRISTÃO

De acordo com as normas traçadas, a Temporada deu a saída embarcada no sólido veículo Wagneriano. O Municipal parecia pequeno para conter as façanhas desmesuradas daqueles semi-deuses. Siegfried, herói impoluto, ou Tristão, amante infeliz, cavalheiro fiel. As ondas fortes da cobertura sinfônica vestiam o esqueleto do libretista — aliás, o próprio Wagner, com a opulência de sua orquestração.

Não vamos discutir, aqui, a orquestra Wagneriana, "uma verdadeira inflação". Basta lembrar, neste registro, o enquadramento sinfônico da partitura, com as vozes enveredando por um recitativo constante que se salva da monotonia pela impetuosidade e pela vibração do acompanhamento, assim como pela inspiração do traçado melódico.

Em Siegfried e Wagner, Set Svanholm foi a figura principal. Perfeitamente à vontade, tanto sob o ponto de vista

TEMPORADA LIRICA

WAGNER, UM ESTRANHO "COCKTAIL" — UM RADAMÉS O. K. — AVISO AOS "NAVEGANTES"... E AOS FABRICANTES DE REPUTAÇÕES MÚSICAIS — UMA VITÓRIA AO AR LIVRE E UM FRACASSO EM RECINTO FECHADO — "ADDIO, GINA CIGNA".

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

dramático, como na parte vocal, revelando, ademais, uma admirável resistência, apta a transpor as exigências exaustivas da partitura, Svanholm confirmou todo o bem que já disse dele.

E AGORA, NÓS!

Pode-se dizer que o Carro de Tespis que esteve aqui pelo Rio, ano passado, foi uma vitória e uma derrota do mesmo tempo. Vitória por que nos apresentou figuras como Elizabetta Barbato, Rafael de Falchi, Mario Filipeschi,

porque trouxe ao Brasil uma cantora que tinha deixado saudades: Maria Benedetti.

Por outro lado, também não se pode dizer que a vitória fôsse completa, uma vez que a acidentada carreira do ar livre para o recinto fechado e vice-versa nada apresentou de atraente — antes pelo contrário — e a volta de Gina Cigna deixou o público melancólico, a refletir que mais vale uma grata recordação do que o testemunho inequívoco de uma decadência.

À esquerda: Giulio Neri — Um Don Basilio inesquecível. À direita: Oliviero de Fabritiis — Depois de reger concertos sinfônicos da OSB, voltou à ópera.





Ao alto: Esta fotografia mostra a altura dos trigais mineiros, demonstrando, assim, a boa qualidade do clima e da terra. Na página ao lado: Uma senhora da sociedade de Patos, em Minas, sobraçando belo feixe de espigas de trigo.

A BATALHA PELO "PÃO NOSSO"

ASPECTOS DA CULTURA DO TRIGO NO BRASIL — PATOS MOSTROU CLARAMENTE QUE PODEMOS NOS ABASTECER A NÓS MESMOS

Por PIMENTEL GOMES

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

des importadas foram aumentando de ano para ano, num crescendo extraordinário, sendo nós presentemente o segundo país do mundo em importação tritícola. Compramos, anualmente, cerca de

um milhão e duzentas mil toneladas de cereal, para ter pão insuficiente e caro. Gastamos bilhões de cruzeiros. Sofremos humilhações de toda espécie.

Pensando bem, refletindo nas exigên-

O ministro Daniel de Carvalho inicia a colheita do trigo da Estação Experimental de Patos, em Minas.



É um tanto desalentadora a história da cultura do trigo, ou triticultura brasileira. Surgiu, é natural, com a vinda dos lusitanos, quando se iniciou o povoamento do extenso litoral brasileiro e se lançavam as pedras fundamentais de nosso país. Experimentaram o cereal que os povos brancos não sabem dispensar por aqui e por ali. E as culturas se alargaram no Rio Grande do Sul e nos planaltos meridionais, embora se colhesse trigo também nas serras da Bahia, de Pernambuco, Paraíba e Ceará. Os moinhos de pedras açorianas chegaram. Ainda hoje velhas mós são encontradas ao abandono nas alturas da Borborema, em Teixeira, por exemplo, e na aprazível Garanhuns — municípios ambos de climas agradabilíssimos, torrões maravilhosos onde, para espanto dos viajores europeus, as culturas tropicais se confundem com as dos climas temperados. A altitude permite que o fenômeno meteorológico se repita no Nordeste em extensões tão grandes que equivalem às áreas de alguns países europeus ou centro-americanos. Comíamos então pão de nosso próprio trigo, cujas safras eram absolutamente suficientes para o consumo. Jamais mais longe: exportávamos, por alguns anos, o cereal nobre para os pampas argentinos. Buenos Aires consumia bastante trigo brasileiro. Depois veio a ferrugem, é certo, destruindo trigais. E' certo também que outras atividades mais lucrativas apareceram: a exploração das minas, a pecuária, as lavouras tropicais, na época extraordinariamente compensadoras.

Um engenho era uma mina de ouro, tal o preço do açúcar. E o Brasil abastecia a Europa de açúcar e fazia baixar o preço do ouro, graças à enorme quantidade de metal amarelo que enviava para Portugal. Perdeu-se, em quase todo o Brasil de clima temperado — muito maior do que geralmente se pensa — o hábito de plantar trigo. E inverteu-se o comércio exterior, passando nós de exportadores a importadores do cereal. E as quantida-

des que Perón tem feito, nos tratados assinados sem nunca serem cumpridos, integralmente, pela grande nação vizinha, muito nos deve amargar o pão que diariamente nos servem. Faz-se mister uma reação, mais uma reação, esta grande, definitiva, vencedora, pois outros já se fizeram e foram anuladas em grande parte pela falta de pertinácia e, pelo menos uma das vezes, a última delas, pela orientação do Ministério do Exterior, que com uma penada anulou todo o esforço que o Ministério da Agricultura vinha fazendo em prol da produção do trigo, prejudicou a lavoura e a indústria da mandioca talvez num bilhão de cruzeiros, levando por toda parte a desconfiança no governo e o desalento. Pelo tratado assinado com a Argentina, deixando de comer pão misto, embora tal se praticasse em muitos países europeus produtores de trigo. A nação platina importaria o nosso mate e proibiria a venda de café adulterado. Prejudicamos a lavoura e a indústria da mandioca. Interrompemos a campanha a favor da triticultura. A Argentina continuou a plantar erva mate em Missões e a permitir a venda de café misturado com sucedâneos. Se outra houvesse sido a nossa orientação, não teríamos talvez visto as filas às portas das padarias, nem sofrido os vexames que ainda hoje nos envergonham.

E é possível produzir trigo no Brasil? perguntarão. Naturalmente que é. Para isto se fazem mister boas sementes selecionadas, condições ecológicas apropriadas; maquinário agrícola; silos, armazenagem e transporte; e o esforço humano.

As boas sementes existem. Agrônomos do Ministério da Agricultura criaram variedades tão boas, que nós, importamos de trigo, exportamos sementes do trigo em grande escala para a Argentina e o Uruguai. E' necessário que se divulgue isto para melhor se aquilatar do estorço do Ministério da Agricultura.

Condições ecológicas boas para a triticultura não nos faltam em trechos amplos.

(Cont. na pág. 48)





CARLOS Ramirez é a atração do momento. Com um repertório de melodias internacionais, a que não falta a música brasileira, o cantor colombiano leva a efeito sua vitoriosa temporada ao microfone da Rádio Globo e uma das "boites" elegantes da cidade. Iniciando sua carreira artística como corista de uma igreja de Bogotá, logo deixou-se empolgar pelo gênero lírico, tratando de estudar canto. Dêse modo, chegou ao palco do Teatro Colón, de Buenos Ayres, vindo mais tarde para o Rio, onde ingressou no elenco da Urca e no "cast" da Tupi. Sua primeira aparição na Cidade Maravilhosa não chegou a impressionar, o que não o desanimou de conhecer os Estados Unidos, país em que levou cinco meses desempregado, até ingressar num night-club. Daí veio a conhecer Rádio City, passando à categoria de "astro". Não tardou que Hollywood se interessasse pelo seu concurso, a ponto da Metro fazer-lhe vantajosa proposta e incluí-lo no elenco de "Duas garotas e um marujo", filme que serviu para aumentar a popularidade de Carlos Ramirez, inclusive no Brasil. Voltando ao Rio, sua pessoa despertou enorme interesse público que passou a prestigiar-lhe as audições ao microfone da Rádio Globo e nos "shows" da Urca. Regressando à América, voltou a filmar para diversas empresas, sendo seu mais recente trabalho "Night an day". Este ano, ele retornou à terra carioca, a fim de cumprir contrato com a PRE-3 e com uma "boite". Trouxe em sua companhia a esposa, uma das suas maiores "fans". O famoso "astro", tão logo retornar aos Estados Unidos, filmará uma película para a Fox, sua nova companhia.



O rádio-teatro acaba de ganhar um novo elemento de valor, uma vez que há muito Haydée Sales de Lemos, que vocês conhecem como Aimée, dêle se acha afastada. E' que suas obrigações no palco a impediam de enfrentar o microfone para viver a personagem central de uma novela. Nascida na cidade do Salvador, na Bahia, a dois de agosto de um ano não muito distante, a querida estrela da companhia Joracy Camargo, revelou-se uma artista de qualidades aproveitáveis, conseguindo brilhar ao lado de nomes, como o do próprio autor de "Deus lhe pague". Antes de ingressar no teatro, Aimée exerceu funções burocráticas numa repartição pública. Seu primeiro contacto com o microfone data de 1944, quando começou a trabalhar no elenco da Rádio Mayrink Veiga. Voltando ao palco, excursionou por vários Estados, e este ano, quando do concurso de "Segunda reias", instituído pela PRG-3, ela foi uma das mais sérias concorrentes, obtendo a segunda colocação. Como prêmio, viajou a Portugal, esteve na Espanha, visitou a França, e ao chegar a Londres, não pôde esconder sua grande emoção, quando entrevistada ao microfone da B. B. C. Nessa viagem, Haydée Sales de Lemos, teve como colega o conhecido locutor Carlos Frias. Seu ingresso no "cast" de teatro-cego da Tupi, é mais uma vitória da "emissora associada", levando-se em conta o valor dessa querida figura de nossos palcos. Fala-se também, que ela pretende organizar uma companhia de comédias, que reunirá nomes de grande cartaz. Tudo faz crêr porém, que Aimée ficará mesmo no elenco da PRC-3.



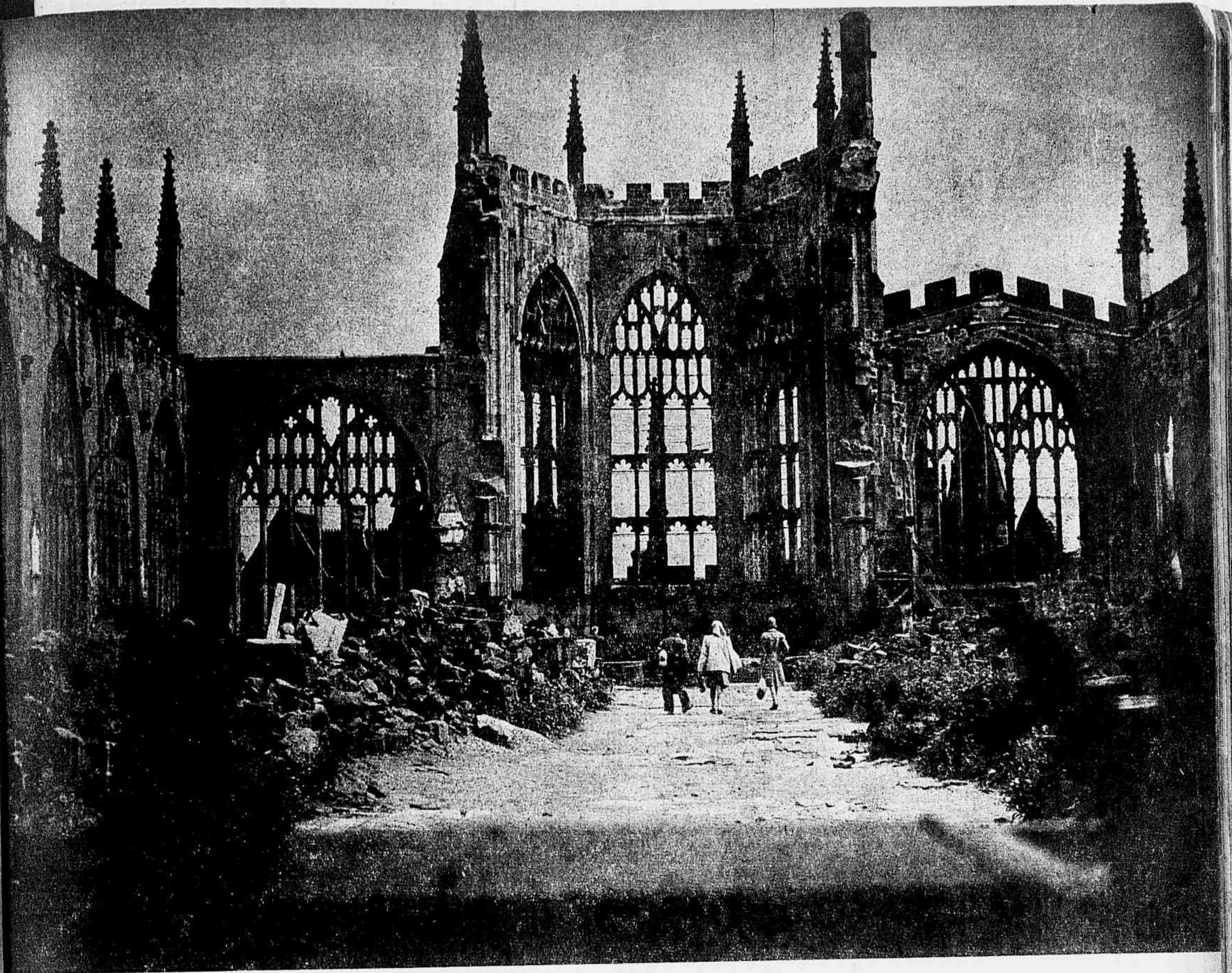
ARNALDO Amaral, cuja promoção ao cargo de diretor artístico da PRA-3 foi recebida com aplausos, é uma das figuras mais benquistas do rádio carioca. Com dezesseis anos de atividade radiofônica, pois seu primeiro contacto com o microfone ocorreu em 1930, através do Programa Casé, quando este era irradiado pela Philips, até hoje mantém o mesmo cartaz, quer interpretando música popular, quer lendo textos de publicidade. Companheiro de Nassara, Cristóvão de Alencar, Noel Rosa, Almirante, Gastão Formenti e outros, seu primeiro "cachet" foi de cinquenta cruzeiros, preço alto naquela época. Pertenceu ao cast de todas as emissoras cariocas e cantou durante seis meses na Rádio Splendid de Buenos Ayres. Esteve no Chile e no Uruguai. Seu primeiro disco, feito na Columbia, foi o samba "Chão do deserto", de Cartola. Na série de sucessos, estão: "Si ela não voltar" em dupla com Leo Vilar; "Ela fez uma comigo"; "Eu quero ver é a pé"; "Apaguei o nome dela". Arnaldo Amaral gravou a primeira e única valsa de Ari Barroso, "Amar". No cinema, apareceu em "Bonequinha de sede", "Abacaxi azul", "O circo chegou", "Cisne branco", "Entra na farra". Galã de Dircinha Batista em diversos filmes. Arnaldo Amaral nasceu em Vila Isabel, a cinco de agosto de 1912. Inaugurou a Rádio Cruzeiro do Sul, quando esta possuía os estúdios na Rua Mariz e Barros, onde Carlos Frias principiou tocando "serrote". Na Rádio Club do Brasil, o nosso foga-lizado mantém o "Programa do galã" em franco sucesso.



A contribuição feminina ao rádio, se tem feito através de programas musicais e de "broadcasts" para a mulher, como os de Sagamor de Scuvero, Léa Silva, Iole Amato e Diva Paulo. A respeito desta última, podemos dizer que se trata de uma jovem dotada de cultura que, desde os quinze anos milita nas hostes radiofônicas, escrevendo, apresentando e dirigindo cartazes de boa aceitação, como no caso de "O mundo admiro a mulher", transmitido pela Rádio Roquete Pinto, às terças-feiras às 21 horas. Surgindo ao microfone da Tupi, quando Tia Chiquinha dirigia o "Teatrinho Infantil", da Hora do Guri, Diva Paulo não mais interrompeu seus colóquios com o sem fio carioca, vindo a dirigir em 1941, "Juventude feminina", então irradiado com absoluto sucesso pela Educadora, ao tempo de Saint-Clair Lopes, Atila Nunes e outros. Já nesse período colaborava em "Cortina sonora", da PRA-9, escrevendo peças para o elenco dirigido pelo saudoso Plácido Ferreira. Também emprestou seu concurso ao "Grande teatro" da Nacional, sendo de sua autoria, dentre outras, as peças "Natal", "Fatalidade" e "Revolta". No momento, redige para a Cruzeiro do Sul, o programa "Mulher", posto em onda às segundas, quartas e sextas-feiras, a partir das 12 horas. E' ainda responsável pela secção radiofônica de uma revista carioca.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS



A CATEDRAL DE COVENTRY — A nave e o côro da catedral de Coventry, como aparecem hoje. As paredes de pedra lavrada, cuja beleza não pôde ser destruída, ainda permanecem de pé, em pequenos trechos, as torrelas apontando o céu. A nave está aberta aos visitantes que invariavelmente contribuem para o fundo de reconstrução.

VISITA A COVENTRY

Por HERMAN LIMA (Autor de "Na ilha de John Bull" e de "Outros céos, outros mares...")

Fotos do International News Service — Direitos adquiridos com exclusividade para o Brasil, pela "REVISTA DA SEMANA".

PERENE BELEZA DO CAMPO INGLÊS — VELHAS CIDADELINHAS IMUTÁVEIS — HOSPEDARIAS DE TRÊS SÉCULOS — LADY GODIVA E A MARCA DE SUA CAVALGADA — COVENTRY E OS CARRASCOS DE GOERING — HAVERÁ SEMPRE UMA INGLATERRA.

QUEM passou um verão na Inglaterra e soube aproveitar bem a ligeira inglesa do *week-end*, rolando de automóvel ou de bicicleta pelas estradas magníficas, ao sabor da fantasia, somente por destastio consultando o *Blue Guide* — que o guia melhor é o dos próprios olhos, há de guardar para sempre na lembrança a incomparável beleza e a singular harmonia do campo inglês, com as suas aldeias de nobres árvores ladeando trechos do caminho, uma "farm" de tijolo cru entre a grinalda das plantas frutíferas, um fio de fumo leve dançando por cima, crianças brincando no pátio claro e a tranquila majestade do silêncio adormecido em derredor.

Eça de Queiroz cantou como ninguém, naquela sua prosa de ouro e de claudades matinais, o enlévo que nos vem da contemplação de semelhante visão de pastoral: "Caminha-se numa luz ligeira, de um dourado triste, de um enternecimento quase maguado: o verde das relvas sem fim que se pisam, verde repousado e adormecido sob as grandes ramagens das árvores seculares, isoladas, imóveis num recolhimento religioso, leva a alma insensivelmente para alguma coisa de muito alto e de muito puro; há um silêncio de uma extraordinária limpidez, como o que deve

haver por sobre as nuvens, um silêncio que não existe na paisagem dos climas quentes, onde o labor incessante das selvas muito forte parece fazer um vago rumorido, um silêncio que pouca no espírito com a influência de uma carícia."

Duma volta da estrada, na linha do horizonte baixo e verde, sobe de repente uma torre quadrada de igreja do tempo dos normandos, toda coberta de era, ou a fina agulha dum campanário do século XVI, ou o telhado alto, duma casa Tudor, que logo mais se apresenta à nossa frente, no recorte branco e negro da fachada cortada de "pans-de-bois", o pavimento superior balançando para fora da linha da construção, janelinhas de balcões floridos, as riscas das leves pranchas vincando a parede de alto a baixo, como bemóis dum teclado gigantesco.

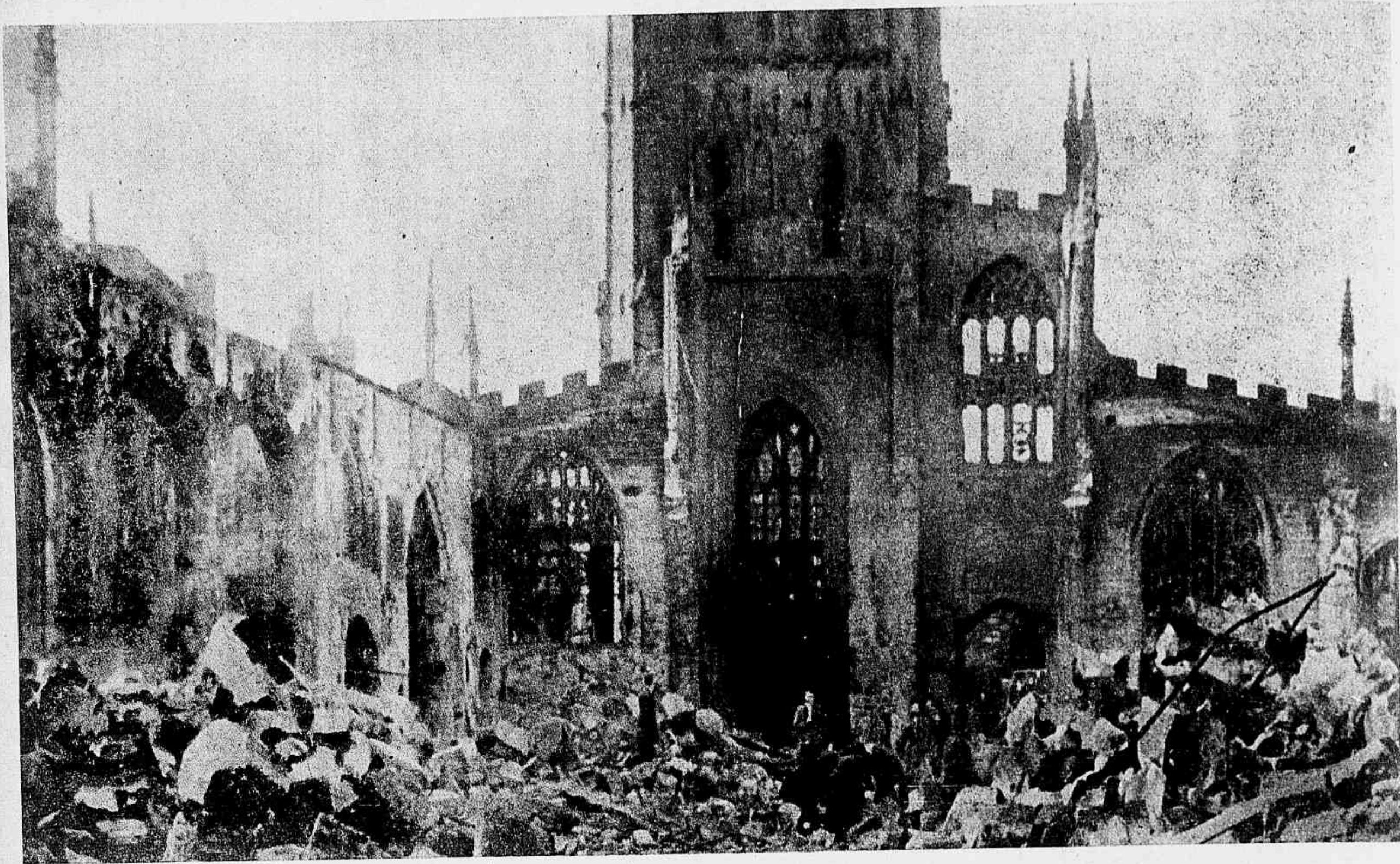
Uns minutos mais e estamos correndo os ligeiros declives da rua principal, High Street ou Prince's Street. A cada lado se alinham as escuras fachadas dos *cottages* em cujo interior se adivinha facilmente o "bric-à-brac" tão de gosto dos insulares; pássaros empalhados, linhas de pesca, litografias de caçada ou de batalhas navais pelas paredes, redomas com figurinhas de cera colorida, canecos de barro, na recordação dalguma homérica cervejada, em prateleiras suspensas de ganchos, pilhas de "Punch" ou do "Illustrated London News" sobre alguma mesa, um venerável "relogio-avô" rolando os ponteiros, numa lentidão que vem de século e meio ou de dois séculos. As linhas intaláveis em toda High Street — a popularia com a

biblioteca de aluguel, o "chemist" com os seus trabalhos de revelação de fotografia para amadores, o armazém do mesmo "trust" que cobre o país de norte a sul, o concentrador de bicicletas, o salãozinho de chá e de bolos "home made".

Muitos desses salõeszinhos foram celebrados por Dickens e uma plaquinha de metal não deixa nunca de recordar a nota literária, num toque das mais sugestivas emoções.

Depois, são os tradicionais albergues, os belíssimos "Inns" quanta vez de trezentos anos, como o "New Inn" de Gloucester com o seu pátio interno coberto de trepadeiras floridas, onde passei uma noite de "black-out", no verão de 1939, para a visita da catedral no dia seguinte, velha hospedaria elizabetheana, com os seus quartinhos forrados de madeira, os seus caixilhos de janela de guilhotina abrindo para uma visão de 1630, os seus longos corredores negros iluminados a lampejos de ferro com lume fingido de querosene, o seu maravilhoso décor com o recorte do tempo em cada canto.

Ora, pois, no verdadeiro centro geográfico da Inglaterra, a distância quase igual de Birmingham, do famoso aço de cutelaria, de Worcester, da mais perfeita louça britânica e da Shakspearelandia, era, que se erguia, atamada pela sua indústria de panos, relógios, máquinas de escrever e de automóveis, a pequenina cidade de Coventry, sede primitiva dum mosteiro beneditino fundado por Leofric em 1043.



Esse Leofric, segundo a lenda evocada por Tennyson, era o mesmo "conde normando assolador e hirsuto" dos sonetos de Julio Dantas, que um dia, querendo um prato de ouro a mais na sua mesa, lançara tremendo tributo sobre o seu povo, que o não podia pagar. Donde saiu a branca e loura Lady Godiva, nuinha sobre um cavalo branco, marchando através da cidade, pelas ruas donde havia desertado piedosamente a curiosidade dos habitantes, para que o senhor retirasse o imposto.

Um só dos homens de Coventry romperia sacrilegamente o voto de fechar os olhos, enquanto a castelã pagava, com o espetáculo da sua nudez, a promessa feita a seu senhor e amo, e esse mesmo perjuro os teria vasados na mesma hora, para todo o sempre.

A MARCA DA BESTA HUMANA — Homens e mulheres de Coventry, que resistiram impávidos à destruição dos seus lares, não contiveram as lágrimas quando viram totalmente destruída sua vetusta catedral. A torre, com a sua agulha de perto de 90 metros de alto, ficou milagrosamente de pé.

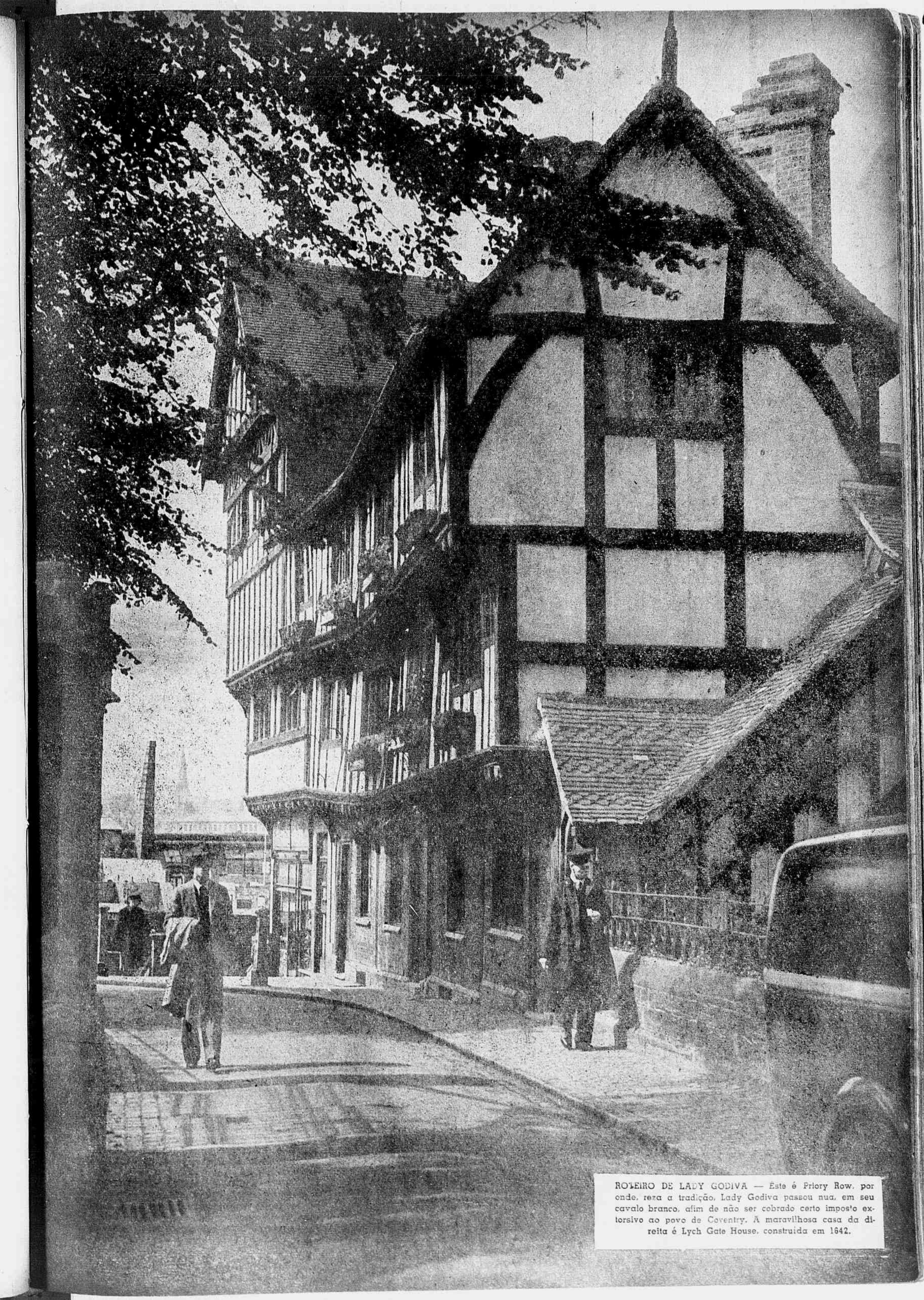


SEIS ANOS DEPOIS... — Coventry penteou os cabelos, livrando-os dos detritos das ruínas, porém as cicatrizes da guerra estão ainda bem vivas. Os executores de Goering fizeram o serviço bem feito. Os grandes prédios ao fundo da cena, em sua maior parte, são arcabouços de pedra e cal vazios.

O caminho seguido por Lady Godiva é o mesmo por onde vem agora andando este rapaz de capa no braço e este funcionário da Great Western Railway que seque para a estação. E' Priory Row que tem ainda a marca desta maravilhosa casa construída em 1642 pelo pároco de Trinity Church — Lych Gate House, agora simplesmente residência particular dalgum mortal afortunado. O declive desce, como na lenda está assinalado, pois deste ponto mesmo, ela surgiria, acima da cidade de olhos fechados, tão branca e tão clara, na moldura dos cabelos de ouro, como outro sol nascendo no burgo. A igreja da Trindade, com a sua agulha de 80 metros de alto, a terceira de Coventry lá se perfila, abaixo, como que velando o sítio.

Dos doze portões da cidadezinha antiga permanecem





ROLEIRO DE LADY GODIVA — Este é Priory Row, por onde, reza a tradição, Lady Godiva passou nua, em seu cavalo branco, afim de não ser cobrado certo imposto extorsivo ao povo de Coventry. A maravilhosa casa da direita é Lych Gate House, construída em 1642.



MERCADO DE PEIXE — As donas de casa de Coventry compram seu peixe neste mercado construído de madeira, papelão e folhas de zinco, quase na sombra das torres da catedral e da igreja da Trindade. Um moderno mercado já se acha planejado para a nova Coventry que surgirá, quando passe a crise.



apenas dois, e foi no seu recinto que em 1398 se travaram os famosos motins entre as gentes de Bolingbroke e Norfolk que é o mesmo Rei Ricardo II da peça de Shakespeare.

"Verdadeiro como o azul de Coventry" é uma velha frase inglesa com que se pagava tributo à honestidade do seu comércio de fitas e tecidos. Lenda, história, tradição, literária e industrial, o sinete da sua catedral das mais belas da Grã-Bretanha, a aureola dos nomes de Shakespeare e George Eliot a envolvê-la, tanto bastou para que certa noite de novembro de 1940 a bestialidade de Goering abrisse sobre ela uma avalanche de fogo e de explosivos, fazendo com que sobre as suas ruínas tão pacíficas, os seus lares adormecidos, as suas fábricas as suas igrejas e monumentos, descessem, por onze horas, sem parar, ondas e ondas de aviões derramando a destruição, o terror e a morte. O inferno não se abriu do céu, como nos livros sagrados, mas veio dos céus puros, das nuvens silenciosas e protetoras.

No dia seguinte, um novo verbo havia sido criado pela insânia dos homens e "coventrizar" passou muito naturalmente a significar daí por diante o sistemático arrasamento de qualquer área da Europa submetida ao peso dos bombardeios aéreos.

Homens e mulheres, que apenas haviam rangido os dentes quando viam ruir as próprias casas, não continham todavia o pranto, quando correu a notícia da destruição total da sua grande e bela catedral de que somente a torre, um pano da nave e uma que outra recortada ogiva se conservavam de pé, em puro milagre.

Depois, os montões de pedra e tijolo dos escombros foram removidos, os mortos ficaram dormindo suavemente no pátio da igreja mais próxima, a vida retomou seus ritos, entre os que ficaram.

Seis anos decorridos daquela noite fatal de 40, como diz a legenda duma destas fotografias, Coventry passou o pente nas ruínas, limpando os cabelos, mas, as cicatrizes deixadas pelos carrascos de Goering persistem ainda, em grande evidência, como na área central da cidade, onde tudo parece em ordem, mas os grandes edifícios de sólida construção não passam, na maioria, de arcabouços vazios, como gigantescos caixões sem teto e de fundo arrombado.

EMPÓRIO DE LINHO — Esta barraca, onde linho, tecidos de algodão e artigos de lã se vendem hoje, será substituída por um grande armazém moderno, na nova Coventry. A gente de Coventry, por mais negra que seja sua recordação da noite de 14 de novembro de 1940, prefere falar no futuro.



O grande mercado, as lojas de modas, as melhores casas de negócio esvairam-se em fumo e detritos, dando lugar a que se erga hoje uma cidade de emergência, com extensos alpendradas de madeira, papelão e folhas de Flandres, onde as donas de casa vão comprar seu peixe e seus artigos de linho, algodão e lã.

Nem a biblioteca pública pôde continuar seu destino de nutrir o espírito de milhares de criaturas, pois outra sorte lhe deram hoje, transformando-a em confortável sala de restaurante, dado que não há melhor nem mais amplo para as refeições das caixeirolas e dos bancários do centro da cidade.

Raro o habitante de Coventry, de seis anos de idade para cima, que não tenha uma recordação da noite fatídica. Entretanto, em vez de lembrarem o passado, com a sua marca de espanto e horror, preferem todos falar no futuro, quando outra cidade mais bela e mais ampla surgirá literalmente das cinzas, na velha repetição do mito da Fenix.

Uma coisa também fala a todo momento, na alma do seu povo: a catedral, que como um símbolo da persistência do espírito inglês, da sua fé e do seu heroísmo continua a velar pelo destino de Coventry. De todo canto a vemos, a lindíssima torre atilada no ar, apontando o céu.

O fotógrafo, immanando-as no mesmo plano, como numa só igreja, reuniu na maravilha desta composição, as torres da Catedral e da igreja da Trindade. No espaço vazio entre ambas, do chão esburacado das bombas, nasceram palmas silvestres, flores do campo vieram entelhar as ruínas. É a vida do momento, lado a lado com a vida da eternidade. Nada mais belo do que a perenidade deste símbolo, com as torres de pedra erguidas pelo homem, há cinco séculos, desafiadoras da destruição e da morte e a doce fragilidade destas plantinhas que a brisa da manhã recurva e acaricia.

Bem razão têm, pois, os dois jovens que estão, nesta outra estupenda fotografia, apontando a torre da Catedral: eles não vêem a ruína que ficou, estão olhando no futuro, quando uma nova catedral subir outra vez do chão e Coventry se espalhar novamente em derredor, purificada pela dor e pelo heroísmo.

TRAÇO DE UNIÃO — Estas lojas prefabricadas numa das principais ruas de Coventry marcam o traço de união entre o que foi a cidade e o que ela será. Lojas modernas surgirão onde se acham hoje estas construções temporárias, pois o plano da nova Coventry já se acha em franco progresso.

VELHO E NOVO... — As torres da Catedral e da Igreja da Trindade erguem-se em sombria majestade, como se ergueram durante séculos. Plantas silvestres de dois metros de altura brotaram entre as ruínas e escondem, com a doçura de suas hastes e de suas flores, as cicatrizes da guerra.



QUE estranhas, essas antigas recordações que nos obsedam sem que possamos desfazer-nos delas!

Esta é tão velha, tão velha, que seria impossível compreender como permaneceu tão viva e tão tenaz no meu espírito. Vi depois tantas coisas sinistras, emocionantes ou terríveis, que me espanta não se passar um dia, um único dia, sem que a figura da tia Clochette não se esboce ante meus olhos, tal qual a conheci, outrora, há tanto tempo, quando eu tinha uns dez ou onze anos.

Era uma velha costureira que vinha uma vez por semana, às terças, consertar a roupa branca, em nossa casa. Meus pais habitavam uma dessas moradias de campo chamadas castelos e que são simplesmente antigas casas de telhado agudo, de que dependem quatro ou cinco posteiros estabelecidos em derredor.

A aldeia, uma grande aldeia, em baixo, apreciava a algumas centenas de metros, apertada em torno da igreja, uma igreja de tijolos vermelhos, que o tempo enegrecera.

Tôdas as terças, pois, a tia Clochette chegava entre as seis e meia e as sete da manhã e subia para trabalhar na rouparia.

Era uma mulher alta e magra, barbuda, ou antes peluda, pois tinha barba por todo o rosto, uma barba surpreendente, imprevista rebentando em buquês inverossímeis, em tufo crespos que pareciam semeados por um louco através daquela grande cara de gendarme de saias. Tinha-a no nariz, em baixo do nariz, em torno do nariz, sobre o queixo, sobre as faces; e suas sobrancelhas, de uma espessura e comprimento extravagantes, grisalhas, densas, eriçadas, tinham o aspecto de um par de bigodes colocados ali por engano.

Ela coxeava, não como coxeiam os estropiados ordinários, mas como um navio ancorado. Quando apoiava sobre a perna sã o seu corpanzil ossudo e desviado, parecia tomar impulso para escalar uma vaga monstruosa, depois, de repente, mergulhava como para desaparecer num abismo, afundando no chão. Seu andar despertava a idéia de uma tempestade, de tal maneira ela balançava; e a sua cabeça, sempre coberta de uma enorme touca branca, cujas fitas lhe flutuavam às costas, parecia atravessar o horizonte, de norte a sul, e de sul a norte, a cada um de seus movimentos.

Eu adorava a tia Clochette. Mal acordava, corria ao quarto de costura, onde a encontrava instalada a coser, com um aquecedor sob os pés. Logo que chegava, ela me forçava a tomar o aquecedor e a sentar-me em cima, para não indefluxar-me naquela vasta peça fria, sob o telhado.

— Isso te alivia a cabeça, dizia ela.

Contava-me histórias, enquanto alisava a roupa com os seus longos dedos aduncos e vivos; os seus olhos, através das lunetas de aumento, pois a idade lhe enfraquecera a vista, me pareciam enormes, estranhamente profundos, duplicados.

Ela possuía, pelo que me posso lembrar das coisas que dizia e me tocavam o coração de criança, uma alma magnânima de pobre mulher. Considerava as coisas sem complicações. Contava-me os acontecimentos do burgo, a história de uma vaca que fugira do estábulo, e que tinham encontrado certa manhã, diante do moinho de Prosper Malet, vendo girarem as pás de madeira, ou a história de um ovo de galinha descoberto na torre da igreja sem que nunca tivessem compreendido que bicho fôra botar ovo ali; ou a história do cachorro de Jean-Jean Pilas, que fôra buscar, a dez léguas da aldeia, as calças de seu dono, roubadas por um viandante enquanto secavam diante da porta, após uma caminhada na chuva. Contava-me essas ingênuas aventuras de tal maneira, que tomavam em meu espírito

CLOCHETTE

proporções de dramas inesquecíveis, de poemas grandiosos e misteriosos; e os engenhosos contos inventados por poetas e que minha mãe me narrava à noite, não tinham o sabor, a amplitude, o poder das narrativas da camponesa.

Uma terça, como havia passado tôda a manhã a escutar a tia Clochette, eu quis ir para junto dela, à tarde, depois de colher avelãs com o criado, no mato dos Hallets, por trás da chácara de Noirpré. Lembro-me de tudo isso como se fôsse ontem.

Ora, no abrir a porta da rouparia, avistei a velha costureira estendida no assoalho, ao lado da sua cadeira, com a face no chão, os braços estirados, segurando ainda a agulha em uma das mãos, e na outra uma das minhas camisas. Uma das suas pernas, de meia azul, a grande sem dúvida, alongava-se debaixo da cadeira; e os óculos brilhavam ao pé da parede, havendo rolado para longe dela.

Fugi aos gritos. Acudiram; e eu soube pouco mais tarde que a tia Clochette estava morta.

Impossível dizer da emoção profunda, pungente, terrível, que crispou meu coração de menino. Desci pé ante pé para o salão e fui esconder-me num canto sombrio, ao fundo de uma imensa e antiga poltrona, onde me pus de joelhos para chorar. Ali fiquei muito tempo sem dúvida, pois a noite chegou.

De repente, entraram com um lampião, mas não me viram, e eu ouvi meu pai e minha mãe conversarem com o médico, cuja voz reconheci.

Tinham ido chamá-lo às pressas, e ele explicava as causas do acidente. Nada compreendi, aliás. Depois sentou, aceitou um cálice de licor com um biscoito.

Continuava a falar; e o que ele disse, então, permanece e permanecerá gravado em minha alma até a minha morte! Creio até que posso reproduzir quase literalmente os termos de que ele se serviu.

— Ah! dizia ele, a pobre mulher! Foi a minha primeira cliente aqui. Quebrou a perna no dia da minha chegada e eu nem tivera tempo de lavar as mãos ao descer da diligência quando me vieram procurar às pressas, pois era grave, bastante grave.

— “Tinha ela dezessete anos e era uma linda rapariga, oh! muito linda! Que mo diria? Quanto à sua história, eu nunca a contei; e ninguém jamais a soube, além de mim e de um outro que não está mais aqui. Agora que ela está morta, eu posso ser menos discreto.

— “Naquela época acabava de instalar-se no burgo um professor auxiliar que tinha uma linda cara, e um lindo porte de sub-oficial. Tôdas as raparigas lhe corriam atrás, e ele fazia de desdenhoso, pois tinha muito medo, aliás, ao mestre-escola, o tio Grabu, que nem sempre se levantava de boa veneta.

— “O tio Grabu já tinha como costureira a bela Hortência, que acaba de morrer nesta casa e que batizaram mais tarde de Clochette, depois do seu acidente. O auxiliar de professor sentiu inclinação pela menina, que fi-

cou sem dúvida lisonjeada de se ver escolhida por aquele inatingível conquistador; a verdade é que ela o amou e ele obteve um primeiro rendez-vous, no celeiro da escola, no fim de um dia de costura, depois do anoitecer.

— “Hortência fingiu, pois, que voltava para casa, mas, em vez de descer a escada, ao sair dos Grabu, ela a subiu, e foi esconder-se no feno, para esperar seu amoroso. Ele logo foi ter com ela, e começava já a dizer-lhe coisas quando a porta do celeiro se abriu de novo, e o mestre-escola apareceu e perguntou:

— “Que está fazendo aí, Segisbert?

— “Sentindo que seria pegado, o jovem professor, desnortado, respondeu estupidamente:

— “Eu tinha subido para descansar um pouco sobre os feixes, sr. Grabu.

— “O celeiro era muito grande, muito vasto, absolutamente escuro; e Segisbert empurrava para o fundo a rapariga amedrontada, repetindo: “Esconde-te, esconde-te! Eu vou perder o meu lugar; escapa-te, esconde-te!”

— “O mestre-escola, ouvindo murmurar, insistiu: “Como! Você não está sozinho aqui?”

— “Sim, estou sozinho, sr. Grabu!

— “Eu juro-lhe que estou sozinho, sr. Grabu.

— “Não, não, você estava falando.

— “E’ o que eu vou saber, tornou o velho e, fechando a porta, com duas voltas, foi procurar uma candeia.

— “Então o rapaz, um covarde como há tantos, perdeu a cabeça e repetia, tornado furioso de súbito: “Mas esconde-te, que ele não te encontre. Vais deixar-me sem pão para tôda a minha vida. Vais quebrar a minha carreira... Esconde-te, anda!”

— “Ouvia-se a chave girar de novo na fechadura.

— “Hortência correu à lucarna que dava para a rua, abriu-a bruscamente e, depois, com uma voz baixa e resoluta:

— “Tu irás apanhar-me depois que ele tiver partido, disse ela.

— “E saltou.

O tio Grabu não encontrou ninguém e desceu, muito espantado.

Um quarto de hora mais tarde, Sigisbert vinha procurar-me e me contava tôda a sua aventura. A rapariga, tendo caído da altura de dois andares, ficara ao pé do muro, incapaz de reerguer-se. Fui procurá-la com ele. Chovia a cântaros, e eu trouxe para a minha casa aquela infeliz, cuja perna direita estava quebrada em três lugares e cujos ossos haviam perfurado a carne. Ela não se queixava, e dizia apenas, com admirável resignação: “Estou castigada, bem castigada!”

Mandei buscar socorro e chamei os pais da operária, aos quais contei a história de um carro em disparada que a tinha atropelado e estropiado defronte à minha porta.

Acreditaram-me, e a polícia procurou em vão, durante um mês, o autor daquele acidente.

Aí está! E eu digo que essa mulher foi uma heroína, da raça das que realizam as mais belas ações históricas.

Foi êsse o seu único amor. Ela morreu virgem. E’ uma mártir, uma grande alma, uma Devotada sublime! E se eu não a admirasse absolutamente, não lhes teria contado esta história, que nunca quis dizer a ninguém durante a sua vida, bem compreendem por que?”

O médico se havia calado. Mamãe chorava. Papai pronunciou algumas palavras que eu não entendi bem; depois se foram embora.

E eu fiquei de joelhos sobre a minha poltrona, soluçando, enquanto ouvia um ruído estranho de passos pesados e encontros na escadaria.

Carregavam o corpo de Clochette.

Conto de GUY DE MAUPASSANT
Ilustração de ORLANDO MATTOS

ORLANDO
MATTO





Em cima: uma cena de "Ruy Blas", filme de Jean Cocteau, adaptado da peça em versos de Victor Hugo. Em baixo: Jean Marais e Danielle Darrieux, em uma cena de amor; à direita: Danielle Darrieux, no papel da Rainha Maria, a quem Ruy Blas fascina sob o disfarce de Don Cesar de Bazan, grande de Espanha.



DANIELLE DARRIEUX VOLTA

O SUCESSO DA FAMOSA "ESTRELA" NO TEATRO FRANCÊS. O CÉLEBRE DRAMA DE VICTOR HUGO, ADAPTADO POR JEAN COCTEAU — DANIELLE E JEAN MARAIS, PRINCIPAIS ATORES DA PELÍCULA QUE PROMETE SER A MELHOR DO CINEMA

Reportagem

Fotos de ANDRÉ-PAULVÉ e GEORGES LEGAND

Mais uma vez o cinema francês leva à tela uma obra de Victor Hugo, que já se tornou inesquecível, em duas épocas, de "Os Miseráveis" em que Jean Marais e Danielle Darrieux também passaram, bem através do cinema americano, em duas versões de "Notre Dame de Paris" (a primeira vez com Lon Chaney e a segunda com Charles Laughton). "O homem que ri", com o famoso ator Conrad Veidt e Mary Philbin, com Fredric March e Charles Laughton, — Victor Hugo até aqui não foi muito bem recebido pelo cinema. E' verdade que os estudos italianos, como "L'Amour de Victor Hugo", não, porém, como uma peça de Victor Hugo, mas como uma adaptação de um nome do poeta das "Contemplações", mas de um modo geral este trabalho de um poeta moderno teve a idéia de reescrever sob a forma de um drama o maior sucesso de Victor Hugo, incluída no elenco da Comédie-Française, e agora realizada nos estúdios de Paris. Quem realizou essa tarefa foi o poeta e dramaturgo Jean Cocteau, todo o diálogo, ficando de Victor Hugo apenas a intriga e algumas palavras.

— Sortez!

Peça escrita em versos, "Ruy Blas" é a história de um miserável, Don Salustio de Bazan, despido com a indiferença da Rainha Maria, a filha de Don Cesar de Bazan, grande de Espanha, — e portanto, um homem erecto e de chapéu, em presença do rei, — e assim disfarçado, começa a desmascarar. O desfecho é trágico, mas Ruy Blas tem o consolo de saber que ele não era o nobre Don Cesar de Bazan... "REVISTA DE CINEMA" especial à Europa. Nelson Vainer, tem as primícias da publicação do filme francês no Brasil.

a cena de amor. A di-

OLTOU AO CINEMA

TEATRO FRANCES — "RUY BLAS",
APTAO PARA O ÉCRAN POR JEAN
S, PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DA
OR DO CINEMA FRANCES EM 1947

Reportagem de NELSON VAINER
S LEGAND

de Victor Hugo. Esse cinema dera-nos uma ver-
que Hamlet foi o protagonista. Divulgado tem-
entre Dami e Paris", convertida em "O Corcunda
ada com Charles Laughton), e em uma versão de
ry Philbin em falar na versão de "Os Miseráveis",
até aqui era sua obra dramática quase inteira-
italiana. Mas, há pouco, a intriga de "Le roi
s como uma ópera italiana, de Giuseppe Verdi, pois
geral esta obra havia sido ignorada. Entretanto,
ma de estilo cinematográfico uma das peças de
édie-France, "Ruy Blas", que acaba de ser fil-
o poeta e dramaturgo Jean Cocteau, que atualizou
algumas palavras isoladas, como, por exemplo:

miserable, que um nobre e poderoso senhor,
nhá Maria introduziu no Escorial, sob a falsa iden-
portante de o privilégio de conservar-se de pé,
ado, cooça ele a rainha, para ser, mais tarde,
onsolo de saber que a rainha Maria o ama, mesmo
EVISTA "SEMANA", através do seu enviado es-
ação das melancólicas cenas desse novo e espetacular







A esquerda: um tipo de Lândido espanhol, a serviço de Don Salustio — de Bazan, com a incumbência de dar sumiço ao autêntico Don Cesar. Em cima: a rainha Maria (Danielle Darrieux), que se aborrece entre suas camareiras, porque nada lhe é permitido, nem mesmo jogar cartas, pois seus parceiros teriam de ser da nobreza...

PARIS, Julho (Pelo "Bandeirante" da Panair de Brasil) — A primeira pessoa que procuramos depois da nossa chegada a esta cidade, para pedir uma entrevista, foi a famosa estrela do cinema francês, Danielle Darrieux, cujos filmes obtiveram sempre o mais completo sucesso no Brasil.

Encontramos a linda heroína de "Mayerling" no camarim do Teatro Eduardo VII, onde, ao lado de Claude Dauphin, trabalha há mais de três meses consecutivos na deliciosa comédia "L'amour vient en jouant". Entretanto,

faltavam apenas dez minutos para o começo do espetáculo e Danielle, cuidando da "maquillage", pediu-nos que passássemos outro dia. Restava-nos apenas comprar um ingresso e entrar no teatro.

Tendo chegado atrasado, não havia mais lugares. Onde poderíamos nos sentar? A casa estava repleta. Ficamos, portanto, de pé. E Danielle, representando o seu papel com arte e graça inimitáveis, arrancou do público os mais frenéticos aplausos.

O nosso segundo encontro foi casual. Ao sair do seu

automóvel, perto do referido teatro, aproveitamos o ensejo para cumprimentá-la. E ali, ao pé do fogo, mantivemos uma rápida palestra, na qual a linda estrela justificou sua atitude durante a nossa visita anterior. Além de trabalhar diariamente na mencionada comédia, disse-nos que fazia parte do elenco duma nova película em acelerada filmagem, que deverá ser apresentada ao público dentro de muito breve.

(Cont. na pág. 58)

Em baixo: à esquerda, cena entre Don Guritan e Don Cesar de Bazan (papel feito, como o de Ruy Blas, pelo ator Jean Marais); e, à direita, uma cena entre Danielle Darrieux e um dos figurantes da película de Jean Cocteau.



COMO Alexandre e César, Carlos Magno, nos apresenta, através das brumas da lenda, como um gigante de proporções sobrehumanas. Os poetas e os historiadores da glória militar, os românticos

que, sentados dentro de seus quartos, cantam e celebram batalhas, têm o costume de medir a grandeza dum homem pelo número dos seus semelhantes, que ele exterminou em guerra. Idealizaram Carlos Magno por causa dos seus êxitos militares. Descobriremos, provavelmente, tratar-se de um ídolo dourado com pés de barro e coração de aço.

Era ele, admitamos, um homem de extraordinária capacidade. Dava mostras de uma força física e uma atividade espantosas. Possuía um talento administrativo pouco comum. Seu amor à cultura, pôsto que tardio, era provavelmente genuíno. Sua contribuição para a expansão do cristianismo foi apreciável — mas talvez não muito mais se ele houvesse propagado a fé pela persuasão, e não pela violência. Apesar de tudo isto, Carlos Magno nos aparece como um homem para quem a vida dos seus semelhantes não tinha mais importância do que a vida de insignificantes insetos. No caminho que trilhou em busca da glória pessoal, calcou os pés com tanta consideração como se pisasse um formigueiro.

II

Carlos Magno foi um produtor do seu tempo — o que quer dizer que o seu tempo não constituiu espetáculo agradável de contemplar. O Império Romano se despedaçara, e grande número de aventureiros rosnavam e se engalinhavam como cães enfurecidos pela posse dos diversos pedaços. Como resultado das contínuas disputas, começaram a surgir na Europa vários estados bárbaros — o reino dos suevos, o dos visigodos, o dos ostrogodos, o dos saxões, o dos bávaros, o dos lombardos, e assim por diante. Um dos mais fortes era o reino dos francos. Tendo começado no que é hoje a Bélgica, espalhou-se por grande parte dos territórios que atualmente formam a França e a Alemanha, mas que então se chamavam Neustria e Austrásia.

Como em todos os outros reinos bárbaros daquele tempo, no reino dos francos havia constantes lutas pelo poder supremo entre os diversos chefes militares. Muitas vezes o rei era o apenas em nome. O verdadeiro governante era o chamado mordomo, ou prefeito do paço. Um dos mais poderosos desses prefeitos do paço foi Pepino o Breve, cuja mulher foi chamada pelos seus contemporâneos Berta do Pé Grande. Pepino era o ditador virtual dos francos, e o rei não passava de um títere nas suas mãos. Mas Pepino não se satisfazia com ser o governante efetivo; queria também ser reconhecido como tal. De modo que, um dia, enviou uma delegação ao Papa com o fim de perguntar-lhe quem era o verdadeiro rei dos francos — o homem que exercia o poder, ou o que usava a coroa. Para essa pergunta só podia haver uma resposta, principalmente tendo em vista que os soldados de Pepino estavam prontos, se fosse necessário, a impô-la pela força. Pepino foi ungido e coroado imperador dos francos.

Ao morrer legou o reino a seus dois filhos, Carlos e Carlomano. Imediatamente os dois irmãos começaram a lutar pela supremacia. Felizmente para Carlos, a luta terminou subitamente com a morte do irmão, Carlomano. Carlos era agora o rei único da Neustria e da Austrásia.

Mas o novo monarca ainda não ficou satisfeito. Estava atacado daquela estranha e mortal doença, a fome de terra — doença que mata, não o enfermo, mas os infortunados que se encontrem no seu caminho. Carlos, insaciável, lançou-se a intermináveis campanhas de conquistas; matou milhares de pessoas e ganhou o epíteto de Magno (Carolus Magnus — Carlos o Grande).

III

Carlos Magno era, além de general com-

petente, um político hábil. Procurava obter territórios tanto por meio de casamentos como pela conquista militar. Assim, propôs-se a casar com Desiderata, filha do rei Desidério da Lombardia (Itália setentrional). O fato de já ter uma mulher não o deteve. O papa Estêvão se opôs ao casamento, mas Carlos Magno não lhe deu importância. Tomou a nova esposa sem divorciar-se da antiga, e tratou de impor sua autoridade ao sogro.

Mas o rei Desidério era um homem ativo e não gostava de receber ordens de qualquer outro soberano. Carlos Magno enfureceu-se com sua insubordinação. Estava resolvido a dar uma lição ao sogro e, incidentalmente, a anexar a Lombardia ao seu reino.

Com esse fim repudiou Desiderata, tomou uma terceira esposa — Hildegarda, da Suábia — e marchou com os seus novos aliados suábios contra o reino de Desidério.

A reputação de Carlos Magno como guerreiro infundia terror em seus contemporâneos. Temos uma descrição vívida, se bem que intênua, do ataque contra Desidério na *Vida de Carlos Magno*, escrita pelo monge de Saint-Gall:

"Ora, aconteceu que um dos fidalgos de Carlos Magno, chamado Otker tendo incorrido na cólera do terrível Imperador, fôra buscar refúgio na corte de Desidério. Quando receberam a notícia de que se aproximava o exército de Carlos Magno, os dois homens subiram a uma alta torre e fitaram os olhos no horizonte, na direção de reino dos francos.



Carlos Magno, imperador da França.

A VIDA DE CARLOS MAGNO

(742 — 814)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

"Em breve apareceram os carros de bagagem. Rápidos como o furacão avançavam, e à sua frente cavalgava um soberbo guerreiro. Desidério perguntou a Otker:

"—Aquele é Carlos Magno?

"E Otker respondeu:

"—Ainda não.

"Então vieram as poderosas hostes das nações tributárias, cada uma conduzida por um homem de brilhante armadura.

"— Certamente — disse Desidério, — Carlos Magno vem entre aquelas tropas.

"Mas Otker replicou:

"— Ainda não, ainda não.

"Sentiu então Desidério grande inquietação e disse:

"— Como é ele? E que acontecerá quando estiver entre nós?

"E Otker retrucou:

"— Vereis como ele é, quando aqui chegar. Quanto ao que nos acontecerá, não sei dizer.

"E eis que, enquanto falavam, surgiu a galope uma cavalcada de ferozes guerreiros — o escol dos batalhões de Carlos Magno. E Desidério, ao avistá-los, exclamou com espanto e terror:

"— Aí vem Carlos!

"Mas Otker replicou:

"— Ainda não, ainda não.

"Desidério empalideceu e tremeram-lhe os joelhos.

"— Como então, hei de saber quando está a chegar Carlos Magno?

"— Quando virdes os campos erigidos de ferro e as águas do Pó transbordando, lançarem-se contra os muros da vossa ci-

dade, então sabereis que Carlos chegou.

"Não terminara de falar, quando no oeste se levantou uma nuvem que tornou o dia em noite. E no meio da nuvem via-se um guerreiro, cuja armadura cintilava com o fulgor

do relâmpago. Sua cabeça estava coberta com um elmo de ferro; tinha as mãos calçadas com guantes de ferro, e uma couraça de ferro lhe protegia o peito... De ferro era a sua lança, e o seu escudo; e o corcel que montava era cor de ferro, e tinha um coração de ferro. E atrás dele vinha o resto dos seus soldados — guerreiros couraçados de ferro e com uma férrea decisão de matar.

"— Lá — sussurrou Otker — está o imperador Carlos, que tanto ansiáveis por ver. — E, dizendo estas palavras, caiu ao chão, desmaiado."

IV

Tendo vencido os lombardos, Carlos Magno dirigiu as suas vistas para os saxões, no nordeste. Devastou-lhes o país numa série de incursões anuais, durante um período de mais de trinta anos, intimidando-os com uma "guerra de nervos", não menos que com a constante pressão das armas. Após dizimar a população converteu o restante ao cristianismo, método diametralmente oposto ao de Jesus, que pregava o ideal da conversão pelo amor. A dívida que Carlos Magno assim trazia à Igreja não era insignificante, sem dúvida, mas era oferecida por mãos manchadas de sangue. Não aprendera ele a lição dos primeiros missionários, que tinham espalhado o cristianismo como um evangelho de paz e não como uma religião marcial. Os saxões, como demonstraram posteriormente, podiam muito bem ter sido persuadidos a aceitar a religião cristã sem o argumento, completamente desnecessário, do punho de ferro de Carlos Magno. Segundo parece, este se interessava mais pela pilhagem das terras dos saxões do que pela salvação das suas almas.

Entretanto, devemos levar em conta o espírito da época em que viveu. A brandura era uma virtude rara naqueles tempos. O imperador, embora professasse o cristianismo, era, na realidade, um pagão por temperamento. Acreditava, talvez sinceramente, na Sagrada Escritura. Não a entendia, porém. Era difícil ouvir a "voz mansa e quieta" do céu, naqueles dias de confusão política, entre o incessante embate das armas. Alguns conselheiros de Carlos, especialmente o sábio frade inglês Alcuino de York, admoestaram-no contra a "Insensata política de conversão forçada", mas o imperador não dava atenção a tais conselhos. O seu ouvido rudo não era capaz de sentir a doce música da Regra de Ouro.

Quando Carlos Magno venceu os saxões, instituiu uma prática que mais tarde iria causar grandes males. Transplantou aos seus próprios domínios um férreo da população masculina da Saxônia. O que pretendia era fortalecer o reino mantendo milhares de reféns ao seu alcance. O que na realidade conseguiu foi enfraquecer o país introduzindo milhares de rebeldes dentro das suas fronteiras. Esses rebeldes e os seus descendentes tiveram, pouco depois da morte de Carlos, parte não insignificante na dissolução do império dos francos. Carlos Magno demonstrou o axioma histórico segundo o qual tudo o que se obtém injustamente com facilidade se perde.

Mas Carlos não aprendera esta importante lição de história. Tendo vencido os saxões, submeteu a seguir os eslavos (no território que hoje constitui a Prússia, a Polônia e a Tchecoslováquia) e os avares (na Hungria atual). Da Hungria trouxe, ao regressar, um tesouro constituído de valiosos adornos, com o qual se poderiam encher "quinze grandes carros puxados a quatro cavalos".

Então, tendo conquistado esse vasto império, ordenou que os seus súditos prestassem novo juramento de fidelidade e

(Cont. na pág. 52)

VOCÊ está decepcionada, minha amiga. Sonhou terrivelmente com aquela festa; na sua imaginação você se via maravilhosa, no seu vestido de baile; seus cabelos soltos teriam reflexos dourados, seus olhos um brilho de felicidade... Quando você entrasse no salão, um oh! de espanto e de admiração percorreria todos os cantos... Quando você dansasse, abraçada pelo seu par, todos os olhares se convergiriam para você; os outros talvez não dansassem para ter a suprema ventura de admirá-la. Todos os rapazes ficariam loucos para conhecê-la, todas as moças morderiam os lábios de inveja...

Durante dias e noites, estes sonhos povoavam a sua cabeça. Você, com a sua vaidade não poderia admitir que as coisas não corresse assim.

Mas, chegou afinal o dia da festa. Você realmente estava linda. "Ela!" se orgulhou de você.

E foi tudo o que aconteceu... Tudo o que bastaria para uma moça sensata e sincera. Mas você verificou, desolada, despetada, que as outras moças também estavam lindas. Nos seus vestidos, havia reflexos dourados nos cabelos e um brilho de felicidade nos seus olhos...

Você que deveria ter se contentado em ser uma "entre" elas, ficou furiosa por não ser a "única". Ficou tão furiosa que perdeu a graça e não soube mesmo manter uma atitude digna pelo menos para agradar ao seu par.

A inveja, o despeito, estragaram a sua noite e afastaram, definitivamente, um possível pretendente.

Naqueles seus sonhos bonitos, você esqueceu que existem moças tão ou mais belas do que você... A realidade foi terrível.

Você sofreu e continuará sofrendo, a não ser que modifique as suas suposições sobre você mesma, a não ser que deixe de uma vez para sempre a mania de pretender "ofuscar"...

Abandone de uma vez o desejo de ser "a alma da festa" para se contentar em participar da mesma nivelando-se às demais.

Se você é bonita, lembre-se de que a beleza não basta para agradar: são necessários dotes de espírito, simplicidade, simpatia, naturalidade, amabilidade, etc.

Não "vôe alto", querida amiga: você será mais feliz...

KITTY

Arlene Dahl, é uma encantadora figurinha da Warner, que os "fans" terão oportunidade de ver em "My wild Irish rose", technicolor que está filmando ao lado de Denis Morgan. Para a sua elegância interior, Arlene sugere este lindíssimo pijama em cetim azul marinho, corpo da blusa com flores estampadas, sandálias prateadas.



NOS BASTIDORES FEMININOS



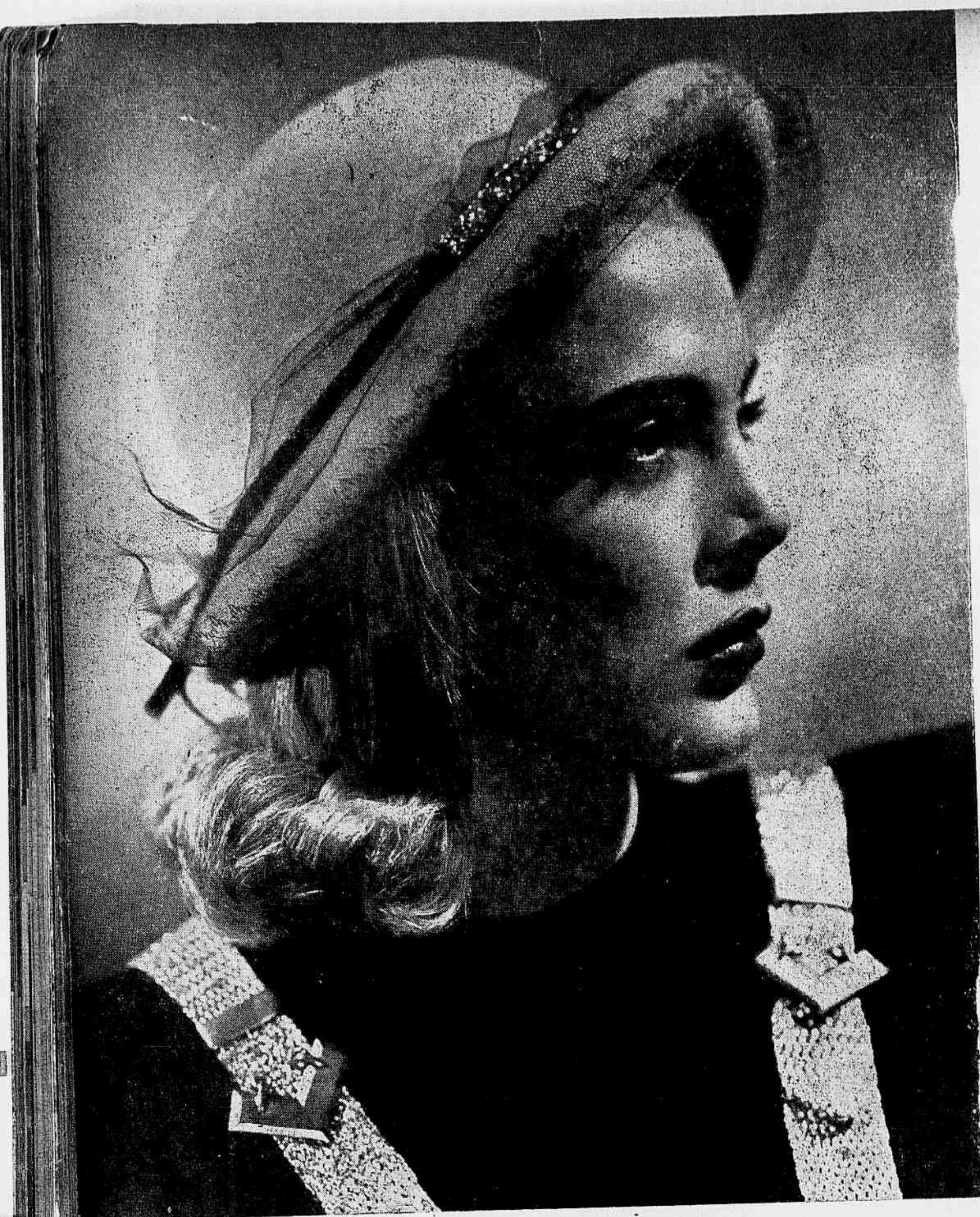
PARA MOCINHAS

Molyneux criou este modelo muito original, em tecido quadriculado preto e branco. Uma sobre-saia franzida dá um aspecto diferente à "linha". Gola e punhos brancos, laço vermelho na gola.



A esquerda, Jacques Fath: Modelo em jersey de sêde cinzento, saia muito franzida, drapeados na blusa presos com vistoso "clips". Decote quadrado, cruzado nas costas. À direita: Schiaparelli. Modelo em cetim cinzento. Corpo drapeado, saia justa na frente com drapeados atrás. Luvas e laços na saia, em cetim cinzento mais claro.

NOITE DE GALA



DE HOLLYWOOD

Para vocês que resolveram "aderir" ao regresso do chapéu, eis as mais recentes sugestões de Hollywood: — À esquerda: Elizabeth Scott, da Paramount Pictures, com um feltro rosa, de forma arredondada. Sobre a aba, fino véu preto. Enfeite de pedras sobre estreita fita de veludo preta. À direita: Esse é o tipo do "solta-foguete". A morena Dorothy Lamour acha-o bastante sugestivo, com as suas bombas colocadas na copa como enfeite. Ao redor da aba, bordado inglês, com fita de veludo enfiada. Fita larga de gorgurão ao redor da copa. Em baixo: A encantadora Virginia Mayo dá preferência à boina simples, para os seus passeios matinais. Loretta Young, da RKO, está "angélica" com o seu chapéu de palha inglesa, com renda cinzenta ao redor da copa e saindo sob a aba para cair em "jabot" sobre o peito, arrematada por uma camelia.

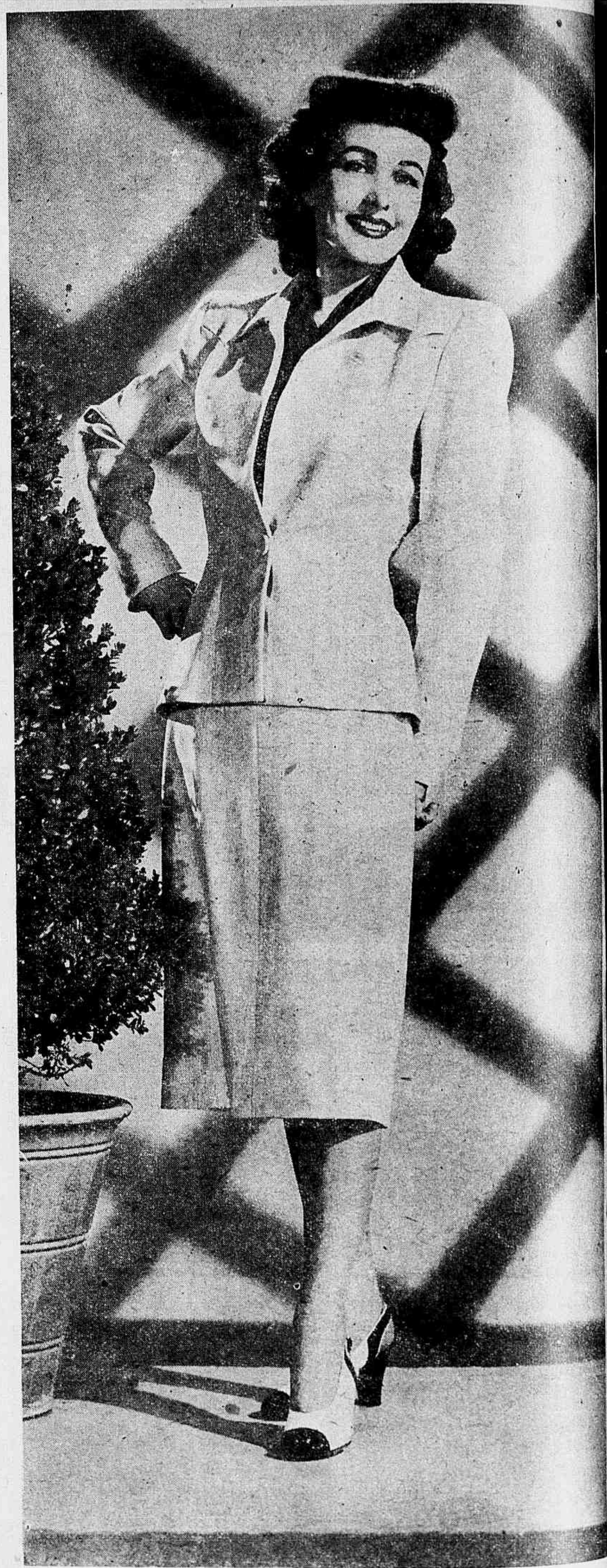
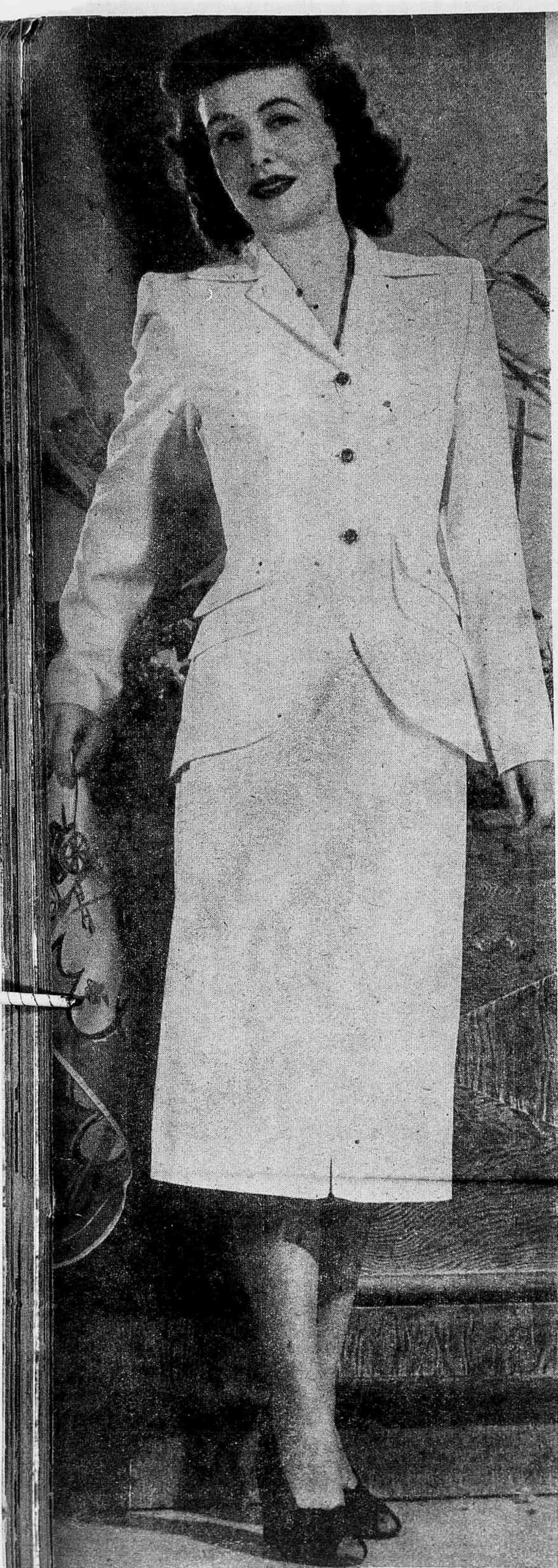




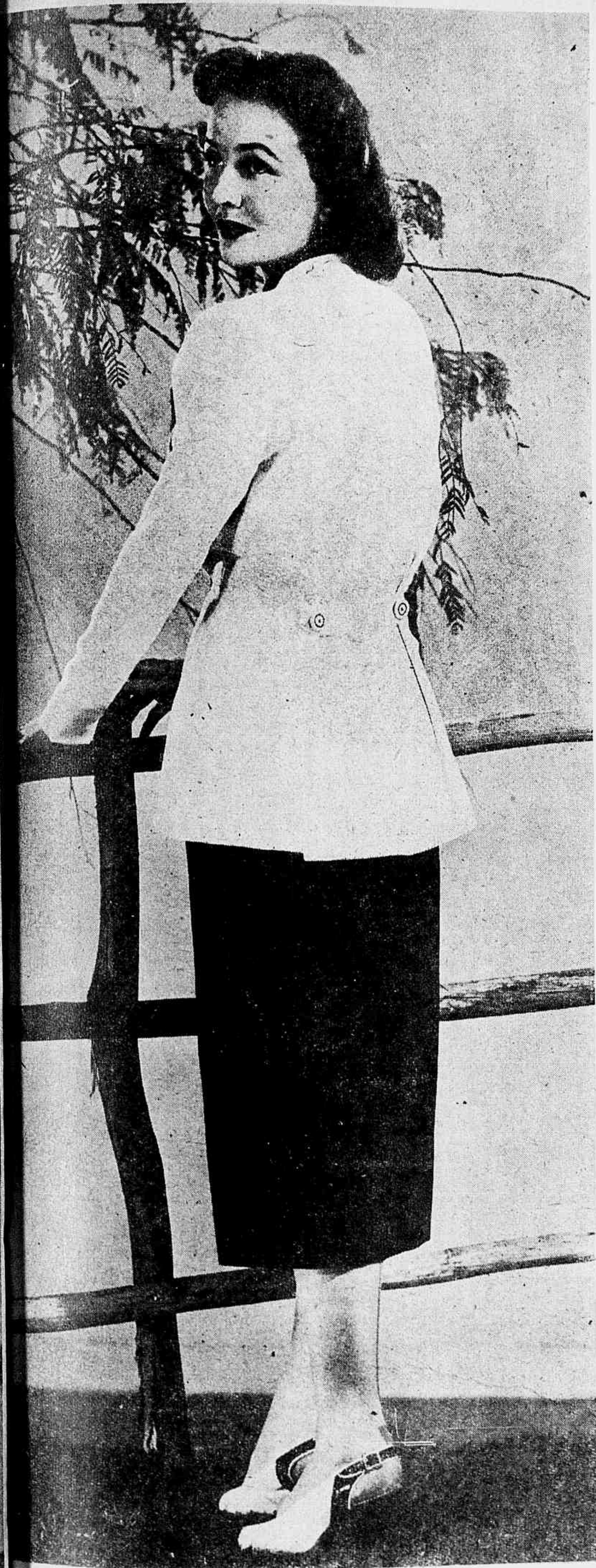
PENTEADOS

Para a noite, Cathy Downs, da Fox, usa este penteado para o alto, com ondas e "boucles". Dois "clips" dourados fazem jogo com os brincos. Para ocasiões menos formais, a elegantíssima Myrna Loy, escolhe um penteado simples, formando coroa ao redor da cabeça. Muito bonito este penteado, repartido ao meio, cabelos dos lados levados para cima formando boucle". Atrás, cabelo é solto e bem armado. Mona Feeman, da Republic, sugere, para as jovens da sua idade, este penteado simples, e jovial. Para que os cabelos soltos estejam sempre bonitos, é mister escová-los pela manhã e à noite, diariamente.

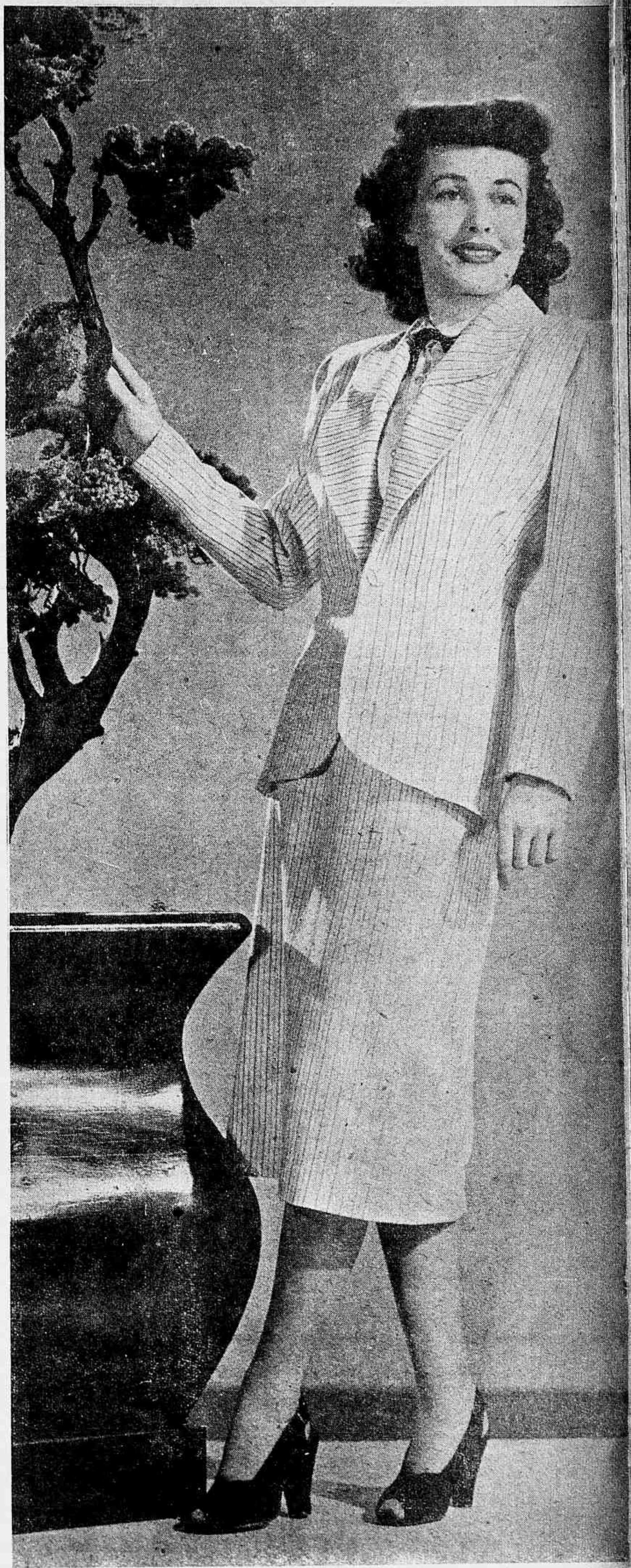




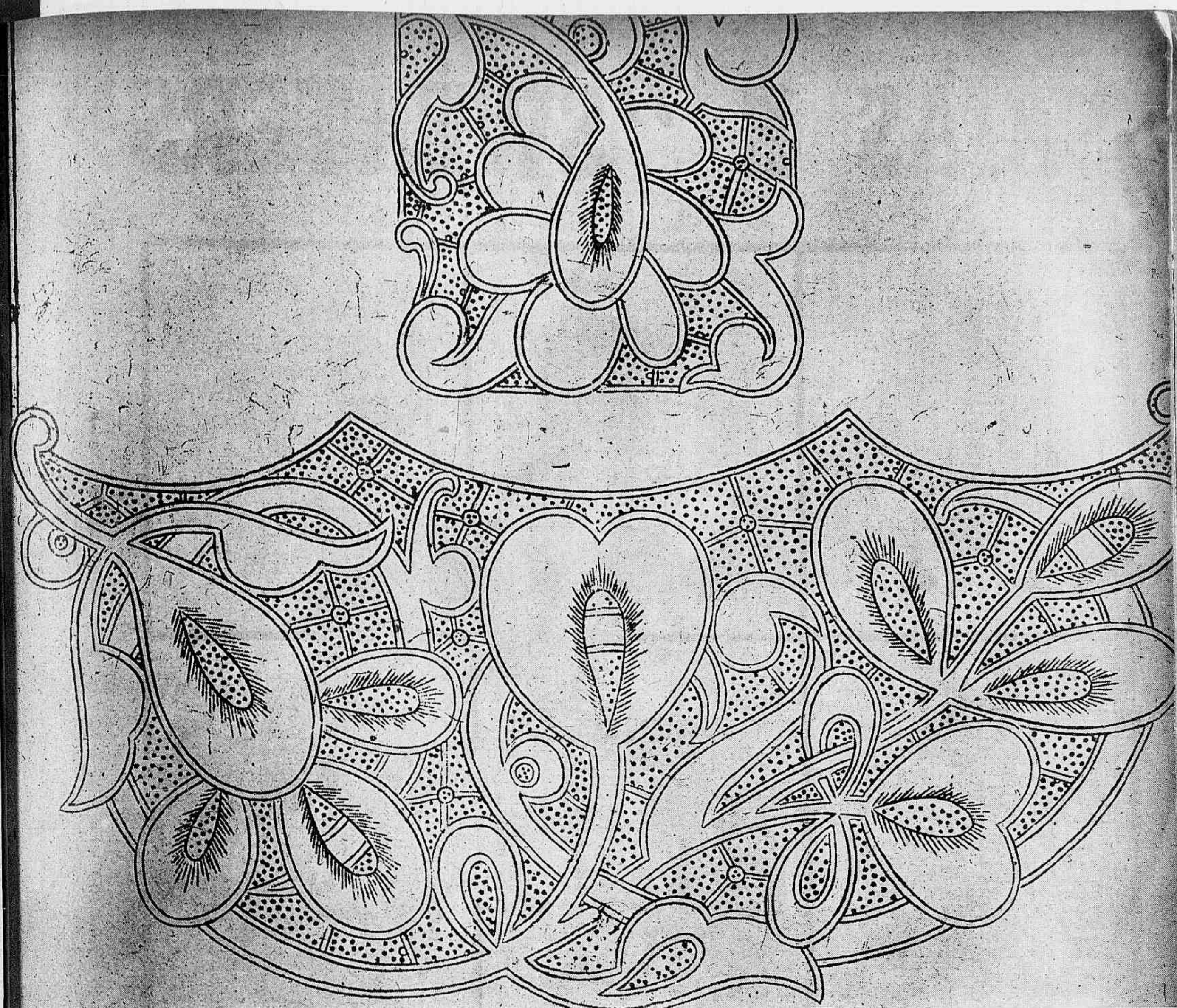
ESSA bonita figurinha da Republic Pictures possui uma verdadeira coleção de "tailleurs". Realmente, o "tailleur" não deve faltar no guarda-roupa de mulher alguma, da mais rica à mais modesta, pois veste muito bem e permite muitas variações. Da esquerda para a direita: "Tailleur" de flanela branca (pode também ser executado em panamá). O casaco é arredondado na frente e os bolsos acompanham o mesmo movimento.



Botões fantasia. Em camurça bege é este "tailleur" de Miss Leod, fechando o casaco com um só botão. Palas recortadas nos ombros. "Echarpe" de seda marron. Sãia com costura na frente. Com uma sãia de lã preta. Miss Leod usa este casaco branco de seda pesada, cinchado atrás e formando duas pregas fundas. E, para terminar, elegante modelo em lã bege com listras vermelhas e marinho. A lapela é feita com as listras em sentido oposto.



CATHERINE MC LEOD APRESENTA



TRABALHOS MANUAIS

JOGO DE TOALHAS PARA TOUCADOR

(RICHELIEU = B. A. Sp 9)

Material Necessário:

Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora".

11 meadas de F443 (Laranja Claro)

(Usar três fios de linha)

90 x 45 cm. de linho amarelo claro.

1 agulha Milward "Crewel" n.º 6.

Traçar o desenho em duas toalhas pequenas e uma toalha central, de acordo com a ilustração fotográfica.

Deve-se primeiro contornar todo o desenho com ponto de alinhavo e então fazer as barras.

Ver o diagrama para método de trabalhar as barras com picot.

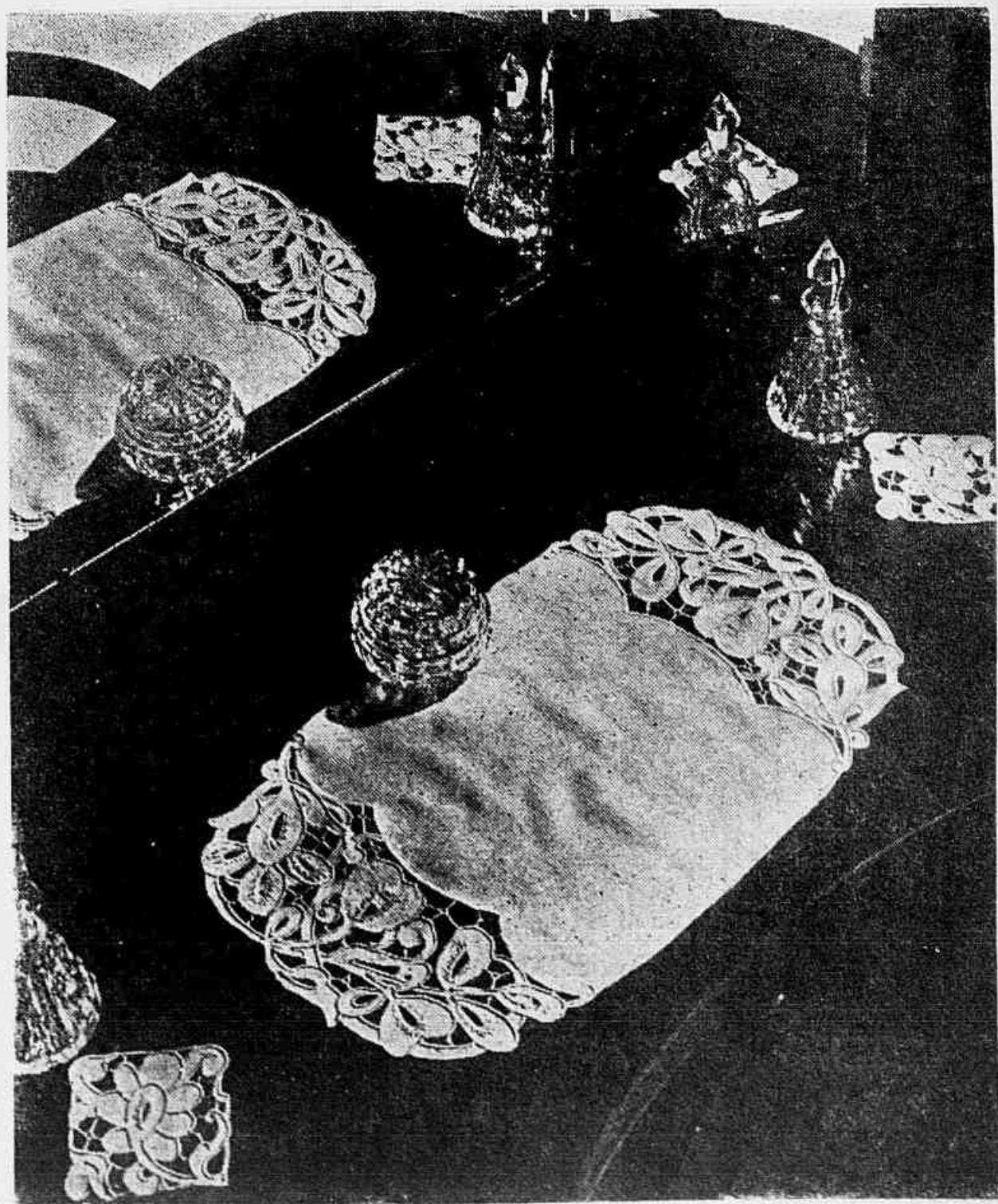
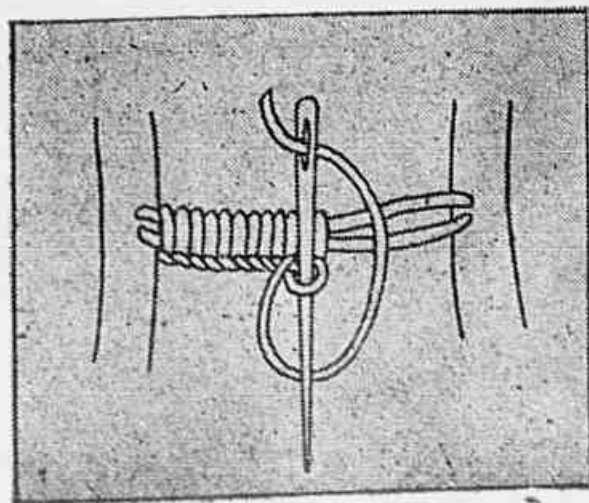
No caso das barras unidas por um círculo, deve-se primeiro fazer o círculo, enrolando a linha duas vezes ao redor de um lapis e casear sobre a linha. As barras unidas ao círculo são feitas como as outras.

Algumas flores do desenho são trabalhadas com ponto matizado. O restante é feito com ponto de casear.

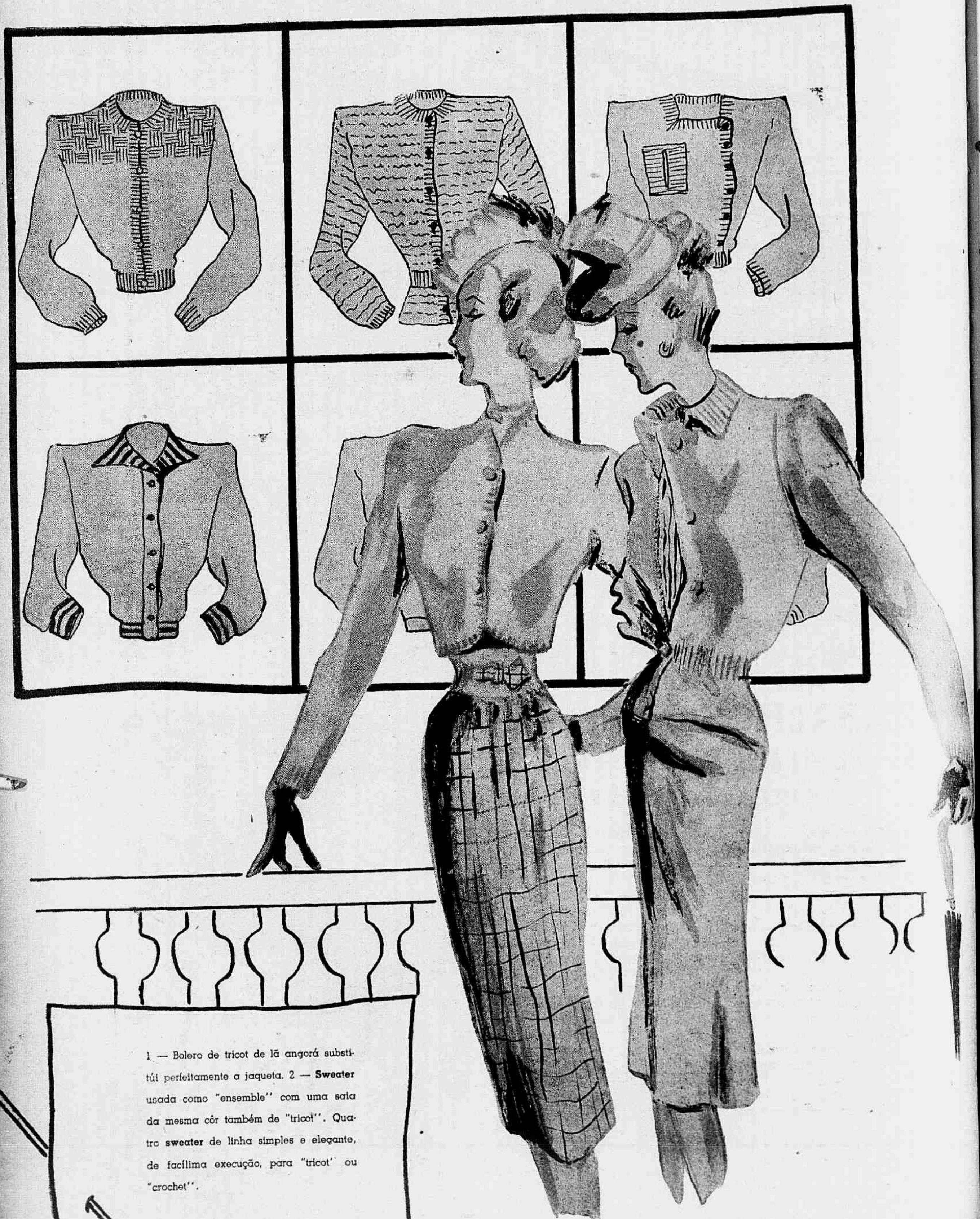
Umedecer e passar o bordado pelo avesso e então recortar o tecido excedente em volta das beiradas e nas partes indicadas com pontinhos no diagrama.

Este trabalho também pode ser feito com:

Linha Brilhante Pérola marca "Ancora" n.º 8 (Novelos de 10 gramas) usando 2 novelos de F443 (Laranja Claro).



SAIAS E "SWEATERS"



1 — Bolero de tricot de lã angorá substituí perfeitamente a jaqueta. 2 — Sweater usada como "ensemble" com uma saia da mesma cor também de "tricot". Quatro sweater de linha simples e elegante, de facilíssima execução, para "tricot" ou "crochet".

1 — Uma sweater para inverno, com um cinturão de couro interessante com a sua sacola pendurada. Saia franzida. 2 — O casaco completando a sweater e a saia réta modificam a aparência da silhueta. Cinco saias de diferentes feltres, novas, originais e esportivas. A sexta saia é muito interessante, com os seus bolsos saindo de uma prega sobre os quadris.





PAISAGEM DE MOÇAMBIQUE (Desenho e quadro de Isaias Newton).

A 22 de Maio de 1792 um navio ia deixar o porto do Rio de Janeiro rumo à África Portuguesa. Levava a embarcação destino especial, a seu bordo passageiros condenados a degredo por comutação de pena capital.

O navio de transporte singular pertencia à carreira da Índia, mandado na ocasião a incumbência particular e a terras não de costumeiro aportar.

"Nossa Senhora da Conceição Princesa do Brasil", chamava-se o navio da viagem de Maio de 1792. Nome maior que o barco, observou Vernhagen com mais ironia que exatidão de dimensões, a ironia pouco habitual no historiador sorocabano de sangue germânico.

A 23 de Maio de 1792, o navio da Índia, de nome sagrado unido a profano, largava das águas do Rio de Janeiro, talvez por um desses dias luminosos e de temperatura amena do outono carioca.

A cidade capital do Brasil ainda estava sob a impressão do julgamento e das cenas da Inconfidência rematada com a execução de Tiradentes, um mês depois do qual sete passageiros do navio fretado para seu transporte seguíam para o continente africano.

A viagem oferecia aos passageiros forçados certa compensação, transferidos eles de cárceres a liberdade relativa, embora o limitado espaço ainda pudesse lembrar estreiteza de prisão.

Durante longa travessia dariam consolo e refrigério, aos há pouco prisioneiros, o intermínio do oceano na fugidia linha do horizonte, alguns dias de sol claro, algumas noites de luar ou cravejar de estrelas. E quantas noites de luz de candeia haviam conhecido em cárcere os passageiros do "Nossa Senhora da Conceição e Princesa do Brasil", a bordo do qual Tomás Gonzaga, José Ayres Gomes, Virente Vieira da Motta, João da Costa Rodrigues, Antônio Vieira Lopes, Victoriano Gonçalves Velloso, e Salvador de Carvalho do Amaral.

Excelente resumo da Inconfidência é

devido a escritor mineiro, Francisco Antonio Lopes, biografando "Os Personagens da Inconfidência Mineira", traz muito auxílio a estudiosos, permitindo conhecer de pronto aqueles personagens.

Na obra destacam-se os sete passageiros do **Nossa Senhora da Conceição e Princesa do Brasil**, quatro portugueses, três brasileiros, dois mineiros, um fluminense, respectivamente Gonzaga, Vieira da Motta, e Antonio Lopes, nacionais quatro, José Ayres (de S. João d'El Rey), Victoriano Velloso (de S. José do Rio das Mortes), João Rodrigues (de Villa Rica), Salvador Amaral (de Parati).

Vieira da Motta fôra convidado por Silva Xavier, Tiradentes, que lhe pusera um dente postico de osso, para participar da conjura Vilariquense. Recusara ao convite e assaz profeticamente observara ao convidante "que ele andava procurando algumas dôres de cabeça ou de lha espetarem nalgum país".

Português qual Vieira da Motta, Antonio Lopes, a exemplo do compatriota, não denunciou Tiradentes ao visconde de Barbacena. Só perante justiça declarou que ao dizer-lhe Silva Xavier que já contava com onze pessoas para formar república, gracejando lhe retorquiria Lopes que "em os tendo ele faria a duzia".

Cada um dos inconfidentes passageiros do **Nossa Senhora da Conceição** deixava atrás de si dias amargurados, lembranças de pessoas queridas, tudo massa de saudades.

Reunidos os degradados no navio, após tanta separação em cárceres, conversariam ou em silêncio se concentravam no só de suas recordações.

Um dos passageiros, porém, deixava atrás de si a lembrança de haver sido poeta até na prisão, ali escrevendo versos no voo de rimas dedicadas à noiva que lhe ficara nas montanhas de Vila Rica.

Os demais passageiros do **Nossa Senhora da Conceição** tinham apenas cuidado

das suas vidas. Antonio Lopes fôra carpinteiro e agrimensor, Vieira da Motta guarda-livros, Victoriano Velloso, pardo, dava-se à alfaiataria.

José Ayres era fazendeiro e negociante, Salvador do Amaral praticava cirurgia em Vila Rica, João Rodrigues taverneiro e estalajadeiro.

Gonzaga, Amaral, Vieira da Motta, solteiros, não iam punidos de separação de família constituída. Tinham-na os demais, sobretudo João Rodrigues casado e pai de dez filhos.

Entregues os sete fatídicos passageiros aos seus pesadumes, vencendo milhas ao arfar de vélas, a náu transportadora separava cada vez mais os transportados do perdido de sua existencia no Brasil, para uns natal, para outros adotivo.

Entim Moçambique! Entim terra, estranha embôra! Nela cada inconfidente receberia ponto certo de degredo, Gonzaga tendo o seu na capital da província de Moçambique.

Quem nos pode dar, hoje, corrido mais de século, as impressões da chegada de Gonzaga a Moçambique? Ele próprio, sim, éle próprio.

Deixára no Brasil um dedicado, da raça desses amigos que a desdita mais afervorava na estima, a desditoso, honrando assim a humanidade tão rebelde ao cultivo do caráter.

O amigo de Gonzaga era o doutor Antonio Ferreira França. Mal chegado a Moçambique, Gonzaga escreveu-lhe carta. Descobriu-a Alberto de Faria, aproveitou-a Tomás Brandão em obra desagradadora da memória e da honra de Marília, caluniada por escritor português e por poeta brasileiro, dizendo do que ignoravam.

Em Agosto de 1792, escrevia Gonzaga a Ferreira França:

"Não lhe posso explicar o horror com que sai dessa cidade (o Rio de Janeiro), mas logo que cheguei à barra fui tirado

da coberta e fui tratado com humanidade e cortesia.

Cheguei a esta cidade (Moçambique) nos ultimos dias de Agosto, sem uma tormenta e uma leve dor de cabeça.

Desembarquei e o Ouvidor me recebeu em sua casa aonde fico tratando da pôr a minha.

Os habitantes todos me têm tratado como se eu viesse numa grande felicidade. Eu fiquei na ilha que apenas terá uma léqua de comprimento, e é onde reside tudo quanto é bom.

Tem excelentes casas e não é tão fria como se pinta. Aqui estão muitos há largos anos e vivem gordos, corados e sem molestias. Não sofrem desmandos, mas quem se recula bem vive com menos enfermidades do que quem vive nessa terra (o Brasil).

Aqui reina o negócio e todos me auguram felicidade, o tempo mostrará qual é o fim para que me conduza a Providência.

Peço a V. Mcê. que me avise de tudo e do estado de minhas dividas para as ir pagando. Eu escrevo repetidas vezes para vêr se em Goa apparecem diversas embarcações que as levem, nem me esquecerei de ir dando conta de quanto fôr succedendo.

Sim, meu verdadeiro amigo, não serei ingrato ao afeto que me mostrou.

Peço-lhe que remeta essas cartas e que se sirva muito da vontade deste. -- De V. Mcê. — **Thomaz Antonio Gonzaga**, — Moçambique, 19 de Agosto de 1792."

A carta de Gonzaga atesta a viagem para a Africa, longa, mas calma e sem danos de saude, de bom tratamento a bordo, a crêr geral, o afável acolher dos desembarcados por parte dos habitantes de Moçambique.

Aguardando destino traçado pela Providencia, revelou-se Gonzaga ao mundo agnostico. Confiando a Ferreira França a informação do estado de suas dividas, propondo-se a pagá-las, demonstrou pobreza a par de probidade.

Por que não dizer Gonzaga colega dos inconfidentes degradados em Africa se todos eles participavam da cruel comunidade da desgraça?

Nela, pois, foi colega de Gonzaga o jovem degradado Rezende Costa Filho, ao qual o futuro reservava a dita da liberdade, o regresso ao Brasil, onde seria do conselho de Sua Majestade o Imperador, alto funcionario publico e deputado a Constituinte de 1823 e na primeira legislatura ordinária do Império.

O conselheiro Rezende Costa lendo a História do Brasil briticamente escrita por Southey nela vivamente se interessou — compreende-se — pelo capitulo relativo à Inconfidência. Traduziu, anotou, e no curso das anotações, tratou de Gonzaga.

Disse-o em Moçambique a escrever versos, levando-os a obra de importância qual um poema sobre o naufragio da náu **Marialva**.

Outro informante da vida de Gonzaga em Moçambique foi o dr. Luis Vicente De-Simoni, médico e professor de italiano no Colegio de Pedro Segundo.

Gonzaga morreu muito pobre depois de haver sido muito rico, afirmou De-Simoni. Clinicára este em Moçambique, já conhecendo, nubil, uma filha de Gonzaga, depois casada, ignorando De-Simoni se ainda vivia em 1842.

Em Moçambique contavam todos nunca terem visto Gonzaga de chapéu, torces atribuindo ao poeta trazer cabeça descoberta.

Segundo certo adagio é costume do infortunio reclamar companhia, a de outros infortunios. Assim succedeu a Gonzaga de ultimo infortunio na perda da razão.

A Loucura de Dirceu — tal o titulo de um estudo psiquiatrico do dr. José Julio de Calasans, docente da Faculdade de Medicina da Bahia.

No seu erudito ensaio de psicologia mórbida, o professor Calasans chega à conclusão de haver Gonzaga enlouquecido de amor.

Pobre Thomaz Antonio, de alma dilacerada pelas "garras da saudade". A expressão é do próprio Gonzaga, o do poeta

VIAGEM PELA AFRICA

ESCRAGNOLLE DORIA

João Feliciano

CONTO DE
LAUSIMAR
LAUS GOMES

PARA que se iludir se era verdade que tinha um desejo louco de fugir de casa e se livrar, assim, daquele miserável tio Luquita. Era verdade também que tinha pena. O velho bularinheiro criara-o e dera-lhe pelo menos algumas migalhas para vê-lo crescer e, embora mesquinho e avarento, fora o único parente que o acolhera, quando ele ficara sem ninguém no mundo, débil, fraco, pequeno e sarnento. Apesar da sua alma sumida, devia-lhe o seu lugar no instante da vida. Muita vez pensara em deixar o velhote. Principalmente quando as deliciosas manhãs de abril se abriam em luminosidade e pairava no ar, qualquer coisa desconhecida que era nada menos do que um convite à aventura, às paisagens de outras terras, às sacudidas de outra vida. Mas tinha uma raiva daquele seu temperamento idiota, cheio de aratidão, cheio de pena de ferir o velho. Estava se educando primeiro para fugir.

Besteira ter pena do velhote.

Era preciso convencer-se. E' claro que lhe devia a vida, mas pensando bem, uma vida assim, tão parada, tão cercada de sovínice, que pena valia? Nunca tivera mais do que um estarrapado trapo e um duro e seco pedaço de pão velho. Era triste lembrar que muitas vezes, para matar a fome, tivera que se embarafustar morto a dentro, roendo goiabas verdes para não roubar as frutas do quintal do capitão Pedro Ricardo, o vizinho mais próximo que ficava uns cem metros distante do rancho. Homem malvado o capitão. O tipo do bandido! Que quisesse esquentar as canelas com uma saraivada de balas, que entrasse no quintal dele para tirar uma fruta qualquer. Nunca se esquecera de Rufino que acabou morrendo de tétano, só por causa da malvadez do capitão. Homem triste! Pensar que o Rufino sempre o convidava para darem o fora, pegarem um navio, esconderem-se no porão e sair barra a fora... Lá longe veriam outra gente, teriam oportunidade de gozar um pouco e viver de verdade. O Rufino vivia lendo os jornais velhos que o Antonice comprava na cidade para fazer os embrulhos da venda, e era sabido acerca de clandestinos.

Estava com dezoito anos e não ia esperar que a velhice o encontrasse ali no rancho do bularinheiro, miserável e rasgado. Queria ser alguma coisa. Sabia que o velho tinha dinheiro e muitas vezes os rapazes pediram a ele que roubasse uns cobres para fazerem uma farrã. Não sabia onde o tio guardava o dinheiro, e mesmo que o soubesse não teria coragem. Não podia compreender como nascera assim tão esquisito. Era possuído de uma estranha coisa que lhe crescia na alma quando tinha ocasião de furtar uma insignificância que fosse, e isso ele mesmo não podia definir e sempre que se lembrava, lamentava:

— Sou mesmo mole.

E a voz sumia pela porta do barracão e se perdia no verde rasteiro da grama: — Sou mesmo mole.

De vez em quando metia a cabeça do lado de fora do rancho, para reparar se o velho não estava perto, ouvindo-o falar sozinho.

— Mole, mole de fazer raiva. Tremar, de fato era sinal de moleza.

Já chegara mesmo a tentar. Não podia. O velho rico daquela maneira e não tinha a coragem de lhe dar nem um tostão. E ele já estava com dezoito anos! Tanta coisa homem e nem sabia ler. Sim, aquele velho era mesmo um malvado, era, era. Precisava deixar daquela mania de ter pena. Cuidar de si e deixar de pensar no velho. E daí, sempre pensando no dinheiro e em si. E por que ele não pensar também em si mesmo? Fazer o que tinha vontade e sentia desejo? Então se a vida fosse só pensar no que os outros nos fizeram de bem, é certo que a humanidade toda ficava parada, esquecida de si mesmo, imóvel como uma árvore morta. Não, era preciso reagir. Haveria de se educar para fugir. Agora já estava quase pronto para ir embora. Mais algum tempo e ele seria o seu próprio dono. Olhou para o velho que estava chegando de bolsos pesados, corcunda, deixando cair para o lado o ombro direito, cara avermelhada e sardenta, nariz aquilino. Aquelas unhas sujas e compridas, mostravam bem o temperamento sórdido do velhote. João Feliciano já estava com nojo.

— Velho unha de fome, velho sujo, porco.

(Cont. na pág. 55)

Ilustração de Abelardo Zaluar



A batalha pelo...

(Cont. da pág. 20)

plíssimos do país, muito mais amplos do que a actual zona tritícola argentina. Os agrónomos brasileiros sabem disto. Um grande especialista em ecologia, o agrónomo italiano Azzi, tal reconheceu em livro que anda aí pelas livrarias. E a prática demonstra que podemos produzir trigo em grande escala, economicamente, pelo menos em trechos amplíssimos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Também é possível produzir trigo, e em alguns anos o produzimos em escala razoável, nas montanhas da Bahia e do Nordeste Oriental. Tal não é de admirar, pois a República do Equador, atravessada pela linha equatorial, come o trigo que cultiva em seus planaltos. E a nossa actual produção de trigo que se aproxima das 250 mil toneladas é bem uma demonstração inofismável desta possibilidade, quando se sabe que Portugal, por exemplo, produz mais ou menos a mesma quantidade, a Suíça, 160 mil toneladas; a Holanda, 220 mil; a Bélgica, 310 mil; a Dinamarca, 280 mil; o México, 370 mil; o Uruguai, 250 mil; o Chile, 880 mil; a Tunísia, 170 mil; a Austria, 400 mil; a Grécia 380 mil; a Nova Zelândia 140 mil. E há mais: em Patos, Minas Gerais, e municípios outros vizinhos cujas terras assombrosamente férteis são de origem vulcânica, a produção por unidade de área, é, não raro, duas vezes maior do que a Argentina, por hectare. Possibilidades ecológicas temos, portanto. Negá-las é procurar tapar o sol com uma pedreira.

— Que nos falta então?

— Fomento agrícola, o fomento que o Ministério da Agricultura retomou agora, sob condições novas e eficientes, maquinário agrícola numeroso, silos e armazéns, moinhos, transportes.

O fomento foi intensificado em tôdas as regiões tritícolas. Na Escola Superior de Agricultura "Luís de Queiroz", em Piracicaba, iniciaram-se, pela primeira vez, experimentos com trigo cultivado sob o método da lavoura seca, método que permite imensas produções em terras pouco chuvosas dos Estados Unidos, Canadá, Espanha, Argélia, Tunísia, União Sul-Africana e Austrália. Em Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul alargam-se promissoramente os plantios. As máquinas ainda, são absolutamente insuficientes. Sem alguns milhares de tratores e dezenas de milhares de arados, grades e semeadeiras à tração animal nunca teremos o trigo que nos falta. Cumpre ao Congresso dar ao Ministério da Agricultura os recursos mais amplos que, tanta falta lhe fazem. À mingua de silos e armazens, e de moinhos distribuídos nas zonas tritícolas o arão das safras maiores apodrece em várias zonas produtoras. E necessitamos de transportes. Patos e municípios vizinhos darão ao Brasil 400 mil toneladas de trigo, um terço do nosso consumo, se lhe fornecermos transportes ferroviários. O Sul de Goiás poderia dar-nos os dois terços restantes se tivesse estrada de ferro. A escassez de transportes mingua os trigos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Indispensável se torna, portanto, que o Ministério da Viação se alie ao da Agricultura na campanha tritícola que se inicia.

Patos demonstrou claramente a todos os que assistiram o início da colheita, que o Brasil pode consumir pão de seu próprio trigo. Para tal apenas se faz mister um pouco mais de esforço inteligente e pertinaz em que se aliem o Congresso, o Ministério da Agricultura e o Ministério da Viação.



O ministro Daniel de Carvalho e autoridades presentes assistem, do palanque oficial, ao desfile realizado após a inauguração.

A IX EXPOSIÇÃO-FEIRA AGRO-PECUÁRIA DE JUIZ DE FORA

JUIZ de Fora, o grande centro pastoril e industrial de Minas Gerais, acaba de realizar a sua IX Exposição, entre os dias 6 e 13 de julho último. A cerimônia inaugural do certame foi presidida pelo sr. Daniel de Carvalho, ministro da Agricultura, e contou com a presença de grande número de autoridades públicas federais e estaduais, pecuaristas, industriais e outros destacados elementos das forças econômicas nacionais. Promovida pelo Centro Rural de Juiz de Fora, sob os auspícios do Governo da União e ao Estado, a IX Exposição conseguiu reunir um bom lote de exemplares das espécies leiteiras, destacadamente da raça Holandesa, bons representantes de equinos Mangalarga e Inglês puro-sangue e outros espécimes animais, alguma indústria, como a de laticínios e de bicho da seda, asininos, ovinos, galináceos, etc.

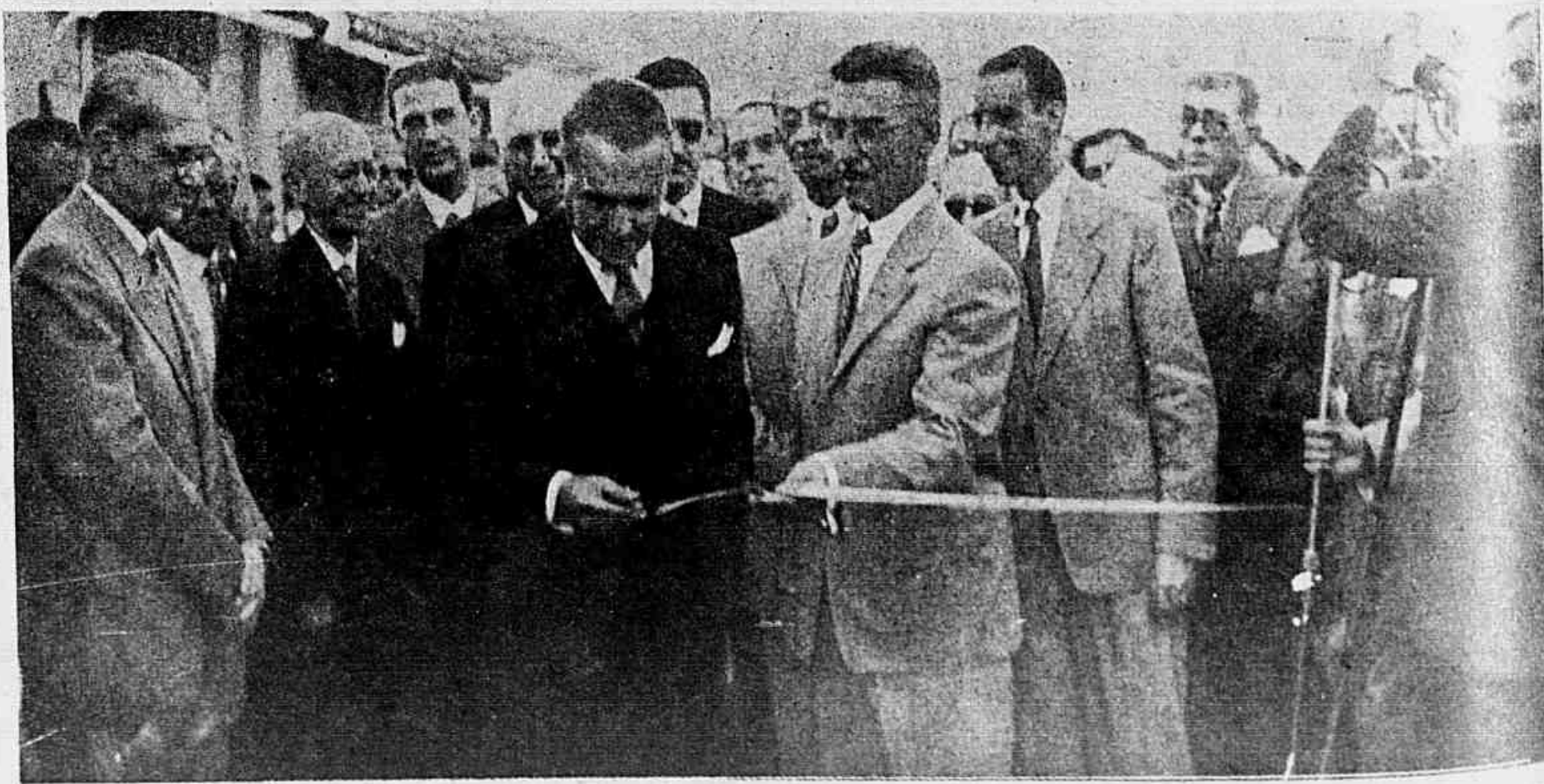
Todavia, forçoso é reconhecer que a IX Exposição de Juiz de Fora não esteve, quanto ao número de produtos expostos, à altura da grandeza e importância da extensa zona agro-pecuária que forma o bloco regional de sua órbita, que, partindo de Lafayette, vem às fronteiras do Estado do Rio. Região por excelência pastoril, onde a criação nacional se tem desenvolvido de maneira notável através dos tempos, o seu alheamento àquela competição nos parece de todo inexplicável e contraproducente. Não nos poderia, pois, escapar este reparo, feito à guiza de apelo aos grandes pecuaristas da rica zona, no sentido de prestigiar, de futuro, a Exposição de Juiz de Fora, merecedora, pelas suas altas finalidades, pelo cenário onde se desenrola e pelo esforço dos seus realizadores, da acolhida unânime de quantos ali trabalham pela grandeza do nosso parque agro-pecuário.

Fôra disso, a IX Exposição Agro-Pecuária de Juiz de Fôra decorreu animada, superiormente organizada pelo Centro Rural, cujo presidente, sr. Cleveland Duarte Braga, e seus companheiros de diretoria cumularam os numerosos visitantes e representantes da imprensa com as maiores demonstrações de cortezia.

Teve belo desfecho o Concurso de Vacas Leiteiras, vencido pela notável vaca "Frisia-Antina", com a produção total de 100 litros de leite em 3 dias, resultado auspicioso e revelador do magnífico grau de aperfeiçoamento das raças leiteiras daquela região.

A. M.

Ena baixo, pela ordem — O presidente do Centro Rural de Juiz de Féra, sr. Cleveland Duarte Braga, pronunciando o discurso inaugural, no qual saudou o ministro Daniel de Carvalho, que falou agradecendo. — O titular da Agricultura cortando a fita simbólica, no momento da inauguração.



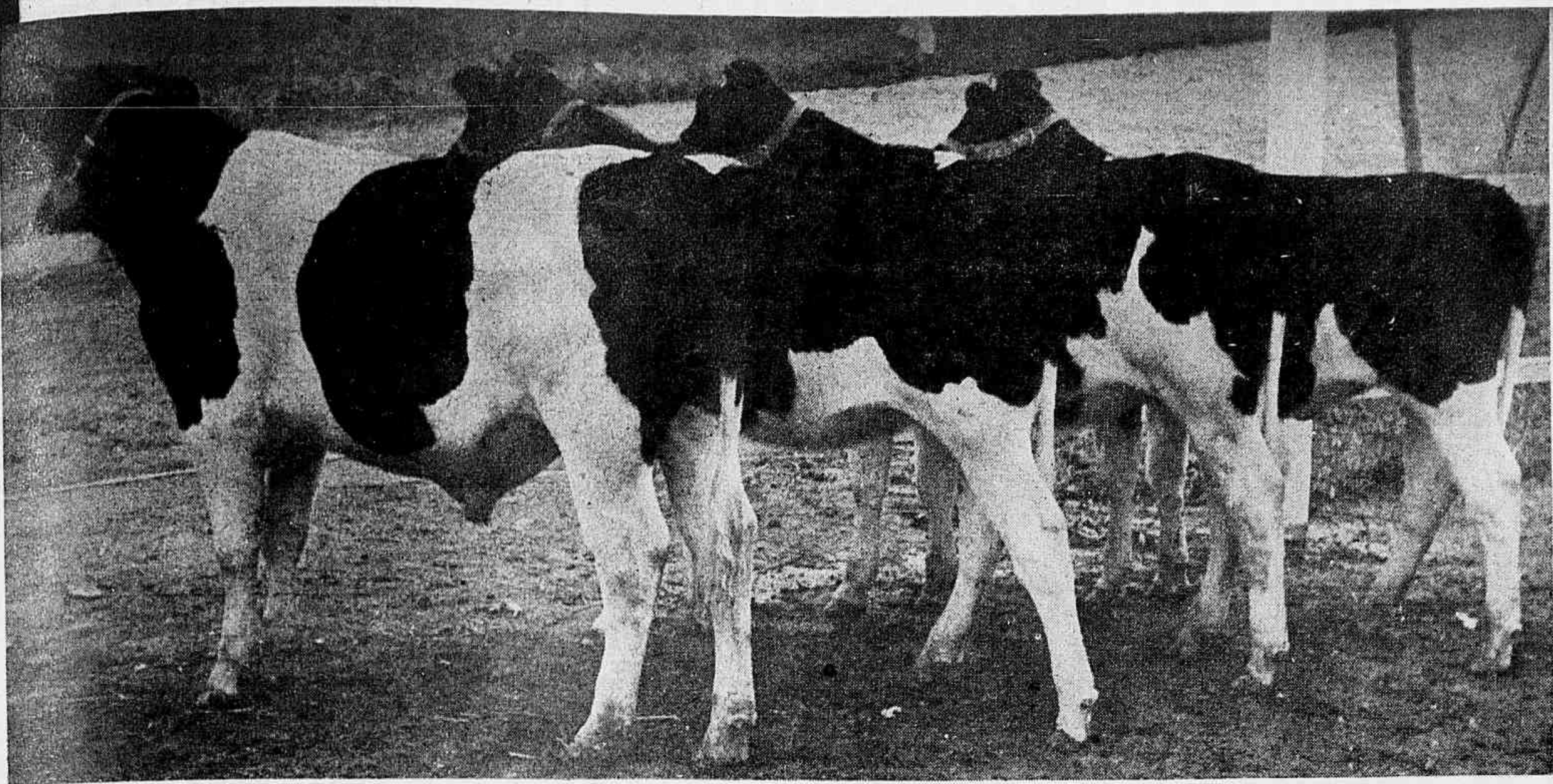
Vemos ad

NOTAVE
FRISIA
AG

F AZERBAÏDZHAN
possi-
lote
désa-

do o alto
do pelos s
alcançou a
êxito difi-
dessa natu-
prêmios, e
"Frísia-A"
"tipo" —
ção de 100
Gorda, co-
"Frísia-F"
te e Matér-
com a pro-
2.640 grs.
"Frísia-J"
"Frísia-L"
3.º lugar
matéria g
1.º Prem
o perfeito
pelos anir
Jan", "Ju-
grupo con-
da Agricu-
produtor l
Obtivera
seguintes:
ti", "Frís-
"Frísia-Ca-
como out-
além de
prêmios.
A Gran-
firma KIN-
nas), com
João Fre-
criadores
desa Pre-
Coalho F-
gamente
cinios.

Em baixo



Vemos acima, o harmonioso conjunto formado pelos animais puros de pedigrees, da raça Holandêsa Preto e Branco, "Frísia-Jan", "Frísia-Juriti", "Frísia-Janota" e "Frísia-Joia", Campeão dos grupos de família, que conquistou para a Granja "Frísia" o Prêmio do Ministério da Agricultura, constante de um reprodutor da mesma raça.

NOTAVEL EXITO DA GRANJA FRÍSIA NA IX EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE JUIZ DE FÓRA

FAZENDO-SE representar na IX Exposição de Juiz de Fora com um lote de 18 animais da raça Holandêsa Preto e Branco, e confirmando o alto grau de aperfeiçoamento atingido pelos seus plantéis de fina linhagem, alcançou a Granja FRÍSIA de Mantiqueira, êxito difícil de ser igualado em certames dessa natureza, conquistando 15 primeiros prêmios, entre os quais se destacam:

"Frísia-Antina" — Campeã absoluta de "tipo" — Campeã de Leite, com a produção de 100 kilos em 3 dias, e de Matéria Gorda, com 2.987 grs.

"Frísia-Perdigueira" — Campeã de Leite e Matéria Gorda na classe de novilhas, com a produção de 73 kilos em 3 dias e 2.640 grs. de manteiga.

"Frísia-Jan" — Reservado-Campeão.

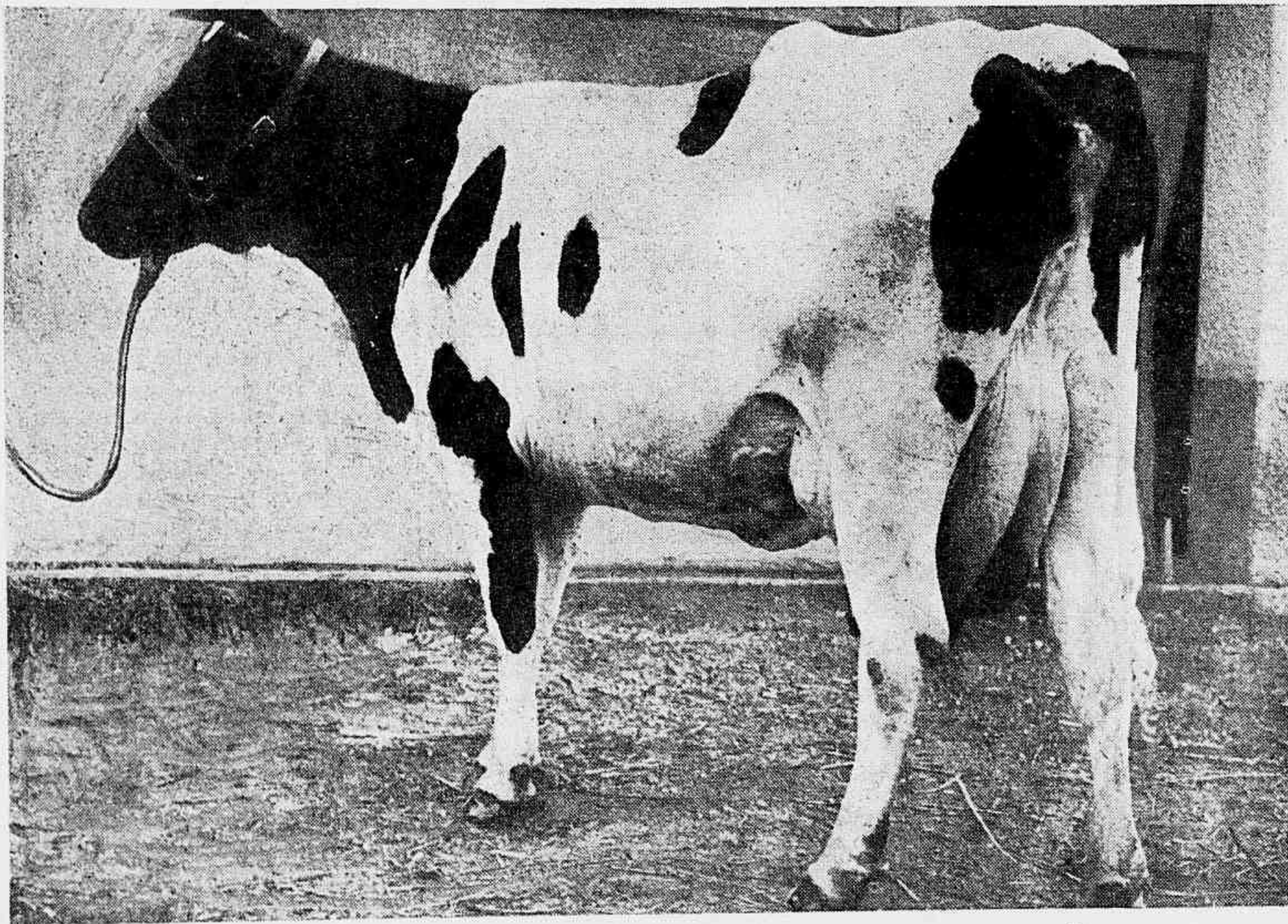
"Frísia-Brisa" — Reservada-Campeã.

"Frísia-Sota" — 1.º Prêmio de "tipo", 3.º lugar no Concurso Leiteiro e 2.º em matéria gorda.

1.º Prêmio de Conjunto de Família, com o perfeito e harmonioso grupo formado pelos animais puros de pedigree "Frísia-Jan", "Juriti", "Janota" e "Joia". Este grupo conquistou o prêmio do Ministério da Agricultura, representado por um reprodutor holandês Preto e Branco.

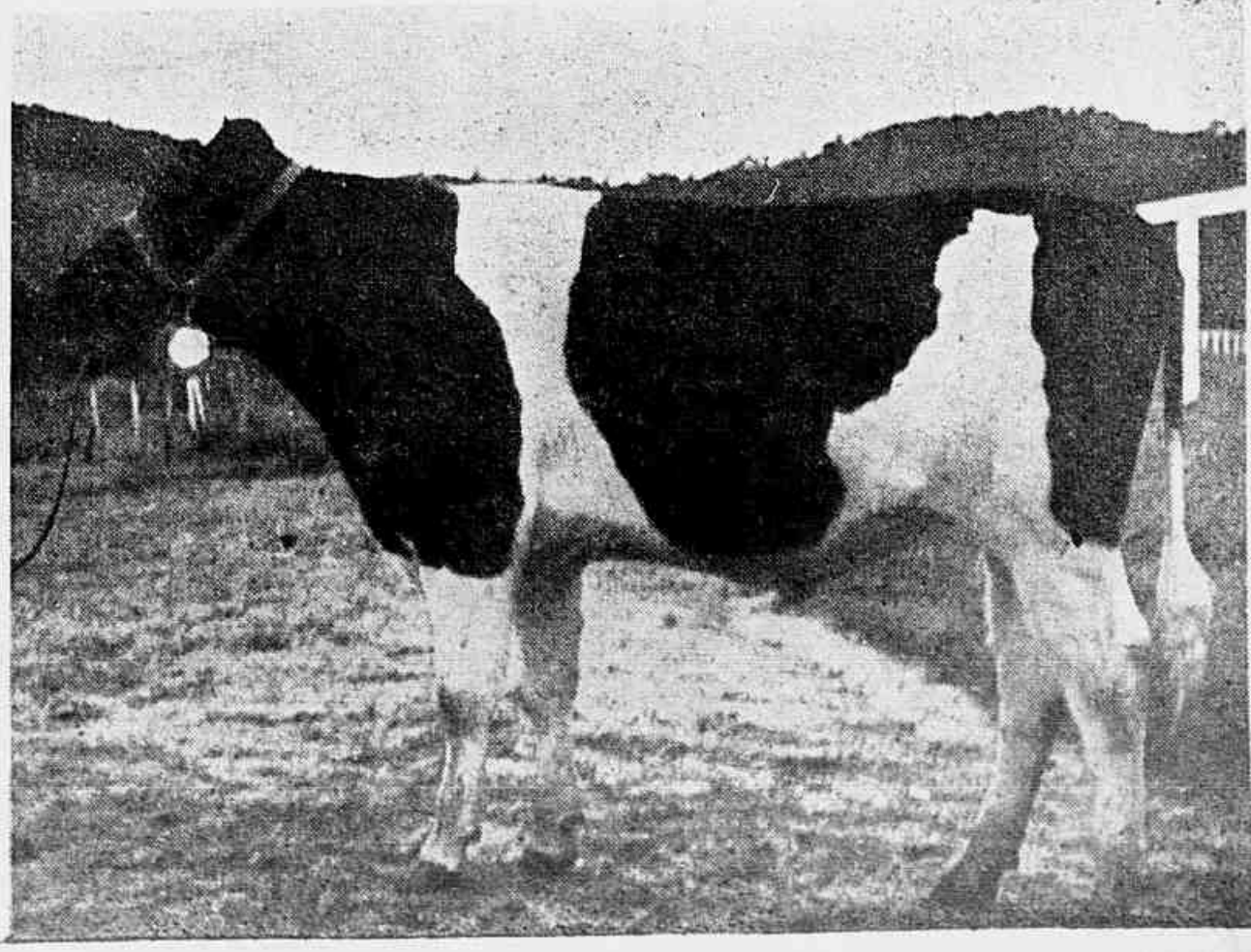
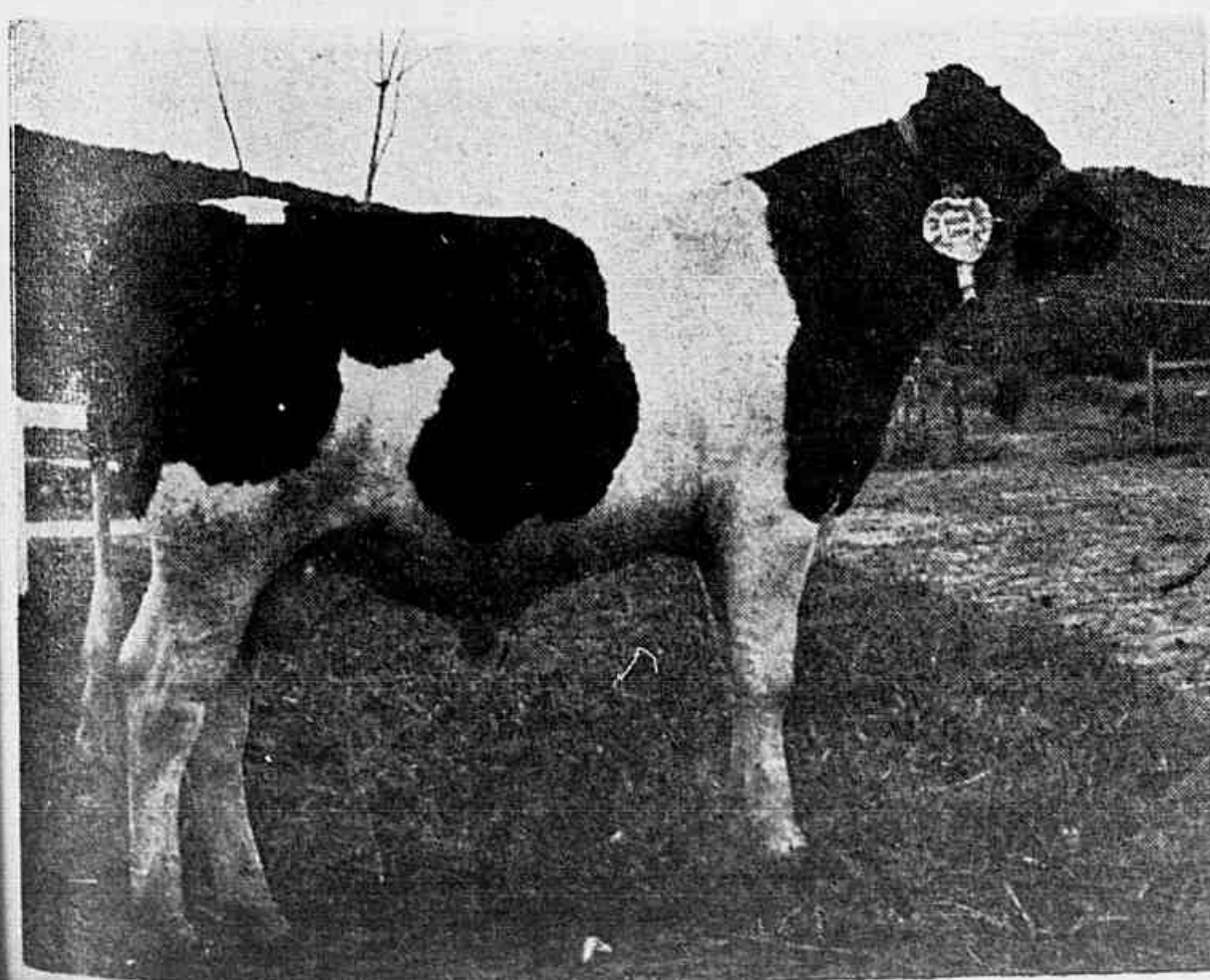
Obtiveram ainda primeiros prêmios os seguintes: "Frísia-Brazão", "Frísia-Juriti", "Frísia-Mimosa", "Frísia-Capacidade", "Frísia-Catita" e "Frísia-Mariposa", assim como outro conjunto de quatro animais, além de três segundos e dois terceiros prêmios.

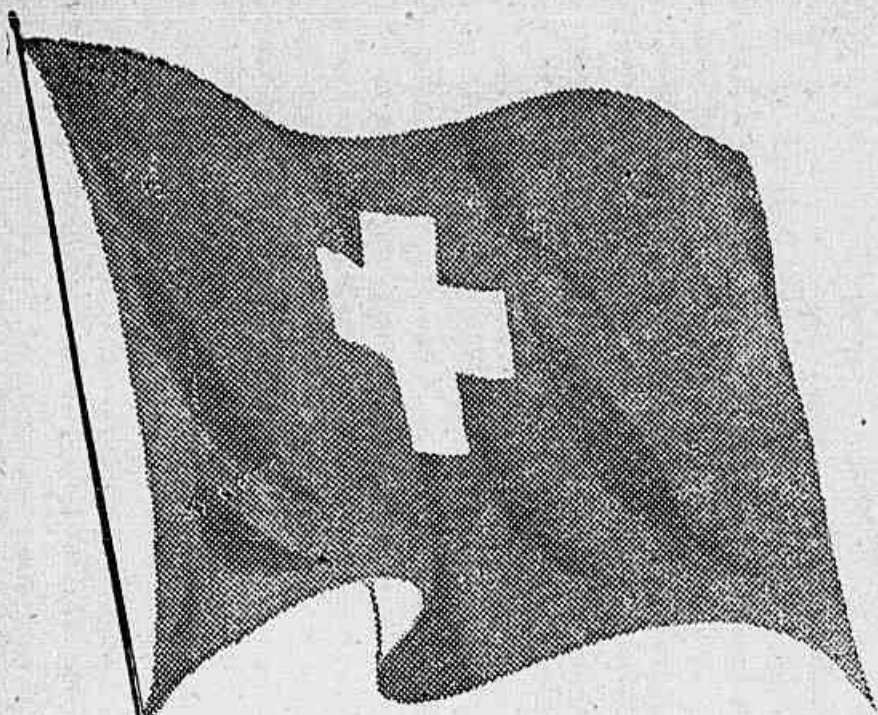
A Granja FRÍSIA é de propriedade da firma KINGMA & CIA. (Mantiqueira, Minas), composta dos srs. João Kingma, João Frerichs e Felício José Pereira. São criadores da afamada raça leiteira Holandêsa Preto e Branco e fabricantes do Coalho FRÍSIA, único feito no Brasil, largamente conhecido na indústria de laticínios.



"Frísia-Antina", Campeã de Tipo, Campeã de Produção de Leite, com o total de 100 kilos, sendo 34 kilos no primeiro dia do concurso e 1.º lugar em Matéria Gorda, com 2.987 grs. de manteiga. "Frísia-Antina", que foi o animal mais premiado na IX Exposição de Juiz de Fora, tem 6 anos de idade.

Em baixo — À esquerda, "Frísia-Jan", Reservado-Campeão da raça holandêsa Preto e Branco. Puro de Pedigree, 13 meses. — À direita, "Frísia-Brazão", 1.º Prêmio da mesma raça. "Frísia-Brazão" é filho da Campeã "Barbacena" com o Campeão "Diamante" e neto da Campeã "Anta", 1 ano de idade.





MAIS UM

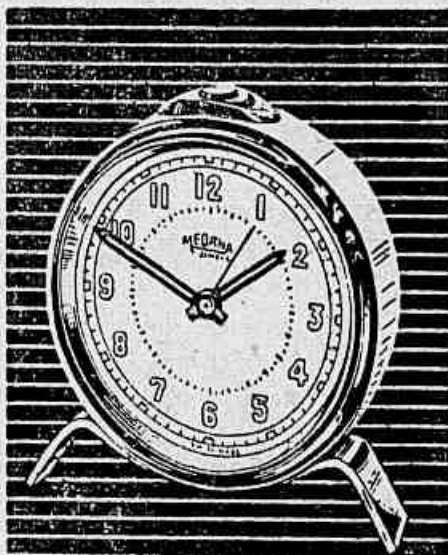
Primor

DA RELOJOARIA
SUÍÇA!

MEDANA

finíssimo despertador de confiança
próprio para presente distinto

- Proporções e dimensões delicadas
- Cores variadas em lindas combinações
- Luxuoso aspecto
- 7 rubis
- Números e ponteiros fosforescentes
- Precisão absoluta e de confiança
- Funcionamento garantido.

EM TODAS AS
RELOJOARIAS
DO BRASIL

ESTA

e a única apresentação

de água de colonia

JEAN MARIE FARINA



Exigam

a marca
franceza
de

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO



CRIANÇAS MORTAS, páginas de observação e de poesia, de Enéas Ferraz — Livraria José Olympio, editora. — Rio de Janeiro, 1947.

Crianças que morrerem, morrem, vão morrer — eis o assunto dominante deste livro singular. O Sr. Enéas Ferraz, que se esticiera no romance de costumes, em momentos ao mesmo tempo de análise e de sátira, tornou-se no período de quinze anos entre o seu primeiro livro e o presente volume, um contemplador, ora regaleado, ora compaltecido, da gente pequenina. Adestrou-se, no sentido mais sutil, na arte de surpreender, naquelas figurinhas, os segredos de intimidade que só os pais adivinham e, em muitos casos, não chegam bem a compreender. É um ramo de psicologia em que ele nos dá a impressão de tudo haver aprendido e inovado muita coisa. Inventando embora e por mais largas que dê à fantasia, sempre estará dentro da verdade. De tão naturais, tão verídicas as suas criaturinhas se nos comunicam como se já vezes sem conta as tivéssemos visto, mas só agora realmente as viéssemos a conhecer.

O Sr. Enéas Ferraz começa por nos apresentar os negrinhos do antigo Beco do Morro do Castelo; mostra-nos depois os fedelhos de um ponto de arrabalde; leva-nos em seguida a ver traquinar, choreminger — e morrer, o que nos causa cada vez mais pena — os caboclinhos do Nordeste; e para análogo efeito nos conduz à Espanha e a outros países da Europa. Assim, o que o romancista Alfred Machard fez com os pirralhos parisienses e o grande desenhista Paulbot esteticamente com os de Montmartre, o escritor brasileiro o realiza num campo que se estende por diversos países, diversas raças — sempre senhor completo do assunto e de antemão seguro da obra que, sobre estes ou aqueles modelos, deve ser executada.

O estilo do livro, puramente singelo na factura, oferece no entanto aspectos e alcança efeitos de cativante variedade. E os processos descritivos ou impressionistas incluem a simples "sonorização", como no capítulo *Balada para os negrinhos brasileiros*, no qual uma doce mãe preta acalenta o seu menino.



MARULHOS, versos de Elmo Elton Santos Zampugno — Vitória, 1947.

Elmo Elton Santos Zampugno... Não se poderá dizer, e o menos por enquanto, que seja este um bom nome de capa de livro. Muito menos de cartaz. Mas talvez o tempo se encarregue e de o tornar fácil, familiar e até nada extenso. Isto de nomes, são as obras que os fazem ou os transformam, soberanamente. Que se te de a gente conhece o caso de Pinheiro Chagas metendo a ridículo, um pelo significado funerário, outro pela indicação de bruteza e hostilidade, os nomes de *Eça de Queiroz* e *Ramello Ortigão*. Ao que um deles respondeu, se realmente não foram ambos ao mesmo tempo:

— Mas, o desgraçado! E é você quem diz isso, você que se chama *Chagas*?

Enquanto a sua assinatura se não torna plenamente célebre e, portanto, impecável, le estético e de sonoridade, vai o Sr. Santos Zampugno compondo os seus versos já levados dignos de atenção. Os seus temas predilectos vêm-lhe do mar, dos heróis da vela e da rede, das belas, frescas, singelas moças preieiras. De vez em quando, porém, outras formosuras o tentam, levando-o a abandonar a redondilha e o pentâmetro habituais, como no soneto *Rosas* que certamente ninguém deixará de considerar um lindo soneto.



POESIAS, de Aurea Barbosa Vianna Palmeira — Rio de Janeiro, 1946.

Boa parte destas páginas se destinam às crianças. São contos leves, conselhos singelos, simples de bondade e amor ao alcance da compreensão e do sentimento infantis. Mas a Sra. Aurea Barbosa Vianna Palmeira *pour un cœur à son arc*. Assim, com a mesma facilidade verbeja sobre concepções filosóficas, temas passionais ou exemplos de paisagem. Entre as composições mais trabalhadas figura uma tradução de Rosemonde Gerard e uma evocação do episódio bíblico das Bodas de Caná. E, para abordar a possível variedade de gêneros, dão deixou a poetisa de incluir na série que forma o volume uma espontânea e alegre história regional, que se intitula *Nós tamos desprevenido*.



Notas

NOVA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, do general Liberato Eittercourt — Rio de Janeiro, 1946.

O autor desta obra já no quarto volume e ainda talvez longe de terminar, declara tê-la executado "sob moldes rigorosamente filosóficos e científicos" e qualifica-a "a mais brilhante das realizações do século".

Compilando o tomo perante os poetas do século XIX, da letra N à letra Z. E basta dizer-se que o número dos nomes agora registrados com dados biográficos, apreciações e outros comentários mais ou menos extensos, chega a quatrocentos e cinquenta e oito, para bem se iniciar o vulto da missão que o Sr. Liberato Eittercourt espontaneamente assumiu e tão vitoriosamente está levando a cabo. E, com efeito, alguma coisa de heroico e monumental. Percorrendo estas páginas e reparando na variedade de poetas que se nos deparam, tantos deles, para a nossa generalidade desconhecidos e como que nunca existentes, não podemos deixar de admirar o esforço, o empenho, a convicção do pesquisador infatigável. Imaginemos — embora não exatamente, bem entendido — as suas diligências de caçador de livros, epículos, produções raras e dispersas, ao longo das estantes públicas e particulares; em bibliotecas e em pertencentes de arquivos; em velhas, desbotadas, quase ininteligíveis coleções de jornais... Um tão ingente e minuciosa tarefa, podemos dizer que o autor da *Nova História da Literatura Brasileira* realizou verdadeiras descobertas e chegou a operar não poucos ressurreições. Trata-se, nesses casos, de individualidades sumidas no correr do tempo — ou talvez até no seu tempo — ou de obras que jazem no esquecimento. E agora, pelos sentos, outros poemetas ou trechos citados, verificamos quão dignos eram esses rindores de não desaparecer, pelo menos tão depressa.

Quanto à intenção doutrinária e fins visados nesta obra, o autor nos diz, numa nota liminar:

"Nas páginas modestas da *Nova História*, que estou a escrever filosoficamente depois que, em 1923, me afastei do gozo do serviço ativo do exército, e da vez mais tento por fugir ao que, antes de mim, com razão ou sem ela, outros escritores de valor, o assumiram. Aspiro a me tornar juiz e não repetidor vulgar; em crítico, a disciplinar enciclopédica da razão julgadora, burocrata sempre ser original, antes revolucionário." E a nota, que traz o título *Confissão*, assim termina: "Tolere-se a franqueza de octogenário em ambições, diante do alance da grande crase literária. Sem luz de filósofo e sem exatidão de juiz não há crítica, sem essa tática maldita do elegit-nituo, que de quando em quando está a corromper críticos, ecuratários que empalmam o ingente pensamento literário do país."

Se algum repato houvermos de fazer acerca desta obra gigantesca, comentaríamos o facto de se encontrarem alguns homens, e sobretudo algumas senhoras no presente volume, quer dizer: entre os poetas já como três pertencentes ao século XIX. Não nos pare e, porém, que isso esteja no programa destes reficis singelos. E, sobretudo, não queremos roubar aos interessados a satisfação de estabelecer a pura verdade.



RECEBEMOS:

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS, n.º 12, ano IV, com mais de duzentas páginas e em que colaboram os escritores Sá Nunes, Lourdeiro Fernandes, Dício Costa, O. Martins Gomes, Lactes M. Munhoz e muitos outros. — Curitiba — 1947.

O MOMENTO POLÍTICO E ECONÓMICO, discurso pronunciado pelo Dr. Marcello Cacciano por ocasião do encerramento da 1.ª Conferência de União Nacional, no Liceu D. Filipa de Lancastre, de Lisboa. Publicação do *Jornal do Povo*. — Lisboa, 1947.

O PENSAMENTO DE SALAZAR, discurso de inauguração da conferência acima referida. Edição do Secretariado Nacional de Informação. — Lisboa — 1947.

SÃO LOURENÇO, palestra de Marcos Kender, em sessão do Rotary Club de Itajaí, Santa Catarina. — Itajaí, 1946.

PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA-BRASIL

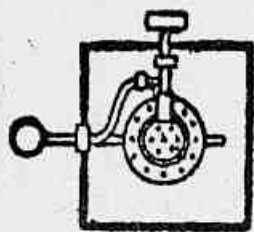
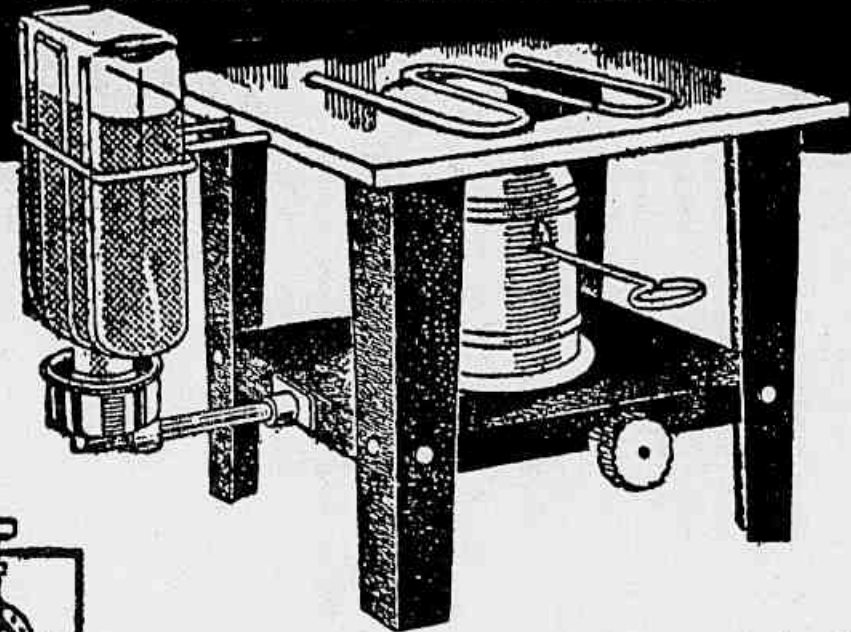
Enlace Erta Schimitz Bernhardo Bohnsack



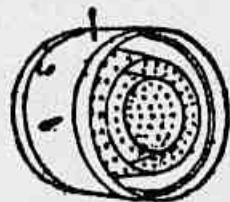
Flagrante apanhado no dia 26 de Julho próximo passado, nesta capital, por ocasião do enlace matrimonial da Srta. Erta Schimitz com o Sr. Bernhardo Bohnsack, elementos da nossa sociedade.

★ "ADEL" ★

O FOGÃO HÁ MUITO ESPERADO...



comando e queimador fundidos em DURALUMÍNIO e canalização em cobre, sem solda;



sistema de chama distribuída que elimina a fumaça.

... ACABA DE SER LANÇADO À VENDA
PELA **SERVE**

Essencialmente práticos e econômicos, os Fogões "ADEL", a óleo cru, não têm torcida, nem pressão, e consomem apenas 1 litro de óleo em 9 horas de funcionamento.

De fabricação esmerada, possuem a chapa superior de aço inoxidável e as principais peças fundidas em duralumínio.

Os fogões ADEL são apresentados em 5 tipos: 1, 2 e 3 bôcas, e 2 e 3 bôcas com pés altos.

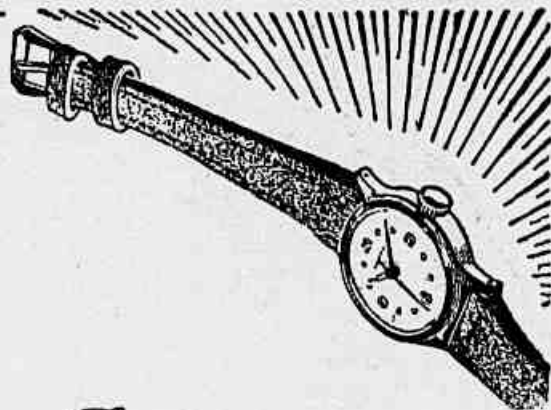
À VENDA NAS MELHORES CASAS DO RAMO

PEÇAM DEMONSTRAÇÕES AOS ESCRITÓRIOS DOS DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL:

SOCIEDADE DE EXPANSÃO, REPRESENTAÇÕES E VENDAS, LTDA.

LARGO DA CARIOCA, 5 - 5.º ANDAR - TEL. 42-8391
End. Telegráfico: "SERVENOAS" RIO DE JANEIRO

JOALHERIA SALGADO
JÓIAS E RELÓGIOS
OFICINA PRÓPRIA PARA
CONCERTOS DE JÓIAS E RELÓGIOS



Manoel Salgado Joalheiro

EXECUTAM-SE OBRAS DE OURI-

VESARIA COM PERFEIÇÃO

Rua Alvaro Alvim, 33/37

(Cinelândia)

Edifício Rex

SEGUREM SEUS PRÉDIOS, MÓVEIS E NEGÓCIOS NA
COMPANHIA DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA

CAPITAL E RESERVAS: CR\$ 108.712.919,00

Cifras do Balanço de 1946

Receita	94.157.374,30
Ativo em 31 de Dezembro	160.410.524,30

Sinistros pagos nos últimos 10 anos Cr\$ 131.792.893,60

Diretores:

Dr. Pamphilo d'Utra Freire de Carvalho — Presidente
Dr. Francisco de Sá
Anísio Massorra
Dr. Joaquim Barreto de Araújo
José Abreu

Agência Geral: RUA DO OUVIDOR, 66/68

Telefone: 43-0800 — Gerente: Arnaldo Gross

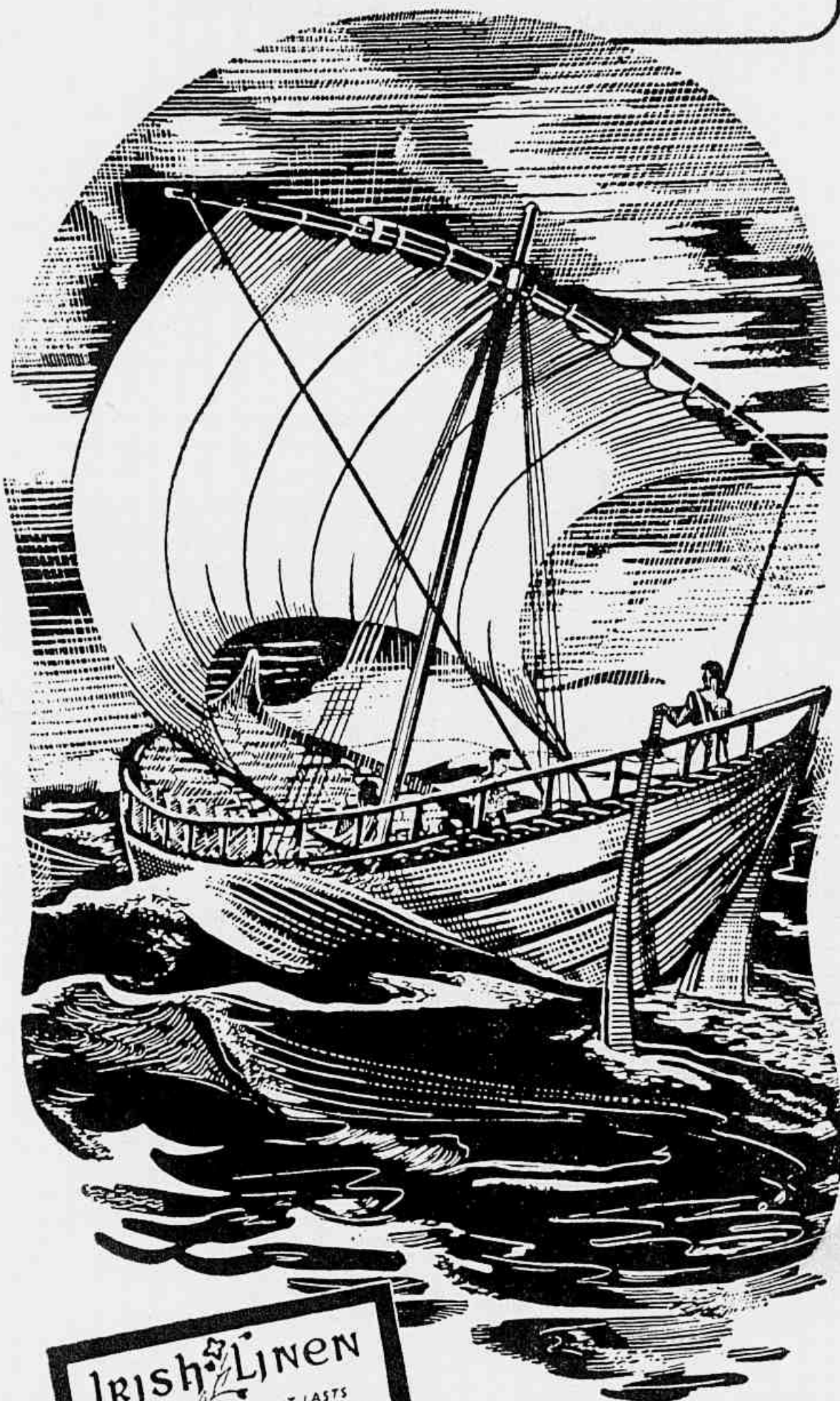


MODELOS PARA A OPERA



Para a próxima temporada do Municipal, oferecemos duas preciosas sugestões. A primeira, à esquerda é de Bruyère, executado em "taille" preto, com jaqueta com imenso decote, ombros inteiramente nus, e "basque" ligeiramente armada. Toda a jaqueta é bordada com "pailleté" prateado. A segunda à direita é uma criação de Maggy Rouff, com corpo longo, bordado em "pailleté", decote assimétrico, saia com drapé do lado direito, um pouco aberta em baixo.

As galeras fenícias transportavam preciosos carregamentos do mais Puro Linho



FAZENDO-SE ao mar ao cair da tarde... intrépidos mercadores fenícios levavam em suas galeras, há dois mil anos, preciosos carregamentos do mais Puro Linho para as terras além do horizonte. Fundaram Cadiz, e iniciaram ativo comércio com outros portos do Mediterrâneo...

Hoje em dia, os que sabem comprar aguardam ansiosamente a chegada de novas remessas de Linho Irlandês, pois sabem que somente o Linho Irlandês lhes oferece qualidade uniforme e grande durabilidade — padrões exatos de perfeição cuidadosamente mantidos pelos associados do Irish Linen Guild... outra razão por que dizemos com toda sinceridade



Exija Linho Irlandês!

Para informações, dirija-se à Av. Rio Branco, 4-13.º • Tel. 23-2030
RIO DE JANEIRO

The Irish Linen Guild
BELFAST

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante



Como conservar a DENTADURA POSTIÇA com firmeza na boca

Sua dentadura postiça o incomoda caindo quando come, fala ou ri? Passe sobre ela uma camada de FIXODENT. Este pó alcalino (não ácido) mantém a dentadura postiça com maior firmeza e comodidade na boca. Não deixa nenhuma sensação pegajosa. Não amarga a boca. Perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfazema "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfazema "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfazema "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



O RIO DE JANEIRO...

(Continuação da pág. 17)

ranchos imitam-na. Rufam também: pram...pram...pram. O ruído dos passos, nas calçadas, é vencido pelo prazer das pelicas que as vaquetas barulham. Ganha um pouco de vida a comitiva enorme. A frente, sempre, os dois negros ataudes que dominós, clowns e pierrots carregam.

Vão todos em marcha lenta, mais ou menos dispostos e aprazidos, quando rompe uma voz misteriosa, num cristalino canto que se eleva, em adágio magnífico... E logo, acompanhando-a, o cavo e surdo rumor de instrumentos de sopro...

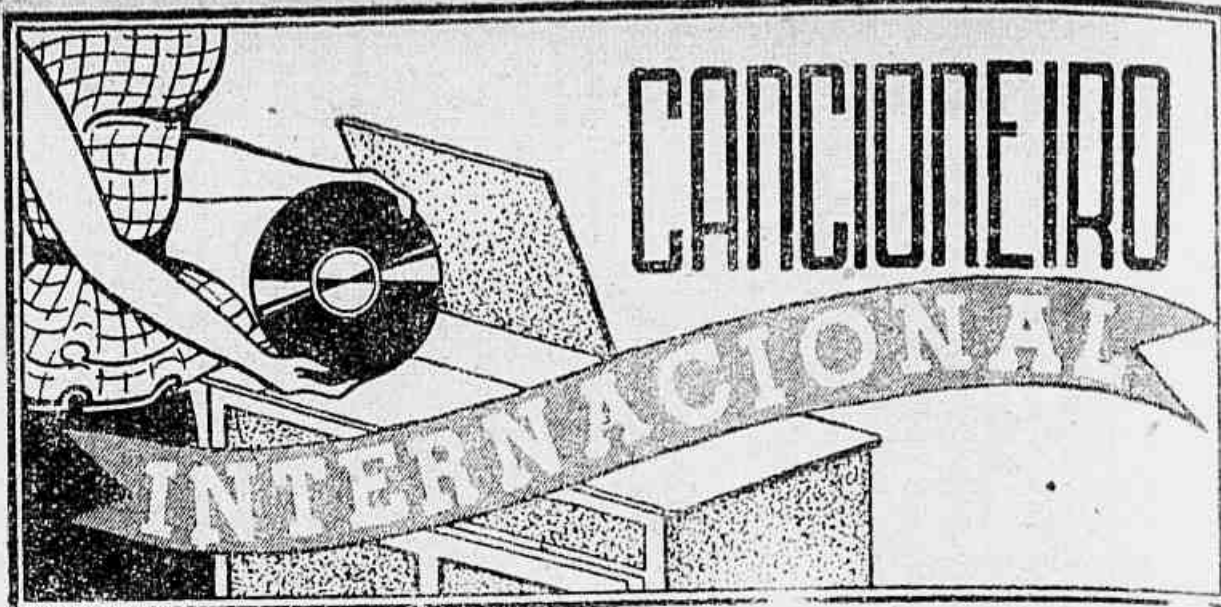
A toada impressiona. Comove. É profunda. É serena. A princípio, desenha angustia. É pranto, é sofrimento. Depois, desenrolada, ganha um ímpeto mais vivo, mais decisivo. Aquece. Arredonda-se. Alteia-se. Domina. Ouvem-na, todos, curiosos. Depois, subindo sempre rebenta, num crescendo suavíssimo, num coro harmonioso, um coro a boca chiusa, que vai, também, por sua vez, avolumando-se, crescendo... Aqui, ali, acolá, já clangoram instrumentos. Esse clangor aumenta. É quando entra, animando-o, a bulha singular dos réco-récos. E dos pandeiros e chocalhos. Dentro de pouco tempo o cantar ensurdece, de tão forte. Toma corpo. Ascende, transforma o ritmo da solfa, que resvala para um motivo sincopado. Já alegre. É profano. É mômico. É canalha. É o samba! As mulatinhas começam a rebolar as sóbras dos quadris, sacacoteiam negras crioulas de grandes saias rodadas, fazendo tremer a gelatina dos seios flácidos e disformes. pardavescos, agitados, raspam, com furia, fundo de pratos e réco-récos... Agitam-se pandeiros. Os estandartes reópiam no ar... Grita-se a mascarados, princesas e velhos, que batem a chula marchando na calçada:

— Corta a jaca! Castigo do corpo! Trama! Remelejo! Vozeria. Clamor. Desencadeia-se a Folia. Delírio. A loucura é geral. Quando chega ao cemitério, o préstito, os funcionários da Sta. Casa entreolham-se, espantados. Entram os dois caixões aos bolões, os mascarados que os carregam aos empurrões, aos avohés! À frente deles, já passou um bando de índios emplumados, de arco e flexa e tacape, cantando, silvando, vivendo em fogo, a pantomima dos seus batlados singulares.

Quando a cova úmida e fria recebe os corpos que se enterram e cruzam no ar confete e serpentinas, o cemitério está coalhado de máscaras, de fantasiados alacres, que se agitam, massa colorida que se esparrama, fala, ri, barulha, gargalha, entre cruzes de pedra, ciprestes, anjos de mármore que abençoam, loas, urnas funerárias e salgueiros... E há quem cante. E quem danse.

Sabbat magnífico! Momo domina seus muito amados filhos, soberbo e colossal do seu trono invisível. E é quando se vê um folião representando a figura da Morte, na sua negra e sinistra indumentária, tendo na mão esquerda um crucifixo de preto e na outra uma tibia talvez autêntica, achada no lugar, subir para um mausoléu de granito, gritando forte nos carnavalescos que o saúdam, como se fosse, ele, a própria alma carioca que ali estivesse a gritar, cheia de sinceridade e de vigor:

— Viva o Carnaval!



AS RETRETAS, UMA SUGESTÃO E UM APELO

No domingo, 27 de julho passado, no largo da Glória, a banda de música da Polícia Municipal inaugurou a nova série de retretas públicas determinadas em ato recente do digno Prefeito do Distrito Federal. Uma grande multidão assistiu a magnífica execução do programa e pudemos ler na fisionomia de todos a satisfação com que era recebida a feliz iniciativa. Apenas, teríamos uma sugestão a fazer ao Sr. Prefeito e ela se refere ao horário que, em vez das 20 às 22 horas, poderia ser antecipado para o período de 17 às 20 horas a fim de que as crianças, também, pudessem participar da assistência e fossem, pouco a pouco, se imbuindo do gosto pela música. Um outro apelo a fazer seria, igualmente, para que o Sr. Prefeito promovesse os entendimentos necessários com os senhores Ministros da Guerra, da Marinha, da Aeronáutica e Justiça no sentido de que a Municipalidade recebesse, também, a cooperação das bandas militares, inclusive a do glorioso Corpo de Bombeiros, nessa cruzada magnífica em prol da educação musical do nosso povo.

F. Corrêa da Silva.

I'M CONFESSIN'

(THAT I LOVE YOU)

Fox de Al J. Nelburg, Doc Dougherty e Ellis Reynolds.

I'm confessin' that I love you
Tell me, do you love me too?
I'm confessin' that I need you,
Honest I do, need you ev'ry moment,

In your eyes I read such strange things

But your lips deny they're true,
Will your answer really change things,

Make me blue?
I'm afraid some day you'll leave me,
Saying: "Can't we still be friends?"
If you go, you know you'll grieve me;
All in life on you depends.
Am I guessin' that you love me,
Dreaming dreams of you in vain,
I'm confessin' that I love you over again.

HE'S GOT A WARM KISS

Do filme da Columbia THE CORPSE CAME C. O. D.

Fox de Allan Roberts e Doris Fisher.

He's got a warm kiss but a cold heart,

A fondle and gold me coress;
Ah yes! He's got the key to my heart's address.

He's got a soft touch but a hard mind,

That St. Louis look in his eye;
Oh, my I'll never trust him,
'Til the day I die.

Don't know why I'm so tached to that man,

That I'm so tached to;
My kin' love to him is like a game of solitaire.

They say I should have more sense;
Why talk to me of horse sense;
I know I'm miserable when he isn't there;

So I take his warm kiss and his cold heart,

Cross my fingers and hope for the best;

Ah yes! That is that thing called love I guess.

CAMINHEMOS

Samba de Herivelto Martins

Gravado por Francisco Alves

Não! Eu não posso lembrar que te amei...

Não! Eu preciso esquecer que sofri...
Faça de conta que o tempo passou
E que tudo entre nós terminou
E que a vida não continuou

Para nós dois...
Caminheemos! Talvez nos vejamos depois...

II

Vida comprida,
E tal a longa a...
Parto a procura de alguém
Ou a procura de nada...
Vou indo e minho rido
Sem saber onde chegar...
Quem sabe, na volta,
Te encontro no mesmo lugar?

NADA ES VERDAD

Bolero de Rafael Hernandez

No he tenido en la vida
Ni um momento de felicidad
Yo he sufrido en la vida
Lo que a die ha sufrido jamas
Por que he bler de amores?
Si el amor es un soplo fugaz
El perfume de las flores
Que con el viento se va...
Y vivir para que
Cuando ya no hay amor
Que me importa la vida
Y vivir para que?
Cuando el corazón
He perdido la fé...
No he tenido en la vida
Ni um momento de felicidad
Ya yo estoy convencido
Que todo es mania
Que nada es verdad.

AROMAS

Tango de Emilio Fresedo e Osvaldo Fresedo.

En mi pecho ainda una pena
que no sé del todo explicar
sólo siento que corre serena
una vida que pasa y se va.
Como aromas d'ja el pasado
de otro tiempo que fué mejor
y e e su no de nino, dorado,
vió lo cierto cuando despertó.

III

Es el recuerdo de ayer
que me invita a pensar
porque p'lpito en él
las aventuras de amor,
el colegio, el p'picio
que he ll br juguetón.
Y de las flores de casa
aquel perfume embriagador
ya no lo siente el que pasa
porque fué el tiempo
quién lo llevó.

Quando tu mente vuelva
a los años que se vin
siempre verás la huella
con antojos de llorar.
Cu ntas l silu iones...
cu ntas mi alma vió pasar,
y ellas están entonces
casi borradas porque se van.

A vida de Carlos Magno

(Cont. da pág. 34)

compeliu-os todos, inclusive a nobreza, a prosternar-se e beijar-lhe o augusto pé quando viessem à sua presença.

V

Carlos Magno não tinha nenhum interesse pelo povo — mas tinha-o, e grande, pelas suas conveniências. Na sua astúcia, criava leis que refreassem a impetuosidade dos súditos. Essas leis, em primeiro lugar, inculcavam-lhes a necessidade de irrestrita obediência ao rei. Mas, secundariamente, ajudavam a abolir muitas perdas entre os vassallos e a produzir uma administração mais eficiente dos negócios públicos. Pelo menos durante algum tempo, introduziram uma aparência de ordem na desorganização e anarquia da Europa medieval. A fraqueza dessas leis residia no fato de Carlos Magno assentar a segurança do império sobre a vida dum só homem, que era ele mesmo. Quando morreu, o império morreu com ele.

Mais importante, por mais duradouro, que o seu código de leis, foi o sistema educacional que instituiu. Nisso está a sua contribuição real para a história. Embora inculto, tinha grande respeito pela instrução. Suas conversações com os bispos revelaram-lhe a fértil imaginação num mundo mental mais vasto, mais interessante e talvez mais rico de vida que o mundo físico que ele conquistara a ponta de espada. Começou a brincar com esse novo mundo como uma criança. Convidou os homens mais cultos da Europa a pronunciar, para os seus cortesãos, conferências sobre retórica, filosofia e astronomia. Amado assistia pessoalmente às conferências e escutava absorto a revelação desse estranho mundo da ciência. Tentou mesmo aprender a escrever. Mas era uma tarefa com que não estava familiarizado, e, como observa o seu amigo e biógrafo Eginardo, "foi começada muito tarde, de modo que Carlos Magno fez poucos progressos nela".

Mas, ainda que ele próprio fosse iletrado, insistia no adiestramento sistemático das crianças francas, tanto ricas como pobres. A disciplina duma educação completa, acreditava, faria deles súditos mais obedientes e melhores soldados. Com esse fim abriu grande número de escolas no país, entre as quais sobressaía a famosa Escola do Palácio. Para ensinar nelas convidou os melhores mestres da Itália, da Irlanda e da Inglaterra. Todos os que tinham "sabedoria à venda" encontravam pronto mercado nas escolas de Carlos Magno. O mais eminente desses mercadores de cultura foi Alcuino de York, sábio e poeta, educado na famosa "Cathedral School" da Inglaterra. Era um inglês típico — um homenzarrão de sorriso cordial, voz forte e generoso apetite para os bons pratos e a boa camaradagem. Tinha dado um excelente primeiro ministro na Inglaterra do século dezanove. E deu um ótimo superintendente da educação na corte de Carlos Magno. Introduziu na Escola do Palácio o curso regular do sistema educacional inglês, as sete artes liberais — gramática, retórica e lógica, aritmética, geometria, astronomia e música. Em adição a essas, ou antes, como uma disciplina fundamental que as abrangesse a todas, adestrava os rapazes numa oitava arte, não tão liberal — a cega obediência à vontade do rei. Porque Alcuino, como Carlos Magno, era um produto da sua época. A liberdade individual era coisa nem sequer sonhada na filosofia do século nono.

Como era de esperar, as regras de precedência eram meticulosamente observadas na Escola do Palácio. Nesta escola havia rapazes ricos e pobres. Mas as diversas categorias de estudantes, como as dos cortesãos e fâmulos, tomavam

as refeições a horas diferentes. Primeiro, naturalmente, comia Carlos. Depois dele os nobres eram servidos, na segunda mesa. Vinha então a terceira mesa com os oficiais militares e os alunos mais ricos. Depois de terminarem estes, era servida a quarta mesa para os criados dos alunos ricos, e para os alunos pobres. Em quinto lugar, os restos da comida eram servidos às pessoas restantes — isto é, aos criados dos criados. Destarte a gente pobre da corte de Carlos Magno era educada tanto na disciplina moral como na física. Tinham de cultivar não só um coração submisso mas também um estômago obediente.

Devese admitir, entretanto, que o próprio Carlos Magno era sobrio nos seus apetites. Alizera-se a manter um corpo sadio e ativo, sempre pronto para uma marcha inesperada. Os escritores românticos, na ânsia de elevá-lo a alturas sobrehumanas, exageraram-lhe a capacidade

de do estômago. Numa única refeição, contam eles, Carlos devorava um ganso, dois frangos e um quarto de carneiro. Mas este apetite gargantuesco está bem em proporção com a sua força física e estatura colossais, como as descrevem os livros daqueles escritores. Carlos media, afirmam eles, oito pés

de altura — na realidade, tinha pouco mais de seis pés — e podia, com um só golpe da sua espada (assim querem fazer-nos acreditar), cortar em dois um cavaleiro com o respectivo cavalo.

Num ponto, entretanto, os cronistas não exageraram muito. A investigação histórica demonstrou que o seu apetite carnal

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA?

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE.
Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL
CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe de Clínica de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Goes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cinelândia. Fones: 22-5110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas.

O seu ponto de destino está incluído em nossas rotas?

Desfrute, então, a segurança e o conforto que lhe proporcionam as nossas viagens aéreas.

ESCALAS DOS AVIÕES DA LAB

RIO - SÃO PAULO - RIO DIARIAMENTE

Vitória

Ilhéus

Salvador

Aracaju

Maceió

Recife

João Pessoa

Campina Grande

Natal

Uberaba - Uberlândia - Araguari e Ituiutaba

MÁXIMA ATENÇÃO - PERFEITO SERVIÇO DE LANCHE A BORDO

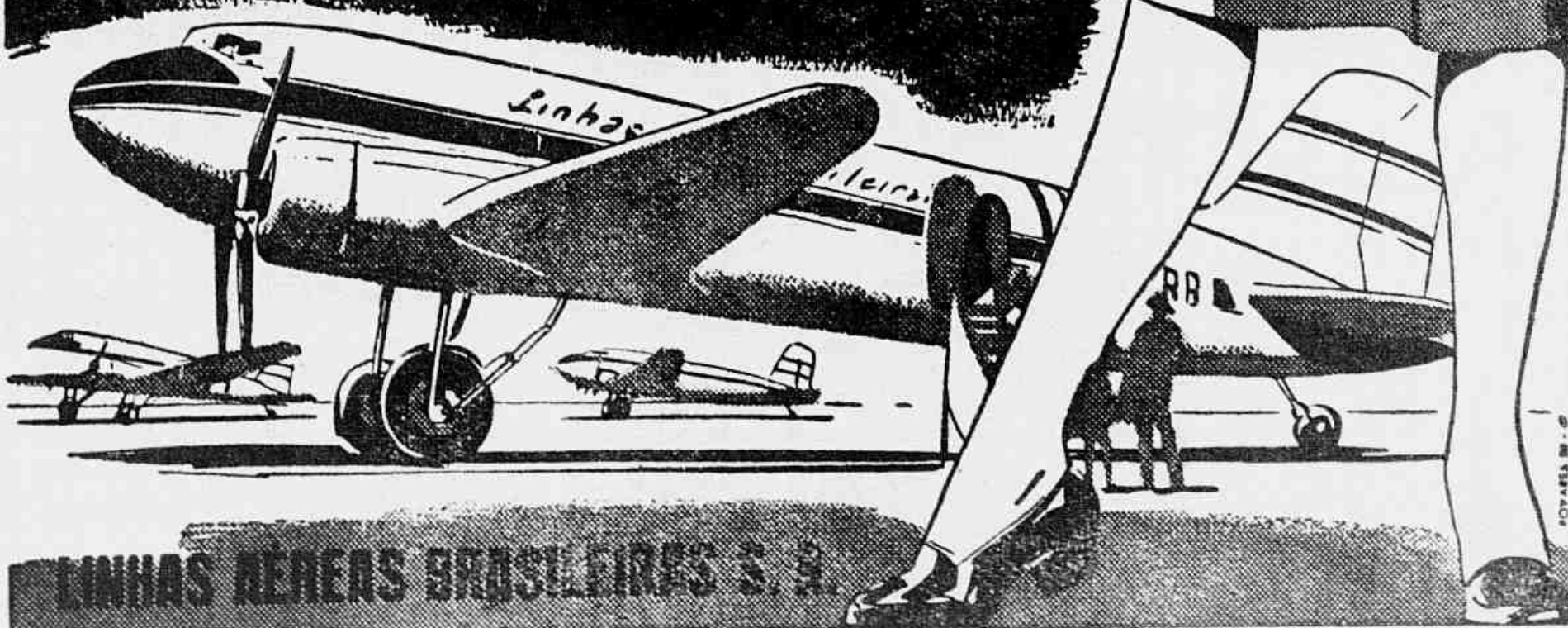
VIAGENS AÉREAS
"LAB"

Passagens no Rio:

Rua Santa Luzia, 305 - Tel: 42-3388 e 42-3398

Em São Paulo:

AG. Marabá - Av. Ypiranga, 795 - Tel: 4-9896



MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 23-0436

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL**



**antisséptico.
adstringente
bactericida**

**O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.**



ECOS DA CONFERÊNCIA DE CRIMINOLOGIA — Entrega do Prêmio Afrânio Peixoto, instituído pelas Companhias de Seguro do grupo da Sul América, na cerimônia realizada no Palácio do Itamarati pelo IBECC. Na gravura vê-se o Ministro Raul Fernandes no momento em que fazia a entrega da importância de 50.000 cruzeiros ao Prof. Mariano Ruiz-Funes, autor do melhor trabalho apresentado ao Congresso, intitulado "Criminologia da Guerra".

era fora do comum. Teve cinco mulheres, quatro concubinas e dezesseis filhos. Alguns anos após a sua morte um monge compôs a *Visão de Weltin*, em que descrevia Carlos Magno no purgatório, com um abutre a roer-lhe incessantemente o pecaminoso corpo. Não lhe era necessário, entretanto, entrar no purgatório depois da morte para ser castigado pelo seu apego às mulheres. Para estas ele não foi, mesmo em vida, nenhum herói. Prevalecendo-se da sua paixão, todas elas o atormentaram, umas mais, outras menos. Uma das esposas, Fastrada, era — para citar a expressão do poeta saxônio — "como o pulsar dum carbúnculo inflamado".

Mas, a despeito dos seus dissabores domésticos — ou, talvez devamos dizer, em compensação de seus dissabores domésticos — continuava vencendo inimigos, alargando os seus domínios e recebendo os hosannas dos vassallos prostrados. Por fim, no inverno de 814, teve

um ataque de pleurisia. Com a obstinação supersticiosa daquela época, recusou assistência médica e tratou de curar-se jejuando. Foi enfraquecendo gradualmente, e a 28 de janeiro de 814, aos setenta e dois anos de idade, morreu, sendo enterrado no mesmo dia.

Deixou a três de seus filhos um vasto império, que comprara com a morte de seres humanos. Mas esse império não sobreviveu aos três herdeiros. Desmembrou-se, por uma razão muito simples. Uma união de nações não pode ser cimentada com o sangue de homens matados. A conquista produz ódio, o ódio se acende em vingança, e esta traz a destruição. Assim, os vencidos tornam-se rebeldes, os rebeldes se convertem em novos conquistadores, e o círculo vicioso se completa no ponto de partida. Entretanto, perderam-se milhões de vidas e nada se ganhou.

(Do livro "Vidas de estadistas famosos").



O grande barítono Paulo Fortes, nome consagrado nos meios artísticos e radiofônicos brasileiros, está atuando na Rádio Mayrink Veiga, desde o dia 29 de Julho pp., num programa patrocinado exclusivamente pela AEROVIAS BRASIL.

O clichê acima fixa e flagrante da assinatura do contrato, vendo-se os Srs. barítono Paulo Fortes, Arlindo Moura, Gerente de vendas da Aérovias Brasil; Renato Batista, da Rádio Mayrink Veiga e Antônio José Duarte, Diretor Comercial da Empresa de Propaganda Poyares, — responsável pela propaganda da AEROVIAS BRASIL.

João Feliciano

(Continuação da pág. 47)

Ainda bem que o pensamento é um senhor discreto. E o pensamento de João Feliciano era como todos os outros pensamentos. O velho mal adivinhava o que João Feliciano sentia quando o olhava, quando o observava.

Tio Luquita sentou-se na cadeira de palha esticada e escura, acomodou-se bem no buraco do centro e numa contemplação distante, olhos fixos em lugar nenhum, com o polegar limpava acariciadamente a peluda cova da narina direita.

João Feliciano estava à porta. De cócoras, pensamento fixo numa sinuosa e desconhecida viagem. Coração descompassado, fruindo naquela tranquilidade da noite, a ventura de ser ainda, algum dia, dono de suas decisões e de seus desejos. Sentia a noite lhe trazer uma certa liberdade, fora da vista dos outros, da vontade dos outros. Movendo o fiapo de capim que tinha crescido à porta do rancho, ia idealizando a melhor maneira para fugir. Longe, espoucavam bombas. Um frêmito lhe passou pelo corpo jovem e, sem saber porque, pensou na guerra. Que felice, nem se lembrava que era dia de Santo Antonio. Olhou em redor apreciando o contorno da lua boiando nas águas tranquilas do lado que ficava na frente, e suspirou.

— Deve ser bom ir até a lua. Vê-se daqui, desenhos de montes, arabescos, talvez palácios, talvez outra gente diferente. Tão longe a lua, tão longe o céu. Tão longe a liberdade da gente.

Na véspera de São João os amigos de João Feliciano vieram vê-lo: — Como é, João, você não vai festejar?

— Festejar o que?

— Que? Então você não sabe que hoje é dia vinte e três, véspera do teu santo? Vamos fazer uma festa, fogueira e uma grande farra?

João passeando o olhar pelos olhos brilhantes dos companheiros, media as dificuldades:

— Vocês pensam que se faz farra sem dinheiro?

— Ora que bobagem, advertiu Russinho, — dinheiro? Olhem como ele tem tipo de anjo bom! Os outros riram e João Feliciano cerrou o sobrolho.

— Não me venham falar no dinheiro daquele velho sujo do meu tio, porque nada arranjarão comigo.

O Russinho, maldosamente, buscou uma semente de tentação para lançar no espírito de João Feliciano. Encontrou logo: A Marta.

— Está bem. Vamos andando para arranjar a festa. Deixem o anjo aí esperando que o miserável do tio atreva-se a dois vinténs. Vamos buscar a Marta e toca pra frente. João não se conteve. A Marta ia também. Pela primeira vez na sua vida sentiu o coração sacudindo quando noutro dia encontrara a Marta tirando lenha no mato. Ela se embarafustara pelos molhos de tiririca brava e ficara gritando. Ele mal acabava de acertar numa araponga quando ouviu os gritos. Já sabia que era ela. Muitas vezes quando andava caçando, encontrava-a tirando lenha. Procurou-a. Pensou logo numa jararaca. A Marta talvez tivesse sido picada. Andou um pouco e já estava ela, caída numa moita de tiririca. Pegou-a no colo. Sentiu bem um pedaço de coxa quente e macia, teve até tempo de ver, sem querer, a carne branca e rosada. A blusa velha e fina de fazenda leve, estava aberta por um pedaço. Ficou, João Feliciano, por uns momentos numa inquietação. Depois, pasmado como um espantalho, não sabia mais nada. Aquele pedaço de seio que o rasgão da blusa, em ângulo, deixava à mostra, fez-lhe lembrar as frutas do quintal do capitão. Marta estava chorando e procurava os pedaços do vestido para ocultar aquela fruta que despertara em João Feliciano, um estranho desejo indefinível e vago. Ficou por um segundo imóvel, e depressa deu as costas, assim que recuperou o seu sentido verdadeiro, e pregou os olhos numa nuvem branca que substituiu uma ausência de ramos. E enquanto um ruído de folhas amassadas se perdia pelo mato na disparada de Marta, ele

sentiu uma vibração esquelética e diferente, vontade de chorar misturada a um desejo indisciplinado de apertar alguma coisa nas mãos inquietas...

Porque era ele assim, diferente dos outros? Sempre desconfiava que era diferente dos companheiros. E agora eles estavam com Maria, iam falar com ela... e ele ficaria ali, olhando a água morta da lagoa, quieto e nudo no dia do seu santo.

★

Na noite a paisagem de sempre estava profundamente muda. Nem a figura de João Feliciano, nem outra qualquer silhueta. Ao rancho chegava o bufarinho, numa voz rouca e desconcertada, cantando uma quadra que se ia perdendo pela redondeza:

"Se São João soubesse
Quando é o seu dia,
Descia ao mundo,
Muita festa fazia."

Tomou o silêncio depois o seu novo lugar no sítio. Lá no arraial, sim, estava a algazarra feliz, misturada ao pipocar dos fogos. Todos já estavam cansados de se divertir. A fogueira começava a se desintegrar do cruzamento críado os toros em brasas rubas. João Feliciano pensava. Acorado no degrau da escada da escola pública, namorava os gestos de Marta namorando o filho do prefeito. Ela nem tomara conhecimento da sua presença, do seu olhar. E o Claudio ficou dançando com ela, enquanto João Feliciano buscava uma estrada sinuosa e deserta, que lhe levasse a alhures, fora da corrente de ferro do velho e da algema inconsciente de Marta.

★

Passaram-se mais alguns dias e ninguém viu mais o bufarinho nem o sobrinho. Russinho procurou investigar. Foi ao rancho. Tomou o caminho estreito e desapareceu. Era quase impossível caminhar para a frente. Um cheiro de carniça, de podridão. Algo de trágico lhe passou pela cabeça. Furando o ar empestado, foi dar no rancho. Es-



Curtis assetinada e jovem...



Com a maravilhosa espuma de
Fêno de Chimène, o sabonete
imaginado especialmente para você.

*Fêno de
Chimène*

PERFUMARIA CHIMÈNE
SÃO PAULO



ESTIMULE O APETITE

Se seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA DURYEA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com a insubstituível

MAIZENA DURYEA

MARCA REGISTRADA



57 - TRIANGULO

cancarada, a porta era moldura de um quadro estarecedor. Virou a tremer como sacudido por coisa má, cabelo eriçado e desandou a correr até à venda do Antonico. Sentaram-no numa cadeira para que descansasse um pouco, tal era o seu aspecto de exaustão. Olhos quase fora das órbitas, tremelizando e gaguejando, contou o fato. Foram todos ao rancho, lenço no nariz, embebido em estrato barato, cheirando mais a cânfora do que a essência de rosas. Quem podia chegar perto? Já estava morto desde muitos dias, pelo aspecto e pelo mau cheiro. O bufarinheiro sentado na única e velha cadeira do rancho, amarrados os braços para trás, as pernas também amarradas. O pescoço enforcado por um lenço amarelo e a língua crida monstruosamente sobre o peito, era como se estivesse pecando para forçar a cabeça a se inclinar para a frente. Tudo mexido e os velhos trastes espatifados. E João? Bandido, disseram alguns. Nem um pouco de gratidão pelo velho...

A polícia tomou conta do caso e todos queriam encontrar João Feliciano. Promessas de linchamento, de cuspidelas, de guascações. E enquanto a procura estava sendo feita pelos homens da lei, as línguas dos conhecidos trabalhavam dia e noite condenando João Feliciano.

Afinal, encontraram-no exausto, dormindo num montão de folhas secas, no caminho que levava as gentes para o sul. Algemado, João procurava compreender. As grades eram mais fortes agora. Antes, ele só podia meditar no pensamento, quando era prisioneiro voluntário do bufarinheiro. Agora ali, bem visíveis à sua frente, tolhendo a sua liberdade de movimentos. Os navios passavam ora para o norte, ora para o sul, desdenhando da sua ânsia de libertação acalentada durante toda a sua vida. Tinha de ser assim. Quem pode fugir ao destino? pensava. Nas-

cera para não pertencer a si mesmo. Enquanto procurava esquecer, fazia cestas de conchas da praia, que os garotos lhe davam através das grades. Vendia algumas por intermédio do carcereiro e dava outras. Ys vezes, às pessoas que visitavam os presos, em troca da paciência de ouvirem a sua história. Era inocente. Estava ali inocente. Mas se todos os presos diziam a mesma coisa, quem lhe havia de acreditar?

Ele sabia que lhe perguntaram no tribunal onde tinha posto o dinheiro do velho. Não tinha o dinheiro, não sabia do velho. E essas únicas palavras lhe deram aquelas grades de ferro, separando-o do mar e dos navios. Também já se tinha acostumado ali na prisão, em vinte anos, arquitetando e idealizando modelos de cestas de conchas. Certa manhã abriram-lhe a porta da cela. Muita gente estranha estava na sua frente. Fotógrafos, jornalistas, curiosos. Todos queriam falar-lhe. Todos queriam ouvir a sua história. Todos. Mas João Feliciano não podia falar. Contaram-lhe tudo. Antônio da venda acabara de expirar e chamara a polícia para confessar. Fora ele o autor do crime do bufarinheiro. Matara para roubar. Não queria morrer sem dizer a verdade.

João Feliciano não dizia palavra. Agarrado à cesta a que estava acabando de dar os últimos retoques, chorava um choro convulsivo e amargo, como jamais chorara em toda a sua vida de prisioneiro.

Um cão ladrava lá fora, e fora também vibrava a música do mar. João Feliciano naquele choro de desabafo de vinte anos perdidos em cestinhos de conchas da praia, interrogava a si mesmo como era possível que Deus achasse tão grande aquele crime de querer ser livre como o vento que anda solto no mundo, sem dono e sem penitências.

Música --- Temporada lirica

(Cont. da pág. 19)

Os acontecimentos do ano passado vieram a refletir-se, este ano, na organização da temporada lirica. Revendo Gigli, ao mesmo tempo acolhemos Barbato, de Falchi e Ana Fargone, que sobraram no elenco do Carro de Téspis, atados, com o de Fabritius, Attilia Radice e Giulio Neri, a sólidos contratos.

Efetivamente, já não chegava cedo essa renovação. Estávamos assistindo, ano após ano, a uma queda cada vez mais acentuada no nível dos espetáculos. Os conjuntos continham, sempre, além de um ou dois artistas verdadeiros, uma lista infindável de mediocridades que ocupavam o palco do nosso principal Teatro, para oferecer-nos velhas poeirentas das mais repetidas partituras, sem revê-las, com o ardor, o entusiasmo, a força do bel canto, no melhor sentido da palavra.

Foi isto que nos deu, ano passado, o Carro de Téspis. A ressurreição da Itália. Vozes novas da Itália. Vozes novas, frescas, bem timbradas. Nem sempre os escrupulos rigorosos da boa escola presidiram ao seu canto. Mas a espontaneidade salvava tudo.

Em Raffaele de Falchi, vimos uma dessas vozes "naturais" privilegiadas por dom exclusivo de beleza de timbre, de extensão grande e emissão fácil.

Elizabetta Barbato nos pareceu a figura mais completa — Uma certa hesitação na parte dramática foi o único

reparo que pusemos. Quanto ao mais, excepcional, aliando as qualidades de cantora raros dotes físicos, que despertaram o entusiasmo do público em papéis que exigem uma certa elegância, como Aida, personagem de indumentária bastante simplificada...

Ana Fargone deu-nos uma interpretação da Butterfly, que encontrou no desenvolvimento da nota patética a sua característica principal. Uma frágil e tímida "Butterfly". Na "Bohème", da mesma forma.

Mas é preciso sobretudo não esquecer aquele Don Basilio de Giulio Neri, que, no "Barbieri di Siviglia" teve, como Barbato, na "Tosca" a sua definitiva consagração.

Danielle Darrieux..

(Cont. da pág. 31)

O filme em questão é da "Films A. Paulvé", companhia cinematográfica francesa. Chama-se "Ruy Blas". É o célebre drama de Victor Hugo, adaptado para o ecran por Jean Cocteau, o notável animador de "L'Eternel Retour" e "La belle et la bête". Os protagonistas principais da película são Danielle Darrieux, Jean Marais, Gastille Derziat, Alexandre Rignault, Paul Amiot, Gilles Quéant, Jeanes Salinas, Grasso e outros.

O drama se passa na Espanha, em Madrid, em fins do século XVII, sob o reinado de Carlos II. A Espanha se desagrega. Carlos II, enfermo, entrega o reino aos cuidados da rainha. Na corte, as intrigas tomam vulto assustador. Surge, então, um jovem laico, Ruy Blas, e aí começa um grande drama de amor.

Danielle Darrieux faz o papel da rainha da Espanha e o jovem laico é o talentoso artista Jean Marais. Segundo nos afirmam entendidos no assunto, "Ruy Blas" promete ser um dos melhores filmes de 1947. A sua filmagem foi mantida em segredo até o presente e só a partir do dia 20 do corrente começaram a aparecer algumas notas a respeito do filme, nas revistas cinematográficas locais.

O público parisiense aguarda com grande impaciência e curiosidade a estréia desse novo filme que se dá, segundo se acredita, dentro de cinco semanas. Enquanto isso, Danielle Darrieux continua trabalhando no teatro, sempre com a casa cheia, encantando o público. A jovem "estrela" nunca foi tão popular como agora. Aqui, vemos quão estúpidas e descabidas certas notícias que a apresentavam como colaboracionista. Tivesse sido e estaria, como Corinne Luchaire, banida do teatro e do cinema... Depois de terminar o filme, Danielle sairá para passar suas férias longe do cinema, do teatro, de Paris... Quer descansar e deve descansar, pois sua volta ao cinema, ao mesmo tempo que se dedica ao teatro, a deixou bastante abatida.

Contudo, Danielle Darrieux continua linda. Com justa razão um cronista a chamou de "eterna primavera", porque o tempo, esse terrível inimigo das mulheres, ou respeitá essa belíssima criatura, ou não consegue deixar no seu rosto os traços da sua passagem que tanto vem prejudicando as "estrelas" que têm a mesma idade de Danielle...



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

TRAGÉDIA FEMININA

É tão delicada e sensível a saúde feminina, que a perturbações tão frequentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito esta triste sugestivo: "A Tragédia Biológica da Mulher". Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos que os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de toda ordem, dores, mal-estar nervosismos, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitor não permita que a sua vida se transforme em tal tragédia! A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos — o Regulador Xavier. O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier Nº 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2, de acordo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde, e viva alegre e feliz todos os dias e todos os meses do ano.



LIVING

Móveis em madeira óleo vermelho. Poltrona e cadeira forradas com tecido de seda lisa, sofá em cretone americana, cortinas no mesmo cretone, forração do piso com passadeira de lã verde água, paredes frêse com tecto branco

Mobiliarios — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA. 67 - RIO



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz